

**FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**MARCELO ÁVILA FRANCO**

**ACONSELHAMENTO PASTORAL EM SITUAÇÃO DE MORTE A PARTIR DE UM  
ESTUDO DA GRAPHIC NOVEL “MORTE” DE NEIL GAIMAN**

**São Leopoldo**

**2023**

MARCELO ÁVILA FRANCO

**ACONSELHAMENTO PASTORAL EM SITUAÇÃO DE MORTE A PARTIR DE UM  
ESTUDO DA GRAPHIC NOVEL “MORTE” DE NEIL GAIMAN**

Dissertação de Mestrado Para a obtenção  
do grau de Mestre em Teologia Faculdades  
EST. Programa de Pós-Graduação em  
Teologia Área de Concentração: Teologia  
Prática.

Pessoa Orientadora: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F825a Franco, Marcelo Ávila  
Aconselhamento pastoral em situação de morte a partir  
de um estudo da Graphic Novel "Morte" de Neil Gaiman /  
Marcelo Ávila Franco ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São  
Leopoldo : EST/PPG, 2023.  
124 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2023.

1. Aconselhamento pastoral. 2. Morte. 3. Histórias em  
quadrinho. 4. Finitude humana. I. Reblin, Iuri Andréas,  
orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARCELO ÁVILA FRANCO

**ACONSELHAMENTO PASTORAL EM SITUAÇÃO DE MORTE A PARTIR DE UM  
ESTUDO DA GRAPHIC NOVEL “MORTE’ DE NEIL GAIMAN**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 30 de março de 2023

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. RUBEN MARCELINO BENTO DA SILVA (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. RENATO FERREIRA MACHADO (DOM BOSCO)  
Participação por webconferência

Assinado  
digitalmente por  
Iuri Andréas Reblin  
Data: 11/07/2023  
14:17:02 -03:00



Assinado digitalmente  
por  
Ruben Marcelino Bento  
da Silva  
Data: 13/07/2023  
19:54:07 -03:00



Esta pesquisa é dedicada à minha amada Patrícia e meus  
“MiMu’s” Milena e Murilo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que de certa forma contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Patrícia, minha amada esposa, por todo apoio nos momentos mais difíceis desse desafio.

Aos meus filhos, Milena e Murilo, sem vocês todos esforços não teriam sentido.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin pelas orientações e ensinamentos ao longo de toda esta jornada.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me concedeu uma bolsa de estudos para realizar essa pesquisa.

**Em memória de...** Meu pai, Egon Costa Franco. E meu avô Adão Renee Ávila.

A morte não é nada para nós, pois, quando existimos,  
não existe a morte, e quando existe a morte, não  
existiremos mais.

Epicuro de Samos.

## RESUMO

O nascer e o morrer participam com relevância equivalente no contexto ao longo de nossas vidas, seguem sendo como os lados opostos de uma balança, extremidades que jamais se cruzam, e verdadeiros polos que produzem manifestações em todos os seres vivos. Quando alguém se vê frente a uma crise ou mesmo dirigindo-se ao encontro da finitude, reações se iniciam e o indivíduo se vê frente à possibilidade de vivenciar a experiência única de terminalidade de sua vida. Assim nos vemos frente às crises e negações de afastamento da possibilidade de morrer. Neste contexto, torna-se necessário pesquisar o tema em questão a fim de promover um melhor entendimento do assunto entre a sociedade e profissionais que irão trabalhar com pacientes em situação de vulnerabilidade emocional, tais como profissionais da saúde. Além disso, pretendemos verificar a importância de uma intervenção do “Aconselhamento Pastoral” nesse contexto, objetivando evidenciar o significativo incremento que este tipo de abordagem pode gerar em se tratando de apoio emocional frente à representação social de morte no contexto cultural. Em decorrência da intensificação do debate acerca do tema, é importante ressaltar que o fomento do diálogo, da fala e principalmente da escuta - sobre este assunto que ainda é um tabu em nossa sociedade converter-se-ia em iminente colaboração para a sua desmistificação. Por meio de revisão literária e análise de artigos, objetiva-se apresentar uma melhor compreensão do tema para profissionais, bem como expressar a relevância do aconselhamento pastoral para pessoas que se encontram nessa situação. Como objeto de estudo usamos a HQ “Morte” de Neil Gaiman que traz em seu contexto inúmeros pontos relevantes para discussão da morte. Neste encadernado, a morte aparece na imagem de uma linda garota vestida de preto, demonstrando um otimismo e humor fora do comum, e uma capacidade sem igual de resiliência. No primeiro capítulo apresentamos as fases frente a morte, os medos e questões relacionadas à morte no contexto social. No segundo discutimos as circunstâncias culturais e o enfrentamento do profissional da saúde diante da possibilidade de finitude da vida humana, baseando-se na autora Elisabeth Kübler-Ross. No terceiro capítulo enfatizamos a HQ, brevemente discorrendo sobre o enredo e principais personagens contidos nas histórias, relacionando-os com a dimensão e relevância que o tema escolhido tem em nosso cotidiano real. No último capítulo apresentamos a promoção que o aconselhamento pastoral realiza no bem-estar físico, espiritual e psicológico, junto àqueles que se encontram em sofrimento.

**Palavras-chave:** Morte. Aconselhamento Pastoral. Histórias em quadrinhos. Finitude Humana.

## ABSTRACT

Birth and death participate with equal relevance in the context throughout our lives, They continue to be like the opposite sides of a scale, ends that never cross, and true poles that produce manifestations in all living beings. When someone is faced with a crisis or even facing finitude, reactions are initiated and the individual is faced with the possibility of experiencing the unique experience of terminality in his life. This is how we find ourselves facing crises and denials of moving away from the possibility of dying. In this context, it is necessary to Research the topic in question in order to promote a better understanding of the subject among Society and professionals who will work with patients in situations of emotional vulnerability, such as health professionals. In addition, we intend to verify the importance of a "Pastoral Counseling" intervention in this context, aiming to highlight the significant increase that this type of approach can generate when it comes to emotional support in the face of the social representation of death in the cultural context. As a result of the intensification of the debate on the subject, it is important to emphasize that the promotion of dialogue, speech and especially listening - on this subject, which is still a taboo in our society, would become an imminent collaboration for its demystification. Through a literary review and analysis of articles, the objective is to present a better understanding of the subject for professionals, as well as to express the relevance of pastoral counseling for people who find themselves in this situation. As an object of study we use the comic book "Death" by Neil Gaiman, which brings in its context numerous relevant points for the discussion of death. In this booklet, death appears in the image of a beautiful girl dressed in black, demonstrating unusual optimism and humor, and a unparalleled capacity for resilience. In the first chapter we present the phases facing death, the fears and questions related to death in the social context. In the second, we discuss the cultural circumstances and the health professional's coping with the possibility of the finitude of human life, based on the author Elisabeth Kübler-Ross. In the third chapter we emphasize the comic, briefly discussing the plot and main characters contained in the stories, relating them to the dimension and relevance that the chosen theme has in our real daily life. In the last chapter we present the promotion that pastoral counseling performs in the physical, spiritual and psychological well-being, with those who are in suffering.

**Keywords:** Death. Pastoral Counselling. Comics. Human Finitude

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa livro Morte.....	36
Figura 2 – Personagem Sonho entediado.....	40
Figura 3 – Sexton Furnival e a Morte .....	44
Figura 4 – celebração desfile na Cidade do México.....	68
Figura 5 – <i>Día de los Muertos</i> .....	70
Figura 6 – O Suicida “1880” .....	85
Figura 7 – Philippe Champaig .....	107
Figura 8 – Clássica capa do disco “Abbey Roud” dos Beatles 1969.....	112

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 ACONSELHAMENTO PASTORAL</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1 A Importância do Aconselhador Pastoral</b> .....	<b>21</b>
2.1.1 A Comunicação dentro do processo de acolhimento .....	24
2.1.2 O Silêncio dentro da comunicação .....	26
2.1.3 Aconselhamento Pastoral Frente a Morte .....	29
<b>2.2 Aconselhamento Pastoral para Sexton Furnival</b> .....	<b>31</b>
<b>2.3 Aconselhamento Pastoral no Ambiente Hospitalar</b> .....	<b>34</b>
<b>3 “MORTE”, HQ DE NEIL GAIMAN</b> .....	<b>36</b>
<b>3.1 O Som de suas Asas</b> .....	<b>40</b>
<b>3.2 Morte: o alto preço da vida</b> .....	<b>42</b>
<b>3.3 Morte, o grande momento da vida</b> .....	<b>45</b>
<b>3.4 Medo da Morte</b> .....	<b>48</b>
<b>3.5 Como enfrentar a morte</b> .....	<b>54</b>
<b>3.6 Simbologia da Morte</b> .....	<b>56</b>
<b>4 DESMISTIFICANDO O MORRER</b> .....	<b>59</b>
<b>4.1 A Finitude Cultuada com muita vida e memória – O “Dia de Los Muertos”</b>	<b>65</b>
<b>4.2 A Morte e o profissional da saúde</b> .....	<b>70</b>
4.2.1 Morrendo em Cuidados Paliativos .....	76
4.2.2 Comunicação de Notícias Difíceis .....	79
4.2.3 A Morte pelo Suicídio .....	83
<b>4.3 A Única Certeza da Vida é a Morte</b> .....	<b>86</b>
<b>5 A PRESENÇA INEVITÁVEL DA FINITUDE</b> .....	<b>91</b>
<b>5.1 Ciclo Natural de Nossas Vidas</b> .....	<b>93</b>
<b>5.2 Resistência Social e o Morrer</b> .....	<b>98</b>
<b>5.3 As fases frente a possibilidade do morrer</b> .....	<b>102</b>
5.3.1 Negação .....	102
5.3.2 Raiva .....	103
5.3.3 Negociação ou Barganha .....	104

5.3.4 Depressão .....	105
5.3.5 Aceitação.....	105
<b>5.4 A finitude retratada na arte – vanitas e narciso.....</b>	<b>106</b>
<b>5.5 O Som da Morte (A Finitude Eternizada Na Música) .....</b>	<b>109</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A morte é o último ato de nossas vidas, é a parte final do “filme” que vivenciamos neste mundo, porém somos cheios de resistências e negações frente a esse fenômeno. Discutir sobre o morrer gera desconforto na maioria das sociedades, sobretudo, ocidentais. As pessoas tendem a encarar a morte como algo ruim, um instante que não deveria ou precisaria existir. Mas o fato é que a finitude humana caracteriza a condição de sermos finitos, sendo este aspecto evidenciado através de um fenômeno natural sobre o qual não se tem controle acerca do momento de sua ocorrência. Um nascer sempre acarretará um morrer, um desenlace, um final, um desencarnar, etc.

Apesar de as pessoas já conviverem com esse fenômeno desde o início da vida, há resistências em aceitá-lo como parte naturalmente integrante do ciclo vital. Em parte, porque a morte causa a dor da perda para aquelas pessoas que ficam. Há também o próprio medo da dor durante o processo de morrer, por se constituir incógnito quanto ao momento e modo de ocorrência. Estas duas circunstâncias se entrelaçam em muitos casos, como quando ocorre a morte totalmente inesperada, geralmente trágica e ocorrida por conta de acidentes e incidentes causados por contextos sociais de violência. Além do medo da dor em si, há o medo do próprio fim da vida, por conta das incertezas alicerçadas sobre esperanças religiosas. Enfim, sendo a busca por sentido inerente à vida humana, a completude que nunca chega torna-se sempre um horizonte entrando em confronto direto com a realidade da finitude.

Após seis anos de vivência profissional inserido no contexto hospitalar, por algum motivo algumas inquietações foram se fazendo cada vez mais presentes e a necessidade de pesquisar o fenômeno da morte foi se transformando em uma paixão. A profissão de psicólogo foi uma escolha, mas se apaixonar por um tema tão pesado, instigante e sombrio, foi um movimento imperceptível mas até certo ponto previsível, devido ao contato com a realidade dos pacientes em UTI's, CTI's, unidades de emergência e outras alas hospitalares e seus familiares. Nestes locais a morte ronda a todo instante, demonstrando seu caráter onipresente e irremediável a qualquer momento.

Na HQ “Morte” de Neil Gaiman<sup>1</sup>, o contexto de morte é apresentado em vários momentos da vida de diversas pessoas. Pode-se perceber que o fenômeno está presente na vida social e que inevitavelmente representa o término da experiência existencial de cada ser vivo. Podemos visualizar como a morte pode aparecer engendrada frequentemente em nossa sociedade, como resultado da busca por experiências instigantes e inicialmente encantadoras, como a bela garota vestida de preto, que se apresenta com um otimismo e bom humor fora do comum, com uma capacidade de resiliência singular.

Diante disso, a problemática de pesquisa encontra-se centralizada na seguinte questão: A morte sempre foi um tabu, embora desde os primórdios da civilização desperte no ser humano uma elevada inquietação e curiosidade, e por isso a sociedade inúmera vezes não saiba como abordar esse tema. A partir desta problemática, surgem vários questionamentos: Como lidar com esse assunto? Doença e sofrimento são partes integrantes no contexto do morrer e a morte faz parte da condição humana, por que então falar desse tema é tão difícil? De que forma podemos abordar esse tema de maneira natural? Qual seria a melhor maneira de se desenvolver esse assunto, sem trazer junto o pensamento de resistência da sociedade em aceitar a morte como algo natural?

Objetivando minimizar o sofrimento causado pelo conflito decorrente da resistência à sua aceitação, propõe-se a inserção ou intensificação de um apoio emocional para quem se vê frente a possibilidade de morrer, vivenciando uma crise emocional ou mesmo para quem trabalha na área de saúde e se depara com a finitude em vários momentos de sua rotina. O Aconselhamento Pastoral como forma de alívio e busca por um melhor entendimento do momento difícil em que o indivíduo se encontra, proporciona, através de uma abordagem integrada a valores cristãos, uma ação direcionada ao mundo da fé, do sagrado e da espiritualidade.

A postura do aconselhador se diferencia das demais profissões que proporcionam apoio emocional, tendo em vista que ele não se enquadra na linha de profissionais da saúde. Seu foco maior é oferecer amparo emocional ao indivíduo que está em sofrimento, não fazendo questão de marcar presença por ações terapêuticas e sim por se colocar como um apoio em nome de Deus. Apoio este que pode ser

---

<sup>1</sup> GAIMAN, Neil. **Morte**. São Paulo: Panini Books, 2014.

direcionado a pacientes, familiares e profissionais que atuam diante das circunstâncias do morrer.

Assim sendo, muitas são as contribuições que um debate sobre a morte ou mesmo sobre o morrer pode trazer para a sociedade, pois quanto mais preparados os profissionais da área e demais indivíduos estiverem, menor serão as consequências do impacto emocional da finitude no trabalho e na vida das pessoas e maior a condição de apoio mútuo e de avanço no próprio debate acerca do tema. Mas como introduzir e desenvolver o conceito de morte como um fenômeno natural, inerente, indelével do indivíduo? Como lidar com as impressões e representações cotidianas sobre a morte e o morrer (a morte como uma *persona*, um anjo, um agente de Deus, uma entidade, um destino) que estão presentes no imaginário e reiteradas nas produções culturais? Nessa direção, quais caracterizações desse fenômeno a obra emblemática de Neil Gaiman traz? Como olhar para essas caracterizações a partir da prática de Aconselhamento Pastoral?

Assim, o objetivo central deste trabalho é investigar as características e as implicações que a representação da morte proposta no livro de Neil Gaiman traz no contexto social, idealizando o fomento do debate acerca do tema da morte, considerando a possibilidade de intervenção terapêutica por meio do Aconselhamento Pastoral.

Apesar do aumento das discussões sobre terminalidade, a morte segue sendo um dos principais tabus de nossa sociedade. Será necessário ter um olhar mais refinado e aprofundado sobre este assunto, visando obtenção de avanço nos esclarecimentos que a sociedade necessita para aceitar de fato a morte como marco final e natural do ciclo de nossas vidas.

A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É sim, “por experiência”, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo<sup>2</sup>.

As tentativas de negar ou simplesmente adiar a morte se materializam em diversas ações humanas: no impulsionamento do avanço tecnológico na área da saúde, da tecnologia, do culto ao estereótipo estético que rechaça o envelhecimento, nas negociações expressas no ato de barganha, no qual fantasias de burlar a morte fazem com que o indivíduo comece a tentar negociar em várias instâncias. A maioria

---

<sup>2</sup> MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro (RJ): Imago, 1997, p. 61.

das tentativas de barganhar a morte está direcionada a Deus, às divindades, sendo geralmente realizadas em sigilo, através de promessas e outros ritos.

Pensando nisso, pretendemos analisar a importância de se receber um apoio emocional em situações de risco ou mesmo de conflitos pessoais. Pretende-se identificar quais implicações que uma história em quadrinhos que aborda o tema morte pode originar nas discussões relacionadas à finitude do indivíduo. Ainda, considerar a importância que a atividade de Aconselhamento Pastoral representa na elaboração interna dos pensamentos e sentimentos que comumente permeiam situações de crises existenciais e momentos de enfrentamento de finitude.

O presente trabalho foi dividido em quatro capítulos, com a finalidade de explorar os conceitos, aspectos sociais, culturais e demais elementos que compõem as características da morte na HQ, bem como, a partir destes, ressaltar a relevância de uma intervenção de Aconselhamento Pastoral. O primeiro capítulo é dedicado a intervenção terapêutica através da atividade de Aconselhamento Pastoral como ferramenta de apoio emocional do indivíduo, seja em situações de crise, conflitos pessoais ou frente à finitude. Considera-se a importância da comunicação dentro do processo do atendimento, bem como a relevância do silêncio como parte dela, integrante do cenário e com grande significado nessa relação. O segundo capítulo está direcionado à obra de Neil Gaiman, descrevendo cada história do encadernado e analisando a relevância do tema em questão, baseado nas representações que a morte deixa no imaginário do indivíduo, além de tratar da simbologia e o medo de morrer. O terceiro capítulo está direcionado a desmistificar a morte, discutindo as relações de tradições de algumas culturas e analisando as dificuldades emocionais enfrentadas por quem trabalha na área da saúde e convive com a presença do morrer. E no último capítulo abordamos o ciclo vital e as fases com relação à possibilidade do morrer. Retratando os porquês de certos comportamentos e a negação frente à morte.

Este estudo foi idealizado principalmente pelo fato do tema morte ser um tabu, pois onde quer que se pense em comentar o tema, a resistência se faz presente, mesmo que de forma velada. Através da experiência de trabalho no contexto hospitalar torna-se evidente que, apesar de, em média, lidarmos com o fenômeno da morte ao menos uma vez a cada dia, não é possível testemunharmos com frequência a sua aceitação como uma continuidade da vida, e sim a equiparação como uma afronta a ela. Por vezes nos percebemos pensando em meios de dar continuidade a uma vida, mesmo que este pensamento se configure já uma distanásia (onde apenas

se prolonga o sofrimento alheio, por egoísmo próprio) e não uma real condição de salvar uma vida. Por todo o aqui resumidamente exposto, percebe-se que se faz necessário fomentar a discussão sobre a morte para que, quiçá, um dia possamos convivermos de forma mais natural e menos traumática com a sua proximidade ou mesmo presença. Desejo uma boa leitura a todos.

## 2 ACONSELHAMENTO PASTORAL

Buscando em um dicionário<sup>3</sup> qual a definição da palavra aconselhamento, podemos obter a explicação de que: “é o ato ou efeito de se aconselhar”, onde a palavra “aconselhar” é definida por dar ou pedir conselho(s) a (alguém); ouvir conselho(s); orientar(-se). Ou também pode ser: auxílio ou orientação que um profissional (pedagogo, psicólogo etc.) presta ao paciente nas decisões que este deve tomar com relação à escolha de profissão, cursos etc., ou quanto à solução de pequenos desajustamentos de conduta.

O termo aconselhamento pastoral tem sua origem da língua inglesa, da palavra “*counseling*” que era usada em meados do século XX diretamente no contexto norte-americano, esse tipo de atividade precisou romper algumas barreiras, entre elas saber se esta tarefa seria uma atividade de um pastor ou de uma pastora, mas outros conteúdos receberam uma atenção tais como, clínica pastoral (acompanhamento pastoral na área da saúde), psicologia pastoral (o interpretar pastoral frente uma condição psicológica) e a poimênica. No livro “Counseling – uma nova profissão de ajuda”, a autora Marcela Danon nos aponta que o termo “Counseling” é descrito pela Associação Européia de Counseling, como sendo

[...] um processo interativo entre counselor (conselheiro) e um cliente, ou mais clientes, que aborda com técnica holística temas sociais, culturais, econômicos e emotivos. Pode concentrar-se sobre o modo de enfrentar e resolver problemas específicos, favorecer um processo decisório, ajudar a superar uma crise, melhorar os relacionamentos com os outros, facilitar o desenvolvimento, aumentar o conhecimento, a consciência de si e permitir a elaboração de emoções e conflitos interiores<sup>4</sup>.

O objetivo maior do aconselhamento pastoral é ajudar o próximo a tratar suas dificuldades emocionais e os mais diversos conflitos, assim melhorando a qualidade de vida do indivíduo. Além disso, fortalece os pensamentos frente à percepção da realidade, evitando atitudes de inadequação e distorção das situações que vai enfrentar frente a sociedade que está inserido.

Conviver em sociedade nos coloca frente a inúmeros medos e incertezas, sempre vamos enfrentar desafios de diferentes níveis. O conselheiro poderá utilizar recursos da psicologia, pedagogia e filosofia, para proporcionar apoio a quem recebe

---

<sup>3</sup> Dicionário online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aconselhar/>. Acesso em: 02 jul. 2023.

<sup>4</sup> DANON, M. **Counseling**, uma nova profissão de ajuda. Curitiba: Iates, 2003, p. 36.

o atendimento. Mas os recursos bíblicos seguem princípios básicos como uma direção, assim como a palavra de Deus.

Podemos dizer que o aconselhador é,

[...] um vocacionado, um chamado por Deus a trabalhar em favor da vida e da Saúde, presença amorosa e libertadora de Jesus que cura. Pessoa rica em humanidade, que comunica proximidade, acolhida e carinho; capaz de escutar e de acolher o outro em sua história pessoal, sua individualidade e oferecer-lhe hospitalidade em seu coração. [...] É uma pessoa discreta, não impõe sua presença, está atenta para captar o que o outro quer e necessita. Respeita os silêncios e confidências. Reconhece sua pobreza, seus limites e está consciente de não poder resolver todos os problemas, porém, tem um coração capaz de acolher o sofrimento e comunicar consolo, serenidade, paz<sup>5</sup>.

Nunca se sabe quando vai acontecer uma crise emocional, seja ela de forma repentina ou mesmo gradativa que vai se instaurando aos poucos, é certo que em algum momento vamos precisar de um apoio ou mesmo uma escuta mais qualificada. Para isso, o aconselhamento tem como objetivo preparar os indivíduos quando chegar esse momento, aproveitando sempre com isto fortalecer um crescimento pessoal frente às adversidades da vida. Segundo Ellis<sup>6</sup>

[...] conselheiro é visto como perito que faz o diagnóstico e a análise do problema, às vezes define ou categoriza o comportamento, e decide sobre soluções para o problema do aconselhamento e, de várias maneiras, comunica estas soluções ao aconselhamento<sup>7</sup>.

Quando acontece uma situação que tira o indivíduo de sua rotina, o seu dia já começa a ter alterações, o comportamento muda em razão das reações iniciais que podem ser de ira, tristeza, ansiedade, angústia, frustração, medo, negação, depressão, entre outras. Cada uma destas reações desencadeia mudanças posteriores em seu comportamento. Neste contexto, situações que envolvam a morte, ou sua proximidade, como a descoberta de uma doença grave, a perda de um ente querido, ou até mesmo a perda de um emprego ou término de relacionamento tem potencial de causarem intensas reações.

Encoraja os conselheiros (mais do que os aconselhados) a dirigir a maior parte da Conversação, a desafiar diretamente as ideias que o aconselhado tem acerca de si mesmo ou do mundo, e, se necessário, argumentar,

---

<sup>5</sup> CELAM. **Guia da Saúde Pastoral para a América Latina e o Caribe**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 65.

<sup>6</sup> COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. São Paulo: Vida Nova. 2005, p.154.

<sup>7</sup> COLLINS, 2005, p. 154.

ridicularizar, ordenar, ou até mesmo xingar o aconselhando a fim de alterar seu modo de pensar<sup>8</sup>.

Alguns pontos devem ser levados em conta, pois todas as pessoas terão em suas vidas essas situações difíceis, e vão se desorganizar emocionalmente. Como todas as pessoas são diferentes umas das outras, cada indivíduo terá reações diferentes, sendo elas emocionais ou corporais. Jamais se descarta a necessidade, inclusive, de ajuda médica, até mesmo para se diferenciar uma dor física provocada por doença, de uma dor emocional, que é decorrente de uma somatização (dores sem motivo aparente, ou um resultado de sofrimento emocional). O perigo em uma crise emocional, é quando o indivíduo não assimila a dificuldade e processos disfuncionais começam a acontecer na vida dessa pessoa, tais como: negação, raiva, barganha, depressão prolongada, busca por álcool e drogas, até tentativas de suicídio, entre outras condições. E com isso a responsabilidade só aumenta, e o êxito desta relação vai depender da comunicação e da escuta do aconselhante. Feldmann nos afirma que,

[...] numa relação de ajuda, a responsabilidade maior pelos resultados do encontro é do ajudador. O resultado do encontro depende de suas habilidades interpessoais (...) os ingredientes do ajudador são: disponibilidade interativa, amor pelo ajudado e habilidades interpessoais de alto nível. Essas habilidades, apesar de caracterizarem a relação de ajuda, são básicas a qualquer encontro entre duas pessoas, mesmo que não lhe seja dada a conotação de ajuda – são elas que determinam a qualidade do encontro<sup>9</sup>.

Frente a isso, o indivíduo necessita de ajuda para poder enfrentar as situações adversas e o aconselhador terá a função de realizar o primeiro acolhimento, com uma escuta atenta e respeitando o ritmo do paciente. Neste primeiro momento, os temas podem ser os mais diversos, e a fala do indivíduo parece estar se desviando do real motivo, mas essa é a oportunidade que o aconselhador tem de demonstrar a real importância que ele demonstra pela dor do paciente, e assim fortalecer o vínculo entre ambos, se iniciando assim a primeira fase do acolhimento.

A primeira fase, na verdade, é toda dedicada ao acolhimento, no pleno respeito do ritmo do cliente. Mesmo se os temas da conversa parecem fugir do verdadeiro motivo pelo qual a pessoa está ali, a atitude atenta e paciente do counselor permite tanto uma atitude de confiança da parte do interlocutor,

---

<sup>8</sup> COLLINS, 2005, p. 154.

<sup>9</sup> FELDMANN, C; MIRANDA, M. L. **Construindo a Relação de Ajuda**. 13. ed. Belo Horizonte: Crescer, 2002, p. 45.

talvez ainda embaraçado, quando colher informações exatamente a partir deste modo de iniciar a relação de ajuda<sup>10</sup>.

Num contexto mais amplo podemos notar uma sociedade muito fragilizada emocionalmente, onde é proibido demonstrar ser frágil. Mesmo em uma rede social, se observarmos, vamos notar uma disputa por mostrar quem é mais feliz, seja através de fotos de viagens, compras a todo instante, almoço em locais requintados e até o famoso culto ao corpo que leva as pessoas a realizar procedimentos estéticos de altos valores. Mas tudo isso tem escondido uma falta real que jamais será suprida com nenhum desses tipos de comportamentos. É exatamente o oposto que se verifica, quanto mais se insere neste comportamento mais aumenta o sofrimento pessoal do indivíduo. Uma sociedade alienada na qual indivíduos buscam popularidade e aparente perfeição, mas ao mesmo tempo, em sua maioria, encontram-se solitários e ocupados demais pelas falsas necessidades, sem disponibilidade de tempo para enxergar que estão adoecidos e que precisam auxílio para lidarem com as próprias questões emocionais.

O objetivo do aconselhamento é dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis ou desapontamentos. O processo de aconselhamento pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais; auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos gerados por tensões interpessoais, melhorando a qualidade de seus relacionamentos; e, finalmente, ajudar as pessoas que apresentam padrões de comportamento autodestrutivos ou depressivos a mudar de vida<sup>11</sup>.

Geralmente as pessoas escondem suas dificuldades, fato muito comum no primeiro momento da conversa de atendimento, seja ele de qualquer linha terapêutica. O paciente antes quer falar de outras questões, para somente após dois ou até três atendimentos desvelar o que está contribuindo para sua desestruturação. E após este momento inicial, o aconselhador consegue a confiança do sujeito, e assim o acolhedor é o único a entrar nas questões mais íntimas e particulares desta pessoa. Para isso é necessário que este acolhedor seja sensível e esteja preparado para poder lidar com as dificuldades, e proporcionar um crescimento e fortalecimento, para quem está em sofrimento. Em todo aconselhamento pastoral é essencial honestidade, por ambas as

---

<sup>10</sup> DANON, 2005, p. 106.

<sup>11</sup> COLLINS, G. R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo, Vida Nova, 2004, p. 17.

partes, para assim acontecer um enfrentamento honesto das questões trazidas pelo indivíduo.

A meta é chegar àquilo que realmente existe por trás do mal-estar mais aparente. Uma vez adquirida uma percepção clara dos sentimentos e das próprias ambivalências, o sujeito está livre daquele conflito interno que antes o impedia de prosseguir no percurso de um contato mais autêntico consigo mesmo e na utilização de todas as suas energias<sup>12</sup>.

Além disso, se presume que o aconselhador respeite os horários, a linha e a dinâmica da instituição a qual estiver vinculado, conhecendo as patologias, tipos de tratamentos e técnicas de intervenção. Seu trabalho é ter domínio na arte de ouvir atentamente, realizando acolhimento e compreensão, construindo assim um ambiente favorável para que o interlocutor possa expressar seus sentimentos de maneira tranquila e confiante.

## **2.1 A Importância do Aconselhador Pastoral**

Hoje sabemos que existem vários tipos de terapias que visam oferecer apoio emocional, sendo a mais conhecida delas a psicologia. Dentro da psicologia existem várias ramificações definidas como linhas de trabalho terapêuticas, lastreadas por conceitos desenvolvidos através da adoção de princípios filosóficos e científicos diversos, tais como: psicanálise, cognitivo comportamental, positivista, humanista, entre outras. Mas é preciso entender que algumas pessoas não conseguem se encaixar com algum tipo específico de terapia e acabam buscando por outro tipo de ajuda emocional. Além da psicologia, podemos citar a filosofia clínica que é outro tipo de terapia que está crescendo bastante, e por curiosidade esta prática nasceu na cidade de Porto Alegre com um médico chamado Lúcio Packter. Poderia citar muitos outros tipos de apoio emocional, pois são muitas as atuais alternativas. Mas a ideia posta aqui não é esta, e sim a de evidenciar o papel e a importância do aconselhamento pastoral para as pessoas que demonstram uma aceitação maior com esse tipo de apoio.

Quem trabalha na área da saúde sabe como as questões religiosas vem a tona dentro do hospital, pois é nesse ambiente em que as pessoas ficam mais fragilizadas emocionalmente. É neste contexto também que situações inusitadas acontecem,

---

<sup>12</sup> DANON, 2003, p. 123.

como a de certo alguém que até então se dizia ateu passar a acreditar em Deus. E, claro, vamos lembrar que este sujeito está em uma situação bem difícil, e já não tem mais a quem recorrer e, duvidando das escolhas tidas até então, resolve buscar socorro apostando na supremacia da divindade.

Não obstante, o contrário também se verifica com frequência. Alguém que acredita em Deus e que diante da situação em que se encontra, deixa de acreditar. Vamos lembrar que essas situações ocorrem no momento mais difícil da vida das pessoas, na qual os pensamentos ficam embaralhados, confusos e muitas vezes perdidos, e para isso é providencial um apoio emocional de qualquer linha.

Pouco importa que o estímulo venha de dentro ou de fora, pouco importa que o ambiente seja favorável ou desfavorável. Em qualquer uma dessas condições, os comportamentos de um organismo estarão voltados para sua manutenção, seu crescimento e sua reprodução<sup>13</sup>.

Em especial o aconselhamento pastoral pode promover um esclarecimento destas questões, e realizar uma escuta ativa e atenta, para promover o apoio. Muitas vezes as pessoas não querem falar com um psicólogo e isso é muito comum, até porque já passei por isso dentro do ambiente hospitalar, quando alguém muito doente recusou ajuda psicológica e solicitou conversar com alguém da pastoral. O que se precisa entender é que o indivíduo necessita de um acolhimento e que ele tem o direito de escolha, assim como o direito de ser ajudado no momento em que estiver em crise, não deixando os pensamentos negativos atrapalharem sua vontade de melhorar. Mesmo que seu momento não seja de cura, a reorganização emocional permitirá consciência e dignidade necessárias para enfrentar a proximidade da finitude, além de se traduzir em um crescimento pessoal, mesmo que ao final da vida.

A habilidade e o princípio de utilizar o relacionamento e o vínculo interpessoal como ferramentas para promover o crescimento pessoal, o auto conhecimento, a auto percepção, e a superação de dificuldades; pode ser concebido como uma estratégia para ajudar na solução de problemas específicos, na tomada de decisões importantes, no fortalecimento do indivíduo em tempos de crise, no manejo de sentimentos e conflitos interiores, na avaliação e reflexão sobre estratégias para alterar e melhorar seu contexto de vida, ou como forma de aprimorar o relacionamento com outras pessoas<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983, p. 40.

<sup>14</sup> SIKKEMA, K.J.; BISSET, R.T. **Concepts, Goals and Techniques of Counseling: Review and Implications for HIV Counseling and Testing**. AIDS Educations and Prevention. 1997, p. 57.

Podemos constatar a importância da presença de um aconselhador nesses espaços, onde existe uma parcela de pessoas que é inclinada a este tipo de apoio, mas que muitas vezes não o encontra no momento mais difícil da vida. O aconselhador é um representante da comunidade de fé, vai realizar a integração dos valores cristãos, estando presente junto aos portadores de doenças mentais e terminais.

Ele se fará representante em nome de Deus, diferente das demais ações terapêuticas que existem dentro das instituições de saúde.

um vocacionado, um chamado por Deus a trabalhar em favor da vida e da Saúde, presença amorosa e libertadora de Jesus que cura. Pessoa rica em humanidade, que comunica proximidade, acolhida e carinho; capaz de escutar e de acolher o outro em sua história pessoal, sua individualidade e oferecer-lhe hospitalidade em seu coração. [...] É uma pessoa discreta, não impõe sua presença, está atenta para captar o que o outro quer e necessita. Respeita os silêncios e confidências. Reconhece sua pobreza, seus limites e está consciente de não poder resolver todos os problemas, porém, tem um coração capaz de acolher o sofrimento e comunicar consolo, serenidade, paz<sup>15</sup>.

O aconselhador poderá realizar uma abordagem individual ou direcionada para grupos, tendo sempre em mente e reconhecendo os espaços e limites deste ambiente. Sabemos que a psicologia tem sua importância e inúmeras contribuições para o contexto de saúde, e até na relação pastoral de ajuda, mas quando o indivíduo solicita uma relação com Deus, as ciências psicológicas podem integrar, mas não vão conseguir fundamentar e nem mesmo auxiliar o indivíduo nessa relação direta.

(Ele) é uma pessoa de silêncio, contemplativa. Cultiva a dimensão espiritual e a relação com o Senhor mediante a oração e a escuta da Palavra de Deus. Sabe aproximar-se com delicadeza e respeito do mistério do sofrimento, não para explicá-lo, nem para defender Deus, mas para testemunhar a presença do Senhor que ama, é solidário e companheiro. Encarna os valores evangélicos da compaixão, da misericórdia, do amor e da doação<sup>16</sup>.

A instituição que recebe a presença de um aconselhador pastoral, contempla uma ação de espiritualidade, de fé e do sagrado, onde não se torna apenas o contato de duas pessoas ou mais, mas o encontro de um aconselhador e aconselhando, munidos de vontades internas que resultam em aprendizagem mútua direcionada ao crescimento do eu. Neste aspecto, é importante que o aconselhador tenha esclarecido

---

<sup>15</sup> CELAM. **Guia da Saúde Pastoral para a América Latina e o Caribe**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 55.

<sup>16</sup> CELAM, 2000, p. 56.

para si mesmo o reconhecimento de suas possíveis limitações de crescimento, identificando isso também em seu interlocutor.

O aconselhamento enquanto uma relação de ajuda deixa, portanto, de se fixar em objetivos fechados e pré-concebidos, para se concentrar na criação de condições favoráveis para que o próprio indivíduo, analise e compreenda sua realidade, estabeleça seus objetivos em relação a seu momento de vida e mobilize recursos para atingi-los<sup>17</sup>.

Quando se enfrenta uma doença é muito difícil não se ter pensamentos negativos, é uma verdadeira batalha contra pensamentos internos, que por mais que se neguem persistem em se fazer presentes. Pensar em atitudes positivas frente a uma doença ou mesmo notícia ruim é um desafio para quem enfrenta e para quem proporciona apoio. Estimular o indivíduo que vive este momento é importante para sua busca por uma melhora, mesmo que esta não seja possível. E o aconselhador pastoral estimula essa luta, fazendo com que o aconselhando aceite os próprios limites.

### 2.1.1 A Comunicação dentro do processo de acolhimento

A base da comunicação é a transmissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor, a palavra comunicação tem sua origem da palavra latina *communicatio*, que tem o significado de,

[...] ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual<sup>18</sup>.

O trabalho do aconselhador basicamente reside em relações interpessoais, necessitando criar um vínculo segurança e confiança, e a comunicação é extremamente importante neste contexto, assim como a maneira que ele vai se comunicar com o paciente. Essa competência direta na comunicação permite ao aconselhador expressar-se de maneira clara e objetiva, incentivando os pacientes a ter o mesmo tipo de conduta, os fazendo se dar conta de seus sentimentos e

---

<sup>17</sup> ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes. 2001, p. 26.

<sup>18</sup> Dicionário online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/acoeselhar/>. Acesso em: 02 jul. 2023.

necessidades. Isto demonstra que a comunicação quando é realizada de forma correta está relacionada ao alcance dos objetivos e uma maior autoestima.

Entendo por esta expressão uma relação na qual pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida (...) Em outras palavras, a relação de ajuda pode ser definida como uma situação na qual um dos participantes procura promover numa ou noutra parte, ou em ambas, uma maior apreciação, uma maior expressão e uma utilização mais funcional dos recursos internos latentes do indivíduo<sup>19</sup>.

O diálogo sempre deve ser a base para resolver conflitos sociais, mas para se ter êxito é necessário que não haja ruídos nas mensagens, deixando bem claro para ambas as partes o que se está querendo transmitir, e assim se ter um bom andamento do atendimento.

O diálogo é o eixo da comunicação horizontal, onde cada pessoa deve ter oportunidades comparáveis para emitir e receber mensagens, de modo a superar a monopolização da palavra pelo monólogo. Nesta perspectiva, esses papéis opostos são subsumidos em um desempenho dual constante e balanceado; todos os participantes do processo de comunicação devem ser identificados como comunicadores<sup>20</sup>.

Outro ponto importante dentro da comunicação é a empatia, sabemos que empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, e no contexto deste trabalho podemos pensá-la como a capacidade de tentar compreender os sentimentos alheios para melhor auxiliar este indivíduo. Podemos dizer que compreende entender o que o outro sente e os vários significados psicológicos que lastreiam ou mesmo limitam as expressões afetivas, cognitivas e comportamentais do ser humano. Assim, mensagens compartilhadas entre o emissor e pelo receptor, garantem uma comunicação clara e eficaz. Segundo Ruggiero,

A comunicação efetiva só se estabelece em clima de verdade e autenticidade. Caso contrário, só haverá jogos de aparência, desperdício de tempo e, principalmente, uma “anticomunicação” no que é essencial/necessário. Porém, não basta assegurar que a comunicação ocorra. É preciso fazer com que o conteúdo seja efetivamente aprendido de forma clara para que as pessoas estejam em condições de usar o que é informado<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983, p. 122.

<sup>20</sup> PUNTEL, J. T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 267.

<sup>21</sup> ARAÚJO, M. A.; DUARTE, F. R. Os Desafios e Dificuldades na Gestão da Comunicação Organizacional Interna: Um estudo bibliográfico. ID online. **Revista de psicologia**, v. 11, n. 37, p. 408-420, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/idonline.v11i37.841> Acesso em: 17 set. 2022, p. 417.

O importante nesse tipo de situação é aprender a escutar. A escuta é a base, o fundamento para se desenvolver uma comunicação adequada e eficaz. Quando ocorre de alguém ser mal interpretado ou mesmo não ser escutado, podemos nos ver frente a muitos conflitos, seja na vida pessoal ou profissional. Por isso se torna essencial saber se colocar no lugar do outro, a capacidade de saber escutar demonstra respeito e proporciona uma partilha eficaz de informações entre o emissor e o receptor.

Processo de compreender, compartilhar mensagens enviadas e recebidas, no qual as próprias mensagens e o modo se dá seu intercâmbio, exercem influência no comportamento das pessoas nele envolvidas, a curto, médio e longo prazo, no local onde ocorreu a comunicação ou mesmo à distância<sup>22</sup>.

A comunicação dentro do aconselhamento pastoral tem um importante papel, gerando uma qualidade nas relações, na medida em que as habilidades assertivas e empáticas estão interligadas. Como as habilidades assertivas tem o papel de manifestar as emoções, uma relação assertiva evita más interpretações. Já a habilidade empática, vai promover sentimentos de segurança e valorização da relação aconselhador-paciente.

Além disso, uma escuta ativa é necessária e requer atenção total no emissor, cuidando dos gestos e emoções que ele vai expressar durante todo processo de comunicação. Só assim o receptor consegue interpretar e compreender as mensagens que recebe, pois escutar não é o mesmo que ouvir.

### 2.1.2 O Silêncio dentro da comunicação

O silêncio dentro da comunicação, ao contrário do que se pensa, é bem importante. É objeto de estudo dentro da psicanálise e sempre muito valorizado. Mas podemos estender a qualquer tipo de atendimento emocional, pois é visto como um ato de se comunicar que vai além do âmbito de estudos fonéticos. Em nossa sociedade atual, verificamos uma tendência a uma necessidade contrária, pois todos querem falar, mesmo que não se tenha algo a dizer. O silêncio perde sua importância nos dias atuais. O efeito que o silêncio tem em uma conversa entre duas pessoas, é

---

<sup>22</sup> STEFANELLI, M. C. **Comunicação com o paciente**: teoria e ensino. 2 ed. São Paulo: Robe Editorial; 1993, p. 42.

esclarecedor pois é neste momento que ele se mostra mais que uma palavra, ele desvela a realidade e, sem dizer nada, afirma o que se nega a dizer.

O silêncio traz um estranhamento diante dos indivíduos: É notório, mesmo para um observador consideravelmente ingênuo, que em nossa cultura, sons, barulhos e ruídos integram a cena contemporânea como protagonistas, enquanto ao silêncio resta apenas um pequeno espaço como mero figurante. No teatro da vida queremos ouvir tudo e qualquer coisa que não seja o silêncio ensurdecedor que nos pesa aos ouvidos. Aonde vamos, carregamos conosco mais barulho do que pensamento, reflexão<sup>23</sup>.

Mas não se pode descartar que o silêncio pode vir como efeito em outras condições, a própria resistência ou mesmo elaboração de uma fala, trazendo algumas dúvidas para a condição de um tratamento.

Isso vai depender muito da percepção do condutor do atendimento e de sua habilidade e paciência, que são essenciais neste tipo de situação.

Aquele [silêncio] em que o encontro acontece num plano mais profundo, sem a necessidade de palavras. É um silêncio cheio de significados e de conteúdos que pode durar poucos instantes ou mais tempo. É um silêncio precioso a ser saboreado e degustado. Brota diretamente da alma e diz muito mais que uma longa conversa<sup>24</sup>.

Além disso, o silêncio é uma forma de expressar compreensão, onde ambos respeitam o silêncio que se faz presente em um atendimento, no qual cada um terá seu tempo e não existe uma regra para o tempo. Em alguns momentos pode-se não entender o silêncio alheio, pois é necessário perceber o contexto no qual se faz este silêncio. Por isso a importância de se saber respeitar o momento de cada um, pois o aconselhador está entrando no mundo de outra pessoa, e neste mundo existem valores e expectativas diferentes das que se possa ter.

A partir da interpretação da resistência vai-se favorecendo a ocorrência de mudança psíquica. O silêncio que surge neste momento não se apresenta como obstáculo e, sim, como um processo de elaboração que pode dar a impressão de que a análise esteja estagnada, mas, no entanto, ele traz em si a capacidade de superação da resistência e de assunção de uma nova configuração psíquica em andamento<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> PADRÃO, C. B. Considerações sobre o silêncio na clínica. **Círculo psicanalítico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 91–103, 2009. Disponível em: [http://cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes\\_sobre\\_o\\_silencio\\_na\\_clinica\\_psicanalitica.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes_sobre_o_silencio_na_clinica_psicanalitica.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022, p. 98.

<sup>24</sup> DANON, 2003, p. 124.

<sup>25</sup> HENRIQUES, R. M. O silêncio em análise. Monografia – Faculdade de Ciências da Saúde e Educação, Centro Universitário de Brasília, Distrito Federal, 2012, p. 28.

Se lembrarmos que em certos momentos de nosso dia, o silêncio pode ser constrangedor. Um exemplo que podemos citar é relativo aos elevadores nos quais entramos e não conhecemos as pessoas que estão ali presentes. Nos poucos minutos dessa pequena viagem o silêncio é bem desconfortável. Hoje as pessoas tem a necessidade de falar, querem falar da sua vida, de seus projetos, de suas viagens, de suas relações, de seus pets, entre outras questões pessoais, mas fica a dúvida: quem escuta, quer ouvir? Pois escutar alguém é uma arte, é ter uma sensibilidade com o sentimento do outro e em nosso cotidiano atual todos querem falar, mas poucos se disponibilizam a ouvir, e quem fala quer uma escuta, não quer falar a toa. Além disso, o silêncio pode dar conotação a situações difíceis tais como: pedido de socorro ou mesmo a vontade de trazer uma situação importante.

Quando em uma situação de atendimento o silêncio se faz presente, devemos ter em mente que nossa atenção deve estar redobrada para entender o que esse silêncio está nos transmitindo.

Os sentidos do silêncio são muitos e diferentes: espera, passividade, tensão, hostilidade, pedido de ajuda, reflexão, interiorização, comunicação... Por parte do(a) acompanhante, o silêncio caracteriza-se como um ficar calado e não interromper enquanto o(a) acompanhado(a) fala. É oportuno deixar todo o espaço para a fala do(a) acompanhado(a), respeitando o Mistério, sem pressa de encapsular tudo nas categorias conhecidas<sup>26</sup>.

A presença do silêncio deve sempre vir acompanhada de uma escuta atenta e para isso é necessário paciência e cuidado, nem sempre é preciso se dizer alguma coisa, e quebrar este silêncio, neste instante, pode significar a interrupção da oportunidade do aconselhado pensar na situação. A reflexão tão necessária na tentativa de esclarecer os porquês de tal condição não deve ser interrompida, mesmo que não chegue a uma resposta imediata, o aconselhado precisa desse espaço, até mesmo para buscar uma aceitação. O silêncio pode ser caracterizado segundo Robert Fiess, das seguintes maneiras:

a. a maneira pela qual começa a pausa no discurso; b. o grau e o tipo de deposição à palavra e à comunicação do pensamento pelo silêncio; c. o comportamento durante o período de silêncio; d. o cessar: reação do paciente à injunção do analista para que retome a verbalização<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> TOMASI, F. L. M. **Ouro testado no fogo**. São Paulo: Paulinas. 2007, p. 263.

<sup>27</sup> FLIESS, R. Silêncio e verbalização: um suplemento à teoria da "regra analítica". In: NASIO, J. D. **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 64.

O aconselhador precisa ser sensível para observar tudo que o aconselhado possa trazer dentro do silêncio, para manejar a situação de forma tranquila e sem apressar esse instante algum. Mesmo dentro do seu silêncio que o protege de certa forma, o aconselhado pode estar recordando algumas lembranças, e as elaborando, apesar de não estar dizendo nada, pode estar buscando aceitação ou entendimento do processo que está enfrentando.

### 2.1.3 Aconselhamento Pastoral Frente a Morte

Pensar na morte em qualquer tipo de contexto sempre será visto como algo estranho, a sociedade atual não quer entrar nesta discussão, isso já sabemos.

Mas e quando chegar o momento? O que fazer? E é neste instante que entra o papel de quem trabalha no contexto de apoio emocional, no caso de nossa pesquisa, o aconselhamento pastoral, que tem um papel importante no apoio a quem vivencia este momento difícil.

O estado de transcendência, ligado ao desenvolvimento da espiritualidade, busca compreender os movimentos para além da esfera pessoal que são muito importantes nas situações de crise da vida, como por exemplo, ajudar alguém a compreender por que houve o adoecimento ou ajudar a compreender o significado para o sofrimento, para as perdas, separações ou aproximação da morte<sup>28</sup>.

Por não pensarmos na morte, nos assustamos quando ela dá os primeiros sinais de sua presença. Quando alguém sente algum tipo de dor e precisa ir a um hospital, seus primeiros pensamentos nunca vão ser de ideias ruins, mas quando se chega no hospital as coisas mudam, principalmente se a pessoa após ser examinada precisa ficar em observação. É neste momento que os pensamentos de morte começam a rondar o indivíduo, e quanto mais exames são feitos, mais a presença da morte fica fixa nos pensamentos da pessoa. Quando um hospital oferece um serviço de acolhimento pastoral, o indivíduo se sente acolhido, e toda ansiedade inicial tem a probabilidade de diminuir com esse apoio. O aconselhamento se elabora,

[...] de uma relação interpessoal que requer a presença genuína do aconselhador, manifestada por ele mediante diferentes atuações, tais como o fortalecimento de informações ou esclarecimentos sobre assuntos que preocupam o aconselhando; o exame e a reflexão a respeito de situações

---

<sup>28</sup> KOVACS, M. J. **Espiritualidade e psicologia** – cuidados compartilhados. O mundo da saúde. São Paulo: 2007: abr/jun 31(2), p. 247.

conflitantes vivenciadas por ele e das várias perspectivas sob as quais elas podem ser consideradas; o reconhecimento e a exploração de recursos e capacidades pessoais do aconselhando no sentido de desenvolver sua própria liberdade para se confrontar com as dificuldades do momento e procurar resolvê-las ou ultrapassá-las, ajudado inicialmente pela presença do aconselhador<sup>29</sup>.

Proporcionar ajuda a quem precisa, podemos dizer que é uma arte, onde esse exercício acaba fazendo parte da própria vida. Entrar no mundo de outra pessoa que está em sofrimento é saber que vamos escutar as tristezas, as dores, as angústias e até segredos da vida particular deste paciente. Com isso, é necessário enxergar este paciente como um todo, onde corpo e mente não ficam separados, pois se o corpo está doente a mente sofre e vice-versa, por isso o trabalho multiprofissional é de extrema importância nestes casos.

Mas onde entra o trabalho do aconselhador pastoral? As pessoas em sofrimento precisam de ajuda qualificada, e no enfrentamento da possibilidade de morrer, a busca por uma palavra direcionada a Deus acontece frequentemente. O aconselhador precisa de conhecimento teórico, além de prático, estabelecendo assim um bom relacionamento com quem está sofrendo. Estar preparado para as diferentes culturas e tradições dos diversos pacientes que vai atender, entender o trabalho multidisciplinar que exige o saber dividir o espaço com as demais profissões, e a capacidade de superar tabus presentes neste ambiente são requisitos importantes além da empatia e da técnica de comunicação, já abordados. Além, claro, da necessária vontade de fazer o bem sem olhar a quem. Ter uma boa comunicação adequada é imprescindível para o atendimento, assim como uma boa escuta buscando sempre o bem-estar do indivíduo, mas nem sempre todo esse empenho pode resultar em uma boa relação aconselhador/paciente, pois estamos lidando com pessoas, e nem tudo vai acontecer como esperado.

O posicionamento não diretivo baseia-se na convicção de que o cliente tem o direito de escolher seus próprios fins na vida, mesmo que esses sejam divergentes daqueles que o profissional teria escolhido para ele. Crê-se na capacidade do indivíduo de fazer escolhas positivas e de estabelecer posicionamentos mais adequados à sua realidade, se conseguir delimitar os diversos componentes e as diversas forças que interagem para conformá-la. Além disso, admite-se a impossibilidade, a inutilidade, a ineficiência, a arbitrariedade e a prepotência de se tentar gerir e conduzir diferentes

---

<sup>29</sup> FORGHIERI, Y. **Aconselhamento terapêutico**: origem, fundamentos e prática. São Paulo: Thomson Learning, 2007, p. 1.

aspectos da vida de outrem, ainda que seja com o consentimento dele mesmo<sup>30</sup>.

## 2.2 Aconselhamento Pastoral para *Sexton Furnival*

*Sexton* é um menino que desde o início da história demonstra uma importante fragilidade emocional, pois convive com conflitos pesados para um garoto adolescente. Podemos notar que a história imita a vida real, se fizermos uma pequena observação, constatamos muitos adolescentes na mesma situação que *Sexton*. Filho único de pais separados, que após a separação deixa de ter contato com um dos pais, não por sua culpa, mas pelas brigas dos próprios pais, que acabam por recair no garoto. Ele sem entender nada acaba por acreditar que a culpa é toda sua. Uma carga pesada que geralmente não é ajustada em uma terapia ou aconselhamento pastoral, pode resultar em um final muito triste para todos envolvidos.

Já diria Sigmund Freud “*Wir aus Fleish hergestellt sind, müssen butwe leben, als obwir von Eisen waren*” tradução do alemão “Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro”. Somos obrigados a estar prontos para qualquer situação adversa e isso não é tão simples assim. Em nosso cotidiano atual, as pessoas vivem sempre correndo, uma constante busca atrás de alguma coisa que muitas vezes nem se precisa tanto quanto se imagina ou mesmo nem se sabe o que de fato é. Vivemos de maneira tão frenética que deixamos de dar atenção às coisas que realmente são importantes. No caso da nossa HQ o valor da família, que muitas vezes por falta de um apoio ou mesmo uma conversa acaba por se desfazer, causando sofrimento a todos os integrantes. Se todas as pessoas pudessem ter a oportunidade de receber uma escuta, na qual pudessem falar sobre seus conflitos, angústias, medos e incertezas, teríamos um mundo mais feliz e com menos famílias se desfazendo.

O aconselhamento pastoral procura ajudar as pessoas a desfrutar um relacionamento aberto e crescente com Deus, capacitando-as a viver de uma forma promotora de crescimento em meio às perdas, aos conflitos e às tragédias da vida no mundo. Ele procura ajudá-las a tornar-se conscientes do empolgante fato de que foram criadas para ser parceiras ativas – co-criadoras – do Espírito do universo na transformação do mundo. O aconselhamento pastoral procura ajudar as pessoas a renovar seu sentimento de confiança básica estando em contato com o Espírito de amor presente neste momento,

---

<sup>30</sup> BECKER, M. C. Aconselhamento pastoral na depressão: uma análise psico-teológica do aconselhamento pastoral diante da depressão. 247 f. Dissertação (Mestre Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas. UNICAMP. Campinas, 2003, p. 65.

a encontrar cura para os aspectos de seu quebrantamento que só podem ser curados no relacionamento com essa realidade. O aconselhamento pastoral visa ajudar as pessoas a achar a sua vocação (sua causa), na qual possam investir suas vidas com propósito, compromisso e alegria<sup>31</sup>.

Os jovens ainda compõem a faixa etária que mais sofre com as dificuldades sociais, pois ainda estão em uma fase principalmente de autoafirmação e descobertas tanto pessoais como profissionais.

Esse difícil processo de se descobrir necessita de um olhar mais perto, de pais, parentes próximos ou responsáveis e um processo terapêutico certamente contribuiria para minimizar as dificuldades pessoais intrínsecas do adolescente. Seria eficiente para evitar os problemas comuns que acontecem quando o adolescente não recebe um apoio: alcoolismo, drogas, tentativas de suicídio e violência familiar.

Rogers nos coloca que,

O aconselhamento enquanto uma relação de ajuda deixa, portanto, de se fixar em objetivos fechados e pré-concebidos, para se concentrar na criação de condições favoráveis para que o próprio indivíduo analise e compreenda sua realidade, estabeleça seus objetivos em relação a seu momento de vida e mobilize recursos para atingi-los<sup>32</sup>.

O Aconselhamento pastoral para o garoto *Sexton Furnival* seria de extrema importância, pois as pessoas já trazem consigo uma competência de solucionar suas próprias dificuldades, mas para isso é necessário que lhes proporcione oportunidades, dentro de um contexto adequado, algo que no campo do aconselhamento seria uma orientação diretiva ou não diretiva<sup>33</sup>. O adolescente neste processo receberia os benefícios de acessar, enxergar, aceitar e compreender os mais variados elementos objetivos e subjetivos que se fazem presentes nas diversas circunstâncias cotidianas. O aconselhamento segundo a definição de Sherr; Quinn é:

a habilidade e o princípio de utilizar o relacionamento e o vínculo interpessoal como ferramentas para promover o crescimento pessoal, o autoconhecimento, a auto percepção, e a superação de dificuldades; e pode ser concebido como uma estratégia para ajudar na solução de problemas específicos, na tomada de decisões importantes, no fortalecimento do indivíduo em tempos de crise, no manejo de sentimentos e conflitos interiores, na avaliação e reflexão sobre estratégias para alterar e melhorar seu contexto de vida, ou como forma de aprimorar o relacionamento com outras pessoas. Ao aconselhador cabe facilitar o caminho do cliente na reflexão sobre suas

---

<sup>31</sup> CLINEBELL, H. **Aconselhamento Pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento**. 2. ed. São Paulo: Paulus; São 104 Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 108.

<sup>32</sup> ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes. 2001, p. 268.

<sup>33</sup> ROGERS, 2001.

dificuldades e sua postura, e ajudá-lo a formular um plano de ação, respeitando seus valores, seus recursos pessoais e sua capacidade de autodeterminação<sup>34</sup>.

Para o jovem Sexton o aconselhamento pastoral proporciona um pouco de autocompreensão, que no momento de sua vida está bem prejudicada. O apoio emocional através do aconselhamento pastoral seria como um catalisador que com atitudes de respeito, aceitação e confiança, vai direcionar o paciente para a capacidade de autodeterminação e autocompreensão. As atividades e vivências que antes eram negativas se tornaram positivas. O sujeito obtém com isso uma visão realista de sua própria situação, enfrentando as dificuldades de forma menos rígida e com mais flexibilidade para ver e conduzir esta realidade.

Além disso, mudanças importantes iriam começar a se fazer presentes na vida do jovem Sexton, trazendo para sua vida uma melhor qualidade de saúde mental, com desenvolvimento de autonomia, responsabilidade e autodireção, aliviando assim possíveis eventuais consequências de novos problemas e dificuldades que ainda pudessem aparecer no futuro.

O Aconselhamento Pastoral é um processo no qual as pessoas se encontram para repartir lutas e esperanças. Este processo é animado e iluminado pela esperança do Reino de Deus, que estabelece a dignidade humana. Utiliza como instrumentais necessários para a compreensão da psique humana e de suas interações sociais os recursos das ciências que estudam e servem à promoção da pessoa em sua integridade de todas as pessoas e da família humana<sup>35</sup>.

Podemos contextualizar o aconselhamento pastoral como uma conversa de pessoa para pessoa, ou mesmo em pequenos grupos, visando sempre, através da escuta atenta e fala, proporcionar crescimento na vida pessoal e diminuir os possíveis conflitos em seus relacionamentos. Sabemos que a vida passa por estágios, e uma pessoa segura em suas atitudes contribui até mesmo na vida das pessoas que a rodeiam. Para isso é necessário potencializar, sustentar e até mesmo libertar a totalidade que é centrada no espírito.

---

<sup>34</sup> SIKKEMA, K.J.; BISSET, R.T. Concepts, Goals and Techniques of Counseling: Review and Implications for HIV Counseling and Testing. **AIDS Educations and Prevention**. 1997. 9 (Sup B), p. 16.

<sup>35</sup> BECKER, 2003, p. 44.

### 2.3 Aconselhamento Pastoral no Ambiente Hospitalar

O ambiente hospitalar é um local hostil, apesar de se achar que em um contexto geral as pessoas que estão hospitalizadas estão mais resguardadas emocionalmente, é uma forma simplória de se pensar que basta estar dentro de um hospital para se sentir seguro. É a partir do momento que se é internado em um hospital que começam a aflorar todas as fantasias relacionadas à morte, além dos medos e temores frente às incertezas que se fazem presentes neste tipo de situação.

Nossa vulnerável condição humana, marcada pela dor e pelo sofrimento, exige uma resposta que se chama cuidado. “O sofrimento humano somente é intolerável quando ninguém cuida” [...] Portanto, para aliviarmos a dor, temos de utilizar medicamentos e analgésicos, enquanto, ao cuidarmos do sofrimento, temos como desafio encontrar um sentido e levar em conta os valores da transcendência<sup>36</sup>.

O ser humano sempre dependeu da presença do outro para se sentir seguro e ter o seu bem-estar em sua totalidade mas é, ao deparar-se com uma enfermidade, que geralmente esse indivíduo inequivocamente demonstra suas insegurança e fragilidade, uma condição que, com frequência, se estende aos familiares e amigos mais próximos do enfermo. Quando alguém fica doente tanto sua estrutura orgânica quanto sua estrutura emocional se fragilizam, e assim como o corpo passa a requerer atenção especial, a estrutura emocional também demanda certos cuidados importantes. Resta comprovado cientificamente que todo indivíduo que está enfrentando uma doença, qualquer que seja ela, consegue otimizar seu processo de melhora quando está recebendo apoio emocional, diferentemente daqueles que não estão. Aqui não podemos deixar de dizer que todo indivíduo tem a livre escolha em aceitar um tratamento ou não, pois cada pessoa pensa de uma forma e todos tem o direito desta escolha. Cada ser humano tem suas crenças e, quando se depara com a enfermidade, essas crenças são postas à prova, momento no qual a pessoa que está enfrentando esta situação necessita de um apoio emocional para ter condições de combater a doença. A aceitação desta fragilidade e a dimensão do amparo emocional ao paciente constituem fatores que podem afetar o resultado do tratamento clínico deste indivíduo quando ele se encontrar emocionalmente abalado.

---

<sup>36</sup> PESSINI, Léo. **Bioética**: Um grito por dignidade de viver. 4ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2009., p. 206-207.

Ao visitar os pacientes, ouvindo-os com paciência, discernimento e amor, notaremos que as suas maiores dores não são físicas, por maior que seja o ferimento ou a extensão de seus tumores. Eles sempre confessam ter uma dor na alma que nenhum medicamento pode aliviar ou curar. Sofrem de complexo de culpa, de ódio, de desejo de vingança, de solidão e de muitos outros problemas emocionais e espirituais que causaram suas doenças ou que estão ajudando a complicá-las<sup>37</sup>.

Em vários casos, podemos notar que somente um psicólogo no contexto hospitalar não é o suficiente para proporcionar ajuda emocional, sendo que majoritariamente a ajuda tem que ser direcionada a uma condição religiosa, exigindo um conhecimento mais aprofundado no assunto. Aqui, não estou desmerecendo o profissional de psicologia, mas lembrando que a necessidade pode exigir um acolhimento pastoral, e ambos podem trabalhar focando no apoio ao paciente internado. O trabalho dentro do hospital sempre foi e será multiprofissional, e essas duas profissões hoje são necessidades cruciais inseridas neste contexto. O aconselhamento pastoral se constitui de maneira a fortalecer, consolar e aconselhar, tanto o enfermo como seus familiares, um trabalho que pode se estender a outras instâncias do hospital. Assim como outra profissão que trabalha com as emoções, o aconselhamento pastoral vai compartilhar a palavra de Deus, por intermédio de palavras, orações, silêncio, celebrações litúrgicas e a própria presença do aconselhador, em momentos de incerteza, desespero, aflição e angústia.

Aconselhamento Pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento. O Aconselhamento Pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises<sup>38</sup>.

Uma condição primordial no processo de acolhimento pastoral dentro do contexto hospitalar, é a compreensão, onde devemos lembrar que cada pessoa é um ser único, tendo em vista que não existem pessoas iguais no mundo. O acolhimento deve compreender e reconhecer o outro como um ser legítimo, podendo haver semelhanças, mas cada um com suas individualidades. O conselheiro/conselheira deve ter empatia e realizar um acolhimento sem julgamentos e preconceitos.

---

<sup>37</sup> AITKEN, E. V. de P. **No leito da enfermidade**. 7 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 63.

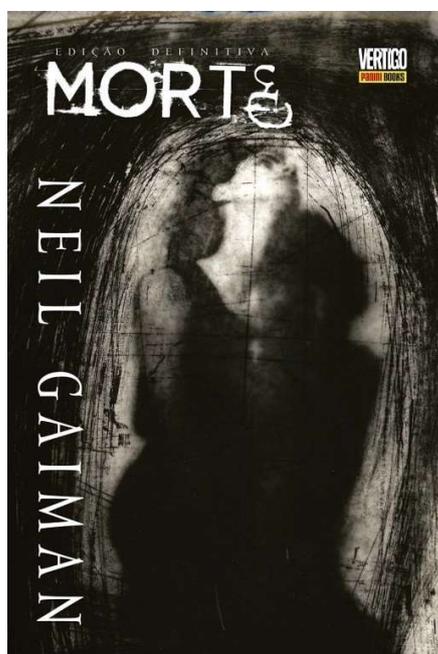
<sup>38</sup> CLINEBELL, 1987, p. 25.

### 3 “MORTE”, HQ DE NEIL GAIMAN

As histórias em quadrinhos têm sua origem no fim do século XIX, um tipo de produto que possui uma linguagem própria, e acaba por se estender em diversos países. Um tipo de produto midiático que teve seu início de publicação em jornais periódicos com um teor humorístico, e estendeu sua expressão à vários países. Mas foi no século XX que as chamadas HQs começaram a sofrer adaptações e teve ampliada seus segmentos de temas que eram abordados em suas páginas.

A HQ “Morte”, de Neil Gaiman trás em sua temática um caráter mais literário, algo que distancia o público infantil, e acaba por conquistar o leitor adulto, que de certa maneira é mais exigente e criterioso. Além disso, as *graphic novels* que apresentam seus personagens retratados em quadrinhos, quase sempre atraem mais os adultos, devido suas temáticas românticas serem mais complexas e apresentar centenas de páginas. As *graphic novels* geralmente são comercializadas em livrarias, apresentando um material mais trabalhado e luxuoso, o que acaba por elevar mais o seu custo.

Figura 1 – Capa livro Morte.



Fonte: Mundo Estranho<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> Mundo Estranho. **Dica TdF: Morte – Edição Definitiva.** Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/turma-do-fundao/dica-tdf-morte-8211-edicao-definitiva/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Nesta história em quadrinho Neil Gaiman aborda uma temática mais obscura e fascinante ao mesmo tempo, pois mexe com um fenômeno que ainda é rodeado de incertezas e especulações, na verdade a única certeza desta experiência é de que um dia todos vamos passar por ela um dia. Will Eisner, aborda em seu livro *Quadrinhos e a Arte Sequencial*:

[...] Para uma geração mais antiga, os quadrinhos estavam limitados a narrativas breves ou a episódios de curta duração, mas de muita ação. Na verdade, supunha-se que o leitor buscava nas histórias em quadrinhos informações visuais instantâneas, como nas tiras de jornais, ou experiência visual de natureza sensorial, como nos quadrinhos de fantasia. Entre 1940 e início de 1960, a indústria achava que o perfil do leitor de história em quadrinhos era o de uma “criança de 10 anos, do interior”. Um adulto ler histórias em quadrinhos era considerado sinal de pouca inteligência. As editoras não estimulavam nem apoiavam nada que fugisse a essa visão estereotipada do leitor [...] em meados do século XX, os artistas seqüenciais se voltaram para as obras longas genericamente chamadas de *graphic novels* (um termo que pode abarcar tanto livros de não ficção como obras genuinamente romanescas) [...] tanto o mercado como a postura de autores e leitores mudaram bastante desde o final dos anos 1970<sup>40</sup>.

O universo de Neil Gaiman se destaca entre as demais histórias em quadrinhos tradicionais, seu estilo de narrativas traz um conteúdo mais filosófico e poético, nos proporcionando uma leitura mais requintada e ao mesmo tempo profunda em termos de crítica literária. Na edição encadernada “Morte Edição Definitiva” ele reúne histórias que abordam temas atuais, assuntos que nos rodeiam durante nosso dia, e dando ênfase a uma personagem que mesmo tendo uma simbologia do fim da vida no imaginário cotidiano, aparece de forma carismática e humanizada.

Eu não queria uma Morte que sofresse pelo seu papel, ou tivesse um prazer mórbido com seu trabalho, ou que não se importasse. Queria uma morte que eu fosse gostar de encontrar, no fim. Alguém que se importasse. Como ela<sup>41</sup>.

Neil Gaiman é um famoso ficcionista britânico, nascido em 1960 que vive desde 1992 nos Estados Unidos. Como ele mesmo fala, foi influenciado desde muito cedo por autores como Edgar Allan Poe, C. S. Lewis, G. K. Chesterton, entre outros escritores. Trabalhando como jornalista que descobriu sua vocação para escritor, entre suas obras mais aclamadas estão: *Lugar Nenhum*, *Mitologia Nórdica*, *Coraline*, *O Oceano no fim do Caminho*, *Good Omens (Belas Maldições)*, *o Livro do Cemitério* e *The Absolute Sandman*.

<sup>40</sup> EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 149-149.

<sup>41</sup> GAIMAN, N. **Morte**. São Paulo: Panini Books, 2014, p. 264.

Os temas que Gaiman aborda em suas histórias incluem conceitos de valorização da vida, até o recomeço das mesmas. Vivemos em uma sociedade que banaliza a morte, pois ela se faz presente predominantemente de forma violenta em todas as instâncias de nosso cotidiano, sendo reforçada por uma mídia mal intencionada que sobrevive da audiência decorrente de notícias impactantes, mesmo que mórbidas e/ou violentas e que acaba incentivando todo esse comportamento nefasto de forma subliminar. A história em termos gerais faz refletir a respeito do que é a vida, conduzindo à conclusão de que todos os atos que tomamos têm um significado e responsabilidade no universo em que estamos inseridos e que todas as vidas são importantes, indiferentemente do modo de viver, classe social ou gênero. E negar isso é ir contra a própria existência do ser humano em sociedade.

A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. Mas quanta estupidez será precisa para uma tal cegueira?<sup>42</sup>.

Quando se pensa na temática morte, logo se imaginam coisas sombrias, momentos ruins e traumáticos, cenas fortes que vão nos deixar impactados durante algum tempo. Mas não é o que acontece em uma história em quadrinhos, na qual é possível abordar uma temática qualquer que seja, sem se tornar algo impactante. Por mais pesado que seja o enredo da história, pode-se ler de forma prazerosa e entender a mensagem da história. A HQ "Morte" de Neil Gaiman consegue trazer à tona vários aspectos relacionados à temática da morte, de forma a fazer o leitor entender a importância de se abordar certos temas, tais como: crises existenciais, suicídio, gênero, conflitos familiares, religião, luto, perdas e a própria morte. Podemos entender neste arco que a morte e a vida andam juntas, e a existência de uma depende da outra. Diante disso, Sartre nos coloca que

[...] a morte assim recuperada não permanece simplesmente humana, mas torna-se minha; ao interiorizar-se, ela se individualiza; já não é mais o grande incognoscível que limita o humano, mas o fenômeno de minha vida pessoal que faz desta vida uma vida única, ou seja, uma vida que não recomeça, uma

---

<sup>42</sup> MONTAIGNE, M. **De como filosofar é aprender a morrer**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural. 1991, p. 122.

vida na qual não podemos ter uma segunda chance. Com isso, torno-me responsável por minha morte, tanto quanto por minha vida<sup>43</sup>.

Dessa forma, o presente capítulo tem por objetivo apresentar a obra “Morte” de Neil Gaiman, uma HQ que se divide em três histórias principais: “O som de suas asas”, “Morte: o alto preço da vida” e “Morte, o grande momento da vida”. As histórias não precisam ser lidas todas nesta sequência, pois não tem conexão uma com a outra. Porém, os arcos “Morte: o alto preço da vida” e “Morte, o grande momento da vida”, por retratar reações distintas dos personagens que se deparam diante da finitude, ressaltam-se como leituras que se prestam a ilustrar reações humanas emocionalmente antagônicas diante da ocorrência do fenômeno da morte. Acerca de cada arco trouxemos um pouco do seu enredo, características dos personagens e suas relações com a finitude.

Qualquer intento de interpretar o enigma da existência humana é realizado considerando a morte como um dado essencial; a morte pertence de algum modo à vida, não é um simples acidente fortuito que interrompe seu curso a partir de fora. Por isso, cada morte é sempre pessoal e intransferível, e vivida unicamente por cada pessoa<sup>44</sup>.

Apesar de todas as histórias terem um conteúdo interessante, escolhemos o segundo arco da HQ, “Morte: o alto preço da vida”, por trazer uma temática mais direcionada ao dia a dia do cotidiano social. Nela podemos observar a angústia de um jovem em conflito sem saber o que fazer, sem acompanhamento profissional de uma terapia e a ponto de cometer um ato desesperado. Ressalta-se o questionamento sobre a possibilidade de lidarmos com as impressões e representações cotidianas sobre a morte e o morrer (vendo a morte como uma *persona*, um anjo, um agente de Deus, uma entidade, um destino), que podem estar presentes no imaginário e reiteradas nas produções culturais. Nesta direção, ainda nos faz refletir sobre as caracterizações desse fenômeno na obra emblemática de Neil Gaiman.

Este segmento está disposto da seguinte forma: “*O som de suas asas*”, “*Morte: o alto preço da vida*” e “*Morte, o grande momento da vida*”. Ao fim deste capítulo, buscamos alcançar uma correlação da HQ de Neil Gaiman com o cotidiano,

---

<sup>43</sup> SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 15 ed., tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 652-653.

<sup>44</sup> SOUZA, Alzirinha. O sentido da vida na própria vida. **Revista de Cultura Teológica**, v. 18, n. 69, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15424>. Acesso em: 12 out. 2022, p. 21.

reconhecendo as características de simbologia e emocionais que a obra nos mostra com relação à morte. Através das caracterizações e emoções expressas nos quadrinhos é possível caracterizar vários aspectos e reações diante da finitude, tais quais se verificam comumente na vida real.

### 3.1 O Som de suas Asas

Sonho está sentado em uma praça alimentando pombos com migalhas de pão, demonstrando um semblante entediado, apático e abatido. Sua irmã a Morte chega lhe questionando o que está acontecendo, ele não sabe o que se passa com sua vida, mas concorda que existe algo de errado e que não está fazendo sentido. Muitas vezes as pessoas se questionam, e acabam por entrar em crises existenciais, onde apenas existir não faz sentido e precisam de algo mais para preencher este vazio existencial.

Eu me indago a respeito da humanidade. A atitude das pessoas para com a dádiva de minha irmã é tão estranha. Por que elas temem as Terras sem Sol? É tão natural morrer quanto nascer. Mas todos têm medo dela. Angustiam-se. Inutilmente, tentam aplacá-la. Eles não a amam. Muitos milhares de anos atrás, ouvi uma canção num sonho, uma música mortal que celebrava sua dádiva. Eu ainda me lembro. “Hoje a morte está diante de mim: Como a recuperação de um doente. Como adentrar um jardim após a doença. Hoje a morte está diante de mim: Como o aroma da mirra, como velejar num dia de brisa agradável. Hoje a morte está diante de mim: Como o curso de um riacho, Como um homem que torna para casa depois da batalha no mar. Hoje a morte está diante de mim: Como o lar que um homem anseia rever, depois de muitos anos no cativeiro.” Esse poeta esquecido entendia suas dádivas<sup>45</sup>.

Figura 2 – Personagem Sonho entediado



Fonte: Pinterest<sup>46</sup>

<sup>45</sup> GAIMAN, NEIL. **Edição Definitiva**. São Paulo: Panini Books, 2010, p. 225-226.

<sup>46</sup> PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/322007442090377538/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Após muitas buscas serem realizadas, o sujeito se sente vazio, e não encontra mais sentido diante de novos interesses. E diante dessas impossibilidades começa a se questionar sobre sua existência. Nesta condição o indivíduo se sente desamparado, sem condições de encontrar motivação para seguir sua vida com naturalidade, sendo assim necessária uma intervenção de apoio emocional. Entender a angústia instaurada é uma busca sofrível, pois a ausência de sentido na vida faz com que as energias do ser humano sejam aniquiladas. É crucial para o sucesso no apoio a esta pessoa que se busque encontrar um significado para sua existência, para que, a partir daí, se entenda os porquês desse sofrimento, e se realize um processo terapêutico contínuo e preventivo para possíveis recaídas que fazem parte desse processo. Aqui também não se descarta a possibilidade de traumas antigos que porventura ainda não estejam superados e que persistem em manter um vazio existencial.

Quando aqueles caras me capturaram e me aprisionaram naquela caixa, eu só pensava numa coisa: vingança. Quando finalmente consegui me libertar, meu captor original já havia deixado o mundo dos mortais, e eu me vinguei de seu filho. A sensação foi... razoável, suponho. Mas não me pareceu tão... satisfatória... quanto eu esperava. Nesse ínterim, meu mundo de sonhos desmoronou. Eu precisei de minhas ferramentas, roubadas havia muito tempo e que estavam espalhadas pelo mundo. Uma a uma elas foram encontradas. (...) Sabe... até esse momento, eu estava motivado. Tinha uma missão verdadeira, um propósito além da minha função... e então, de repente, a missão chegou ao fim. (GAIMAN, 2010, p. 213-214). Mesmo possuindo uma função na ordem do universo, Sonho necessita de algo a mais para fazê-lo "existir". A ausência desse algo a mais o torna consciente do vazio que precisa ser preenchido: "Eu me senti... exaurido. Decepcionado. Abatido. Faz sentido pra você? Eu tinha certeza de que, assim que tivesse tudo de volta, voltaria a me sentir bem, mas, por dentro, eu me sinto pior do que no começo. Não sinto nada<sup>47</sup>.

Sua irmã tenta o fazer enxergar a vida com outros olhos, e o convida para seguir em uma caminhada, onde durante estes instantes juntos ela a morte, realiza visita a pessoas que estão com sua hora marcada para morrer. A cada encontro que eles realizam, Sonho repete a frase "Eu ouço o som de suas asas", e por algum motivo consegue enxergar na morte dessas pessoas que toda vida tem um sentido, onde cada um tem uma função em sua existência.

Apesar de atualmente vivermos com muitas tecnologias ao nosso redor, o ser humano segue se sentindo vazio, as buscas sem sentido para uma vida que já é muitas vezes vazia, aumentam as perguntas sem respostas e os perigos são muitos nessas condições. Buscar preencher este vazio por recursos materiais, constitui-se

---

<sup>47</sup> GAIMAN, 2010, p. 214.

numa busca ao nada ou representa, na melhor das hipóteses, querer viajar dando uma volta ao mundo sem sair de onde se está. É vã qualquer tentativa de preencher materialmente o vazio que se instaura, sendo apenas possível através de algo que resgate o sentido de viver.

A presença de um aconselhamento pastoral pode diminuir os riscos que uma crise existencial pode trazer. E neste contexto, depressão e surtos são apenas alguns dos riscos aos quais uma pessoa sem o apoio emocional está exposta.

### 3.2 Morte: o alto preço da vida

A HQ *Morte de Neil Gaiman* foi publicada entre os anos de 1990, tendo sua primeira publicação pelo selo Vertigo (já extinto) da editora DC Comics. Morte é uma história em quadrinhos, edição definitiva dividida em três capítulos: “*O alto preço da vida*”, “*O grande momento da vida*” e “*Um conto de inverno*”. A HQ vai nos trazer um assunto importante para todos nós, a vida, uma discussão que por muito tempo já se tornou um tabu na sociedade. De forma brilhante e até por ser uma história em quadrinhos, é possível se refletir sobre nossas vidas durante todos os momentos da leitura, passando sobre assuntos como, crises existenciais, relacionamentos amorosos, perdas de entes queridos, nossas decisões frente a situações difíceis e nossa própria vida. Em meio a todas essas situações, se torna impossível não falarmos sobre a morte, pois nossas vidas se encaminham em direção a ela, e lembramos que todas as decisões que tomamos podem modificar o rumo das mesmas.

A morte é o final do contato do ser humano com este plano, e nesse rompimento desta única certeza, quem sente a dor emocional é quem fica, quem vê esta morte. E a história aborda de forma simples e direta este momento, além de nos lembrar que em torno da morte existem outros tipos de sofrimento e que este é um momento único de nossas vidas.

Melhor que o substantivo [morte], o verbo morrer nos fala daquilo tudo que diz respeito à morte do homem: poder morrer, ter que morrer, querer morrer, quando morrer, porque morrer, não querer morrer<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido:** uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004, p. 69.

No quadrinho a morte se revela na imagem de uma linda jovem, com cabelos pretos e longos, e com a característica de sempre estar vestida de preto. Sempre muito educada e gentil, ela faz o seu trabalho de levar algumas pessoas para o seu mundo. Mas ao mesmo tempo, ela trás esclarecimento para alguns personagens, fazendo-os enxergar a importância de se viver a vida intensamente e ser autêntica. No segundo capítulo “O grande momento da vida” foi a história que nos trouxe um pensar mais aprofundado, pois retrata bem o cotidiano social, onde momentos comuns e difíceis são vivenciados todos os dias em qualquer lugar do mundo. O adolescente *Sexton Furnival* está se sentindo entediado e solitário, está pensando sobre sua difícil vida, filho de pais separados e cheios de conflitos pessoais, chega a conclusão de que a única maneira de resolver tudo é tirar a própria vida, e após pensar muito sobre isso vai até um lixão onde pensa em se jogar do alto de um monte de lixos. Mas seu plano não dá certo, e acaba escorregando e caindo, mas o máximo que consegue, são alguns arranhões e acaba ficando preso embaixo de uma geladeira, neste momento desesperador e gritando por socorro, ele escuta uma voz feminina lhe oferecendo ajuda, onde mesmo o garoto sendo indelicado a moça acaba por lhe ajudar e o retira dos escombros. A garota o leva para casa dela e o ajuda com seus ferimentos, além de costurar suas roupas que estavam rasgadas. Sexton acha aquilo tudo muito estranho, mas, mesmo assim, aceita ajuda e segue acompanhando a garota, que segue se mostrando sempre sorridente e positiva mesmo em situações complicadas.

Eles passam o dia juntos, e Sexton nota que a menina, que se chama “Didi” tem um comportamento diferente de tudo que ele já havia visto, e fica intrigado com tudo que vê.

No decorrer da história eles passam por várias situações, desde serem sequestrados por uma dupla que queria roubar o colar da menina, ir a uma danceteria se divertir, e até ver um homem ser morto, tudo isso com a garota tendo um comportamento sempre gentil, até mesmo com aqueles que desejavam lhe fazer mal. Segundo Gaiman, o arquétipo da morte se mostra assim,

Ela é um doce. Muito legal. O tipo de pessoa que você quer ser amigo na hora. Ela é uma Nico (ex-cantor de rock e estrela de Andy Warhol no final dos

anos 1960: rosto cabelo e estrutura óssea lindos) de 16 anos. Ela também é muito compassiva<sup>49</sup>.

Figura 3 – Sexton Furnival e a Morte



Fonte: Wordpress<sup>50</sup>.

Uma das características interessantes na morte é a predominância da cor preta, algo que para muitos é uma cor mórbida, mas ao mesmo tempo usada por padres e freiras, mas pela imagem de uma menina sempre sorridente, ela passa despercebida para trazer uma imagem assustadora, e sim algo mais singelo e conquistador.

Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, [...] o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal<sup>51</sup>.

Outro ponto interessante é que o “ankh” que ela sempre carrega consigo pendurado no pescoço, é um símbolo egípcio que representa a “vida”, mas na HQ esse hieróglifo não representa somente a vida, mas a própria finitude também. Uma relação de vida e morte. E com esses elementos a jovem e bela morte segue ceifando vidas, e nos confirmando que a única certeza da vida será o nosso encontro com ela. Um ponto interessante na história é que este “ankh” é roubado por um rapaz, pois seu chefe acredita que obtendo este objeto passaria a ter os poderes da morte. Porém,

<sup>49</sup> GAIMAN, 2010, p. 551.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://mauldika.files.wordpress.com/2013/07/death-the-high-cost-of-living-yin-ynag-symbol-1993.jpg>.

<sup>51</sup> JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 92.

logo isto não se confirma. “Didi”, apelido dado à morte, acaba por conseguir se livrar da confusão e na sequência compra outro amuleto em uma banca de camelô, revelando que o sentido do objeto não estava relacionado àquele item que lhe fora roubado.

Sabemos que existem muitos símbolos no vulgo social, através dos quais as pessoas acreditam, de maneira convicta, que possam lhe atribuir um certo tipo de poder. Quase sempre estes simbolismos estão relacionados à necessidade de uma proteção que forneceria à pessoa condições de enfrentar o medo que sente de alguma coisa. Neste aspecto, o medo de enfrentar a morte, gera crenças que muitas vezes são passadas de geração para geração, e cada região em todos os cantos do mundo tem as suas. Trata-se de um tipo de crença que deve ser respeitada e jamais questionada.

Antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta e constante adoração; ele nos toca fundo em nossos corações, porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes<sup>52</sup>.

Enfrentar nossos medos nunca será simples, e muitas vezes vamos precisar de uma ajuda externa para superá-los. Ignorar a morte não fará com que ela deixe de existir, mas nos dá tempo de seguir sem sofrer pensando nela. O maior desafio é viver sabendo que ela segue presente, mas fazendo prevalecer os valores relacionados ao real sentido da vida a todo o momento.

### **3.3 Morte, o grande momento da vida**

A HQ intitulada “Morte” de Neil Gaiman, desenhada por Chris Bachalo e Mark Buckingham, conta a história de uma cantora chamada Foxglove que vive uma carreira artística de glamour, com muitos shows e uma agenda lotada com muitos compromissos e entrevistas que tomam os seus dias. Ela tem uma relação homoafetiva com Hazel, romance esse que não pode ser revelado publicamente, devido a carreira de Foxglove exigir que ela tenha a imagem de uma pessoal heterossexual, situação que a deixa bem desconfortável. Na vida passada de Hazel ela enfrentou uma situação bem complicada para uma jovem mãe, perdeu um filho

---

<sup>52</sup> BECKER, E. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 25.

chamado Alvin, e por negar esta situação Hazel resolve realizar um pacto com a morte, e assim poder ter a presença do filho por mais algum tempo. A morte que na história em quadrinhos aparece representada por uma jovem garota, vestida toda de preto no estilo clássico dos góticos, é uma personagem emblemática, muito simpática e educada, que consegue transmitir uma simpatia singular frente a todos que passam por seu caminho. Mas apesar disso, ela segue fazendo o que precisa ser feito, realizando o trabalho da morte e por fim no ciclo da vida.

Quando Hazel perdeu o filho Alvie, ela nega essa perda e resolve fazer um contrato com a morte, para assim poder ter por mais um tempo o filho tão amado, mas neste contrato ficou acordado que a morte após alguns meses viria ceifar a vida de Hazel ou de sua namorada Foxglove, que serviriam como oferenda para a morte no lugar de Alvin.

Hazel questiona a morte de seu filho, e se enxerga no vazio, neste momento inúmeras interrogações se fazem presentes na cabeça da personagem, interrogações essas que aparecem no livro “No fim, o início: breve tratado sobre a esperança” de Jürgen Moltmann. Moltmann em seu “Tratado sobre a esperança”,

O que resta? Resta mesmo alguma coisa? Essa pergunta nos assalta naturalmente, quando sentimos o hálito frio da morte, seja da própria morte, seja da morte daqueles que nós amamos. A morte apresenta-se definitivamente: passe acabou e nunca mais<sup>53</sup>.

Hazel inicia um conflito interno onde tenta encontrar uma resposta para tudo que está acontecendo. Seu egoísmo e preocupações com o filho a fazem ter uma atitude desesperada, negociar com a morte. Para ela perder o filho é equivalente a perder parte de si, isso é o que ocorre com muitos, perder alguém que amamos nos faz diminuir nosso amor pela vida e tudo fica mais “cinza”.

Ao longo da história percebemos que aparecem vários questionamentos relacionados à vida e a morte, além é claro, acerca do sentido de existir já que tudo isso um dia vai inexistir para todos nós. A personagem morte sempre traz a mensagem de que a finitude faz parte do ciclo natural da vida e que o homem precisa aceitar este fato, mesmo sabendo que a morte de cada um tem uma data e hora para acontecer, a nós desconhecidos. Essa é a natureza do ser humano e é preciso discutir e entender este processo do ciclo vital da vida.

---

<sup>53</sup> MOLTSMANN, Jürgen. **No fim, o início: breve tratado sobre a esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 125.

Um longo diálogo acontece entre mãe e a morte, no qual refletem sobre a existência do ser, os porquês da finitude e as razões da existência humana. A morte é um aprendizado para a vida humana, um estágio final, nesta sequência, Moltmann nos traz que a morte é,

[...] um evento que atinge toda vida. Por todo o nosso modo de viver, consciente ou inconsciente, nós nos adaptamos a isso: nós podemos recalcar a ideia de nossa própria morte, atingindo como se vivêssemos uma vida sem fim. Podemos fazer negociações tácitas com a morte e com isso augurar-nos alguns anos de vida. Nós podemos em constante protesto contra a morte. Podemos aceitá-la e integrá-la na consciência de nossa vida. Nossas atitudes em relação à morte. Na morte revela-se muitas vezes o que tinha e o que não tinha sentido em nossa vida. Isso não vale apenas para a configuração da vida pessoal, mas também para a cultura na qual vivemos<sup>54</sup>.

No decorrer da história podemos perceber as questões de negação que estão presentes em nossa sociedade e todas as barganhas e apelos que se fazem presentes até se iniciar a aceitação de que a morte é um complemento de nossas vidas, algo diretamente ligado ao biológico humano. A própria personagem faz um discurso explicando que quando o primeiro ser se fez presente no princípio de tudo, ela também surgiu, e mesmo sendo início da vida o fim estava presente também, pois se existe a vida um dia existirá a morte.

A morte possibilita, então, a seriedade de nossa liberdade e de nossas decisões. Ela nos torna únicos e insubstituíveis. Finalmente, a morte é a consagração de nossa existência terrena, transformando nossa vida em 'obra'. Nesse sentido seria o momento de nossa máxima manifestação, de nossa 'glória'<sup>55</sup>.

Assim, a morte não deve ser vista como um fim de tudo e sim como um processo natural do ser humano. E "Morte é o grande momento da vida", podemos realizar reflexões sobre nossas vidas, nos questionando e analisando tudo que foi feito, dos erros e acertos que inevitavelmente irão acontecer num viver. A finitude não é uma derrota como muitos pensam e só vamos morrer se tivermos uma vida, e por estamos vivos teremos a presença da morte em nossas vidas a todo instante, negando ou não que esse momento inevitavelmente vai acontecer com todos nós.

Morre-se no instante da morte, como se morre ao longo da vida. Este é o caminho normal do morrer. A presença da morte na existência não se veste do luto, mas da seriedade e irrevogabilidade das decisões. Uma vida pensada

---

<sup>54</sup> GAIMAN, Neil. **Morte**: O grande momento da vida. São Paulo: DC Vertigo+Abril Jovem, 1997, p. 13.

<sup>55</sup> GAIMAN, 1997, p. 54.

sem morte perde-se, no final, na total irresponsabilidade. A vida é o lento amadurecer da morte. Morre-se na vida, durante a vida, na medida em que as opções vão sendo feitas<sup>56</sup>.

E a história nos surpreende com um final inusitado, onde um personagem chamado Borges se oferece para ser levado pela morte, não deixando a morte levar Foxglove que havia se oferecido para ir no lugar do Alvie ou mesmo da Hazel. Borges diz que foi contratado por Larry (empresário de Foxglove), que já havia morrido na história. Borges diz que seu trabalho era cuidar de Foxglove e deveria fazer isto, mas antes diz a Foxglove: “Vá cuidar da sua vida Fox. Viva decentemente. Dê bons exemplos pro Alvie se orgulhar de você e tal. Acho que você nunca teve perfil de estrela pop. Não é vida pra ser humano. E só se vive uma vez”<sup>57</sup>. E então a morte leva o segurança Borges.

### 3.4 Medo da Morte

Nosso mundo atualmente vive envolto em negações, de maneira inconsciente são adiadas todas as formas de supostas perdas naturais, desde uma simples queda de cabelo passando por situações mais extremas como manter o status de uma rede social atualizada a cada meia hora. Os valores que foram sendo agregados através dos tempos conduziram a um extremo no qual as pessoas desvalorizam o real sentido de suas vidas. O fútil se tornou importante e o essencial caiu no esquecimento. O suposto mundo moderno quer aniquilar a morte, o envelhecimento natural, as dores do mundo, como se o cumprimento de determinados protocolos e aparências pudesse camuflar o tamanho do caminho já percorrido ou as consequências das escolhas eleitas, esconder a finitude humana em um vazio. Como se a morte fosse sempre um abismo imprevisto na estrada da vida que a nós abruptamente se apresenta. Esquecemos que a morte nos acompanha ao longo do caminho onde quer que estejamos, o tempo todo.

Assim como pode ser contraditória a visão da morte enquanto representativa de fim ou de recomeço, o filósofo Montaigne estabelece um contraste entre aqueles que consideram a morte um “mal” e os que a consideram um “bem”:

---

<sup>56</sup> LIBÂNIO, João B.; BINGEMER, Maria Clara L. **Escatologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 159.

<sup>57</sup> GAIMAN, 1997, p. 213.

Ora, essa morte que alguns chamam de a mais horrível das coisas horríveis, quem não sabe que outros a denominam o único porto contra os tormentos desta vida? o soberano bem da natureza? o único esteio de nossa liberdade? e receita comum e imediata contra todos os males? E enquanto alguns a esperam trêmulos e apavorados, outros suportam-na mais facilmente que a vida<sup>58</sup>.

Sabemos que somos mortais, finitos. Mas a morte como uma condição final de certa maneira em geral nos apavora e sua ideia comumente traz consigo inúmeros receios e fantasias a qualquer ser humano que se encontra trilhando o caminho entre o nascer e morrer. A morte vai atingir a todos os seres vivos, será algo inevitável em algum instante de nossas vidas, porém em nosso cotidiano raramente pensamos neste evento. Mas por que negar esta realidade? Esta negação ou mesmo a falta de reflexão sobre a morte acaba por associar este fenômeno a um status de aniquilamento temporário.

Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer desaprendeu a servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento<sup>59</sup>.

A morte faz parte de nós mesmos, pois vida e morte coexistem em conjunto em nosso cotidiano e caminham juntos a nós enquanto existirmos. Vai entender o que é a morte quem nascer e não há outra forma que se saiba de conhecer este fenômeno a não ser nascendo e vivendo, isto é fato. Nossas experiências de vida é que vão nos proporcionar entender o que nos faz bem ou que nos faz mal.

Quíron recusou a imortalidade quando Cronos, seu pai, deus do tempo e da mortalidade, lhe revelou as condições dela. Imaginai a que ponto uma vida sem fim seria menos tolerável e mais penosa para o homem do que a que lhe foi dada. Se não tivésseis a morte, vós me amaldiçoaríeis sem cessar por vos haver privado dela. Foi propositalmente que a ela juntei alguma amargura, a fim de impedir que, ante a comodidade dela, não a buscásseis com avidez<sup>60</sup>.

O pensar na morte vai além de uma simples discussão, pois enquanto se pensa em morte é comum que se realizem reflexões sobre a vida, sobre o que fazemos e porque fazemos. A forma como se recebe a proposta de pensar sobre a finitude que nos aguarda geralmente está relacionada às crenças cultivadas ao longo da vida.

---

<sup>58</sup> MONTAIGNE, M. **De como filosofar é aprender a morrer**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991, p. 73-74.

<sup>59</sup> MONTAIGNE, 1991, p. 126.

<sup>60</sup> MONTAIGNE, 1991, p. 134.

Neste ponto, é inevitável e intrinsecamente relacionado ao momento de consciência acerca da proximidade da morte o momento de repensar acerca da própria existência, até mesmo no intuito de buscar explicações para o desconhecido que se vislumbra ao horizonte.

Esse gasto constante de energia psicológica na tarefa de preservar a vida seria impossível se o temor da morte não fosse tão constante. O próprio termo “autopreservação” dá a entender um esforço contra alguma força de desintegração; o aspecto afetivo disso é o temor, o temor da morte<sup>61</sup>.

Porém, uma vez consolidada a morte, se perpetuam entre os vivos as angústias mais comumente expressas nessas discussões, tais sejam aquelas relacionadas aos mistérios que permeiam a morte, até hoje nunca elucidados. A morte é um fenômeno, por isso autônomo e imprevisível, caracterizando-se, ainda, como uma transformação irreversível. Então, mais que uma simples mudança, seu caráter irreversível acarreta ainda maiores receios acerca de sua experimentação, que permanece totalmente desconhecida aos vivos.

Desvendar os mistérios que circundam o momento deste acontecimento é um desejo de muitos, mas o medo gerado pelo desconhecimento prévio e total acerca das circunstâncias a ele agregadas acaba por corroborar no isolamento da discussão acerca da finitude no dia a dia. Realizar reflexões sobre a finitude é inevitável, em algum instante vamos pensar sobre isso, num desafio pessoal em reconhecer a razão de “estar”, pois em algum momento não estaremos mais.

Não é fácil lidar com a morte, mas ela espera por todos nós... Deixar de pensar na morte não a retarda ou a evita. Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e a perceber que ela é uma experiência não importante e valiosa quanto qualquer outra<sup>62</sup>.

A morte não existe para ameaçar a vida e muito menos para ofuscá-la, a morte apenas é parte desse conjunto natural da vida humana. Podemos dizer que é feliz aquele que não teme a morte e apenas a vê como uma continuidade do ciclo vital de nossas vidas.

A morte é o fim da nossa caminhada, é o objeto necessário de nossa mira; se nos apavora, como é possível dar um passo à frente sem ser tomado pela

---

<sup>61</sup> BECKER, 2007, p. 37.

<sup>62</sup> ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 20.

ansiedade? O remédio do vulgo é não pensar nela. Mas de que estupidez brutal pode vir cegueira tão grosseira? É pôr a brida na cauda do burro<sup>63</sup>.

Este aprisionamento ao medo da finitude faz com que o indivíduo siga sem debater sobre a morte, conseqüentemente entendendo menos sobre o viver e, por isso, sem conseguir identificar e valorizar o real sentido da vida. Enquanto não nos dispusermos a entender melhor acerca da ideia de finitude, dificilmente caminharemos no sentido da consolidação de um sentido maior da nossa existência. Com frequência observamos em nosso cotidiano pessoas numa busca incessante por novas vivências, na esperança de que estas atribuem sentido ao seu viver, como se fosse este um elemento necessariamente novo e externo. Mas esta busca por sentido e plenitude requer consciência real acerca da finitude da vida, a fim de que se possa ao máximo utilizar-se de valores adequados como norteadores das escolhas ao longo da vida. A existência lastreada em critérios distintos torna permanente a busca de sentido aos que ao longo da vida permitem influência determinante de falsos e instantâneos valores. Acabam por postergar ou mesmo aniquilar a possibilidade temporal de um real viver, livre, porque consciente em relação ao morrer. Tuy, aponta uma definição de morte que evidencia seu caráter resolutivo e definitivo:

[...] a morte seria uma passagem para um absoluto não-humano, o morrer seria viver as possibilidades do não, saber que essa auto transcendência é a vida, vida em morte, seria o marco determinante para o fim da existência. Essa existência finita atribui ao homem o caráter de totalidade, de uma forma individualizada, só eu posso me completar, já que ninguém pode morrer por mim, só eu posso interromper meus projetos de vida, com a minha morte<sup>64</sup>.

Montaigne nos traz a concepção de que a natureza é capaz de nos preparar para a morte, minimizando a morte como uma condição natural individualizada, transferindo o foco do pensamento para as experiências individuais que as situações do nosso cotidiano natural vão nos proporcionar. “Todos os dias levam à morte, só o último a alcança. Eis os sábios conselhos que vos dá a natureza, nossa mãe”<sup>65</sup>. Mas Montaigne nos alerta para a condição de que, uma qualidade de vida é o desfecho de atos de um viver com sabedoria valorizando o aspecto mais qualitativo. Segundo

---

<sup>63</sup> MONTAIGNE, M. Que filosofar é aprender a morrer. In: **Os Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 63.

<sup>64</sup> TUY, A. E. Existencialismo e a morte. **Revista Artigo.etc.br**. 24 set 2009. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: 20 de jul. 2022, p. 3.

<sup>65</sup> MONTAIGNE, 1991, p. 58.

Epicuro, quando tememos a nossa não existência no futuro, é tão irracional se lamentar quanto a não existência antes mesmo de nascer.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade<sup>66</sup>.

A morte é um fenômeno sobre o qual não temos o controle, não dominamos, faz parte do desconhecido, do obscuro, do duvidoso, do contestável, etc. Carregamos esse temor pela morte, pura e unicamente por sua negação que a faz desconhecida. As perguntas sem respostas são inúmeras, e uma delas é “o que tem lá do outro lado?” ou “o que vem depois?”. Toda essa incerteza nos causa angústia e conseqüentemente o medo, que é um sentimento natural frente a algo desconhecido ou mesmo indomável. Esse medo é enfatizado por Yalom, quando ele diz que:

O medo da morte sempre se infiltra por baixo da superfície. Ele nos assombra durante toda a vida e nós erguemos defesas – muitas delas baseadas na negação – para nos ajudar a lidar com a consciência da morte. Mas não podemos mantê-la fora da mente. Ela se difunde pelas nossas fantasias e sonhos. Ela explode sem freios em cada pesadelo<sup>67</sup>.

Por ser um momento singular e intransferível não vamos vivenciar esse fenômeno mais de uma vez, e mesmo assim ele pode acontecer de inúmeras maneiras, desde um simples dormir e não acordar, passando por um escorregão no meio fio que faz bater a cabeça num paralelepípedo, até um acidente de automóvel. Não sabemos quando e nem como realmente vai acontecer e é isso que nos deixa intrigados, curiosos e com medo. Não é por acaso que vários filmes e seriados de televisão abordam o tema do ser imortal, esse desejo ou mesmo fascínio de viver eternamente ronda a mente humana. Pois, se pararmos para pensar, a morte nos ronda desde que nascemos, e rechaçamos essa possibilidade em nossas vidas, evitamos falar sobre ela até mesmo com a desculpa de que se tocarmos no assunto, ela aparecerá, e com isso mantemos firme o tabu com relação à morte. Mas estamos

---

<sup>66</sup> VIANA, C. A. **Apostila para o Curso de Pesquisa Filosófica I**. Marília, SP: Faculdade João Paulo II, 2010, p. 30.

<sup>67</sup> YALOM, I. **Os desafios da terapia: reflexões para pacientes e terapeutas**. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 120.

caminhando em direção à morte desde que nascemos. Martin Heidegger discute isso de forma brilhante no livro “Ser e tempo”.

O ser-aí é constituído pela abertura, quer dizer, pelo compreender disposto. O ser para a morte próprio não pode se esquivar diante da possibilidade mais própria e irremissível e nesta fuga encobri-la e deturpá-la para a compreensibilidade do impessoal<sup>68</sup>.

Mas por outro lado, se constantemente de forma consciente pensássemos na morte, não teríamos a mínima condição de realizarmos nossas tarefas diárias, o viver seria prejudicado, pois ficaríamos neuróticos de tanto pensar em como seria esse encontro e não faríamos mais nada com medo de que o fenômeno pudesse acontecer a qualquer momento. Mas de maneira inconsciente ela estará sempre presente e essa necessidade de perpetuar a vida, é expressa de várias maneiras, demonstrando assim o medo que a morte nos provoca. Frente a esta incapacidade de simbolizar a própria morte, Epicuro<sup>69</sup>, baseando-se nesta condição foi argumentou da seguinte forma,

[...] jamais nos encontraremos frente a frente com a nossa própria morte. Considerando que enquanto nós estivermos presentes ela estará ausente, restando-nos apenas especulação do que seria a própria morte, não existindo o fenômeno. Quando ela estiver presente, então seremos nós que estarmos ausente<sup>70</sup>.

Na obra de Ernest Becker, “A negação da morte<sup>71</sup>, ele aborda sobre o medo da morte, apontando que esse fenômeno é uma das características que influenciam o indivíduo, em suas condições sociais. Além disso, o autor traz em sua obra que a morte em outros momentos da história não foi apenas motivo de ter medo e sim de celebração, abordando de forma antropológica, Becker garante que era um pensamento da época. Atualmente esse pensamento é visto de maneira totalmente estranha, pois celebrar a morte é tido como algo ruim, comemorar a morte de alguém soa de forma sinistra e até imprópria. Alguém que enfrenta a finitude hoje é visto como um herói, enfrentar o morrer é visto como ato de coragem. A forma de viver nos tempos atuais na sociedade ocidental, vê como se a morte não existisse, a negação do futuro e inevitável evento, é lembrado quando ele se faz presente, causando aquela sensação de insegurança diante da possível aniquilação, é uma ambivalência de sentimento real

<sup>68</sup> HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer, 1986, p. 346.

<sup>69</sup> MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

<sup>70</sup> MARANHÃO, 1998, p. 66.

<sup>71</sup> BECKER, E. **La lucha contra el mal**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

que só aparece de tempos em tempos. Na obra *A negação da morte*, Becker afirma que,

O homem cria símbolos culturais que não envelhecem, nem decaem para aliviar seu temor ao seu fim último, que preocupa muito, e para ter a esperança de uma duração indefinida. A cultura oferece ao homem um alter organismo mais durável e poderoso do que a natureza poderia lhe ter dado. Por exemplo, o céu dos muçulmanos provavelmente é uma visão mais total e inconsciente do que o organismo humano realmente espera gozar. [...] Quero dizer que o homem transcende a morte por meio da cultura, não só mediante visões sinceras (ou ingênuas) como fartar-se de cordeiro num céu perfumado, cheio de dançarinas, senão de uma maneira muito mais complexa e simbólica. O homem não só transcende a morte ao continuar alimentando apetites, senão especialmente encontrando nisso um significado para sua vida<sup>72</sup>.

A morte sempre será uma realidade social, vivenciada em qualquer momento e em todas as instâncias cotidianas. É um fenômeno além de nossas forças e o medo de sua ocorrência pode estar associado a uma desnaturalização da morte (e da vida, por consequência), que é reiterada por suas caracterizações ou mesmo com a privatização do morrer. O ser humano sempre negou a possibilidade de algum dia não existir mais, pois esta possível finitude amedronta, evidencia a importância de efetivamente vivermos com sabedoria e traz um temor pelo “além morte”, que nos é desconhecido.

### **3.5 Como enfrentar a morte**

Certamente abordamos neste trabalho um tema que causa sofrimento às pessoas, todavia lembramos que a HQ “Morte” de Neil Gaiman, traz o assunto de forma delicada, singela e até cômica. Podemos ler e ver nas páginas pessoas sendo mortas e a tão temida morte representada por uma menina bem afeiçãoada, delicada e de traços suaves, vestida de preto. Percebe-se na HQ um cuidado e olhar diferenciado no trato ao assunto. Há um simbolismo que nos é apresentado que diverge em muito das representações mais comuns, através das quais o imaginário popular é conduzido a perpetuar impressões nada meigas e acolhedoras sobre a morte, como a clássica caveira usando um capuz e segurando uma foice, algo realmente amedrontador e macabro. Todavia, diante da dimensão das incertezas que pairam sobre o tema, podemos ainda idealizar e destacar como fundamental apenas

---

<sup>72</sup> BECKER, 1977, p. 20.

a aceitação do conceito de finitude em si, abstraindo-se deste as sensações atribuídas ao simbolismo das imagens que ilustram a morte. Ou seja, talvez seja a morte apenas um fenômeno sem rosto, e que como uma estação do ano aparece de tempos em tempos. Podemos atribuir esse tipo de contexto aos filósofos, pois eles que desde o princípio estudavam a morte, “se queremos entender a vida...” Joseph Bayly, diz que:

Talvez o mais importante seja a falha em enfrentar a vida. Desde o começo dos tempos, os filósofos destacaram o confronto com a morte como a chave da vida. Se quisermos entender a vida, dizem eles, precisamos lutar com o mistério da morte, pesquisar o seu significado, chegar a um acordo quanto à sua natureza<sup>73</sup>.

Além disso, em geral relacionamos mentalmente o morrer à necessidade de existência de uma doença, algo que nem sempre acontece, pois não se morre somente quando se está doente, e, mesmo doente, podemos não morrer. A morte pode ser decorrente de um acidente, de um mal súbito ou até de um simples engasgar comendo um alimento. Estas possibilidades nunca são colocadas, pois assim como não se enxerga a morte no dia a dia, se nega também que podemos morrer enquanto não tivermos ciência acerca de um diagnóstico relacionado a uma doença grave. Mesmo a morte sendo parte integrante da condição humana, quando todos sabem que se existe um nascer, vai haver um morrer, por que negar este processo? Será preciso sempre desviar de uma conversa séria para se falar de finitude?

É preciso uma HQ para podermos abordar o assunto de forma menos amedrontadora? Pensando em nosso cotidiano, parece que sim, pois lendo uma história em quadrinhos não se pensa que a morte vá acontecer, algo que se verifica diferente na vida real, na qual verificamos com facilidade que comumente se teme a pronúncia da palavra morte ou até mesmo dos nomes de algumas doenças mais graves, como câncer. Há o temor pela concretização do fim através de uma materialização mágica. A dimensão do medo de contato com o significado de alguns vernáculos proferidos acabou por gerar a necessidade de crença de que alguns atos seriam magicamente capazes de impedir qualquer real proximidade. Assim, para afastar a possibilidade de materialização do indesejado e temível (mas pronunciado), observamos ainda atualmente com frequência, por exemplo, a crença no ato de se bater três vezes em um objeto de madeira. Outros vernáculos são comumente objeto de mesma preocupação, por causarem medo e receio no indivíduo, dadas as

---

<sup>73</sup> BAYLY, Joseph. **Enfrentando a morte**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 12.

incertezas e crenças em torno dos conceitos e consequências a estes atribuídos, muito em decorrência do imaginário popular. Eleny Cavalcanti diz que:

A morte, vista sem a esperança de uma nova vida eterna, causa medo e insegurança. Surgem perguntas como: Para onde irei quando der meu último suspiro? O que me espera? Será verdade o que dizem a respeito do céu e do inferno? Sinto-me tão culpado. Creio que me senti punido pelos pecados que cometi<sup>74</sup>.

Dito isso, qual seria a melhor forma de se conversar sobre morte? Sem sermos desrespeitosos, mas até certo ponto didáticos? A resposta parece estar envolta à necessidade de desmistificar o processo do fenômeno e trazer um entendimento mais apurado sobre a tal palavra proibida “morte”. Neil Gaiman consegue de forma brilhante trazer o assunto desviando a mística do tabu social, colocando algumas situações cotidianas sem deixar de ser uma leitura divertida e de um ótimo aprendizado.

### 3.6 Simbologia da Morte

As representações da morte ao longo dos tempos e ao redor do mundo são inúmeras, mas configura-se um de seus maiores símbolos a imagem da caveira, cuja associação é praticamente instantânea e universal. Podemos melhor entender e dimensionar a relevância das representações no contexto social ao constatarmos que uma mesma imagem ou figura origina distintos significados subjetivos, tendo em vista as diversidades sociais e culturais nas quais estamos inseridos.

As várias resistências que emergem instantaneamente (quase como um reflexo) diante de um símbolo associado à morte traduzem e mantêm o fenômeno como um tabu, estando embasadas no mitológico, no religioso, no simbólico, no abstrato, sinteticamente, na questão subjetiva do ser humano. As representações da morte durante muito tempo se mantêm consolidadas por questões espirituais, religiosas e místicas, através da defesa incontestada que visa a manutenção de preceitos e rituais que enaltecem e perpetuam a simbologia. Mas além destes aspectos, a representação da morte se fez presente com o passar dos anos também através da expressão artística, podendo sua manifestação ser observada em alegorias, construções, obras de arte, etc. Atualmente podemos notar que a

---

<sup>74</sup> CAVALCANTI, E. V. de P. **Aconselhamento a pacientes terminais**. São Paulo: Presbiteriana, 1983, p. 39.

expressão da morte permeia nosso cotidiano e encontra-se visível através de vários tipos de representações, manifestamente observáveis em diversas áreas. Vigotski (1996) afirma que a ciência assimilou muito bem o conceito de vida, mas não conseguiu explicar o de morte:

A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não-ser; é um certo algo e não o completo nada<sup>75</sup>.

Discutir sobre as representações da morte vai nos trazer várias indagações, pois dependendo do local ou região, a representação poderá traduzir-se em um ou outro tipo de significado, e isso deve ser respeitado por quem observa externamente, uma vez que não partilham necessariamente dos mesmos fundamentos sociais desta interpretação exposta. A diversificação e a possibilidade de enxergarmos a morte de maneiras múltiplas nos mostram que a morte não é um tema fácil de ser abordado e discutido. Pode-se até mesmo indagar o gênero do substantivo: seria morte uma palavra (no caso substantivo) com denotação de gênero masculina ou feminina? Esta é uma resposta que vai depender da representação que ela traz individualmente para cada pessoa e da cultura que ela está inserida. No caso adotaremos o tratamento feminino do termo, predominante em nossa sociedade. Fato é que independentemente do aspecto sócio-histórico-cultural envolvido, a representação da morte é ampla e frequente, havendo inclusive aspectos em comum observados ao longo dos tempos.

Assim como predominante a sua denotação feminina, podemos também afirmar como característica praticamente universal o fato de a morte manter-se atrelada a um ritual, seja qual for o tempo ou espaço. Verificada a ocorrência do fenômeno, invariavelmente tem início um rito que envolve tanto a pessoa que está morrendo quanto parentes e amigos próximos (às vezes até desconhecidos):

A morte é uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece seu protocolo [...] Tratava-se de uma cerimônia pública [...] Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 265.

<sup>76</sup> ARIÈS, 2003, p. 65.

Como percebe-se, apesar de não poder ser definida através de uma simbologia única e universal, a morte encontra-se representada por meio de distintas formas de manifestações sociais, artísticas e culturais. Encontramos a sua representação presente em edificações, ruas, filmes, teatros, cinemas, músicas, livros, esculturas, pinturas e até mesmo em histórias em quadrinhos.

#### 4 DESMISTIFICANDO O MORRER

O que leva um pesquisador a investigar o fenômeno da morte? Essa é uma pergunta que me faço muitas vezes, pois cada vez que falo sobre minha pesquisa as pessoas perguntam: “Por que?” Sei que é um assunto complicado e cheio de tabus, mas me pergunto: por que não pesquisar? Vivemos em uma sociedade marcada pelo apego a coisas materiais, e que parece ter deixado de lado lembrar que somos seres finitos. Frente a esta situação verifiquei em vários momentos que existe um despreparo de enfrentamento quando esse momento chega. E aqui me refiro tanto ao despreparo da pessoa que enfrenta o fenômeno, pois todos nós vamos passar por esta etapa um dia, quanto (e principalmente) ao despreparo dos profissionais que lidam com o momento da morte. Sobretudo das pessoas que trabalham em hospitais, asilos e outros locais destinados a cuidar de pessoas idosas e/ou enfermas. A forma como as pessoas compreendem a morte é muito singular, depende muito de seu entendimento e o modo como as pessoas ao longo de sua vida lhe fizeram entender a finitude. Desde cedo as pessoas vão ter contato com as perdas, seja de um ente querido ou de um animal de estimação, mas a realidade desta perda vai ter sentido a partir da adolescência, época a partir da qual o indivíduo começa a entender o que realmente é a morte. E, desde então, evidenciamos que este fenômeno é alvo de adiamento ou repulsa, que é a única certeza que temos mas que é carregada de circunstâncias incertas quanto ao seu antes, durante e depois. Se inicia já diante dos primeiros contatos com a morte a repulsa ou negação acerca da ideia representada pelo fenômeno que transforma presença em ausência.

A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só “por experiência”, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo<sup>77</sup>.

A possibilidade de melhor se entender e por isso aceitar a finitude comumente se verifica na fase da velhice, quando entendemos que esta é a última etapa do ciclo de desenvolvimento humano. Mesmo assim, a cultura em que vivemos nos força de alguma forma a negar que em algum momento podemos não estar mais presentes neste plano, e a vida cada vez mais atribulada e cheia de imediatismos muitas vezes

---

<sup>77</sup> MORIN, 1997, p. 61.

não nos permite tempo para reflexões mais abstratas e sobre eventos futuros como a morte.

Muitas vezes ao longo da vida vamos presenciar situações nas quais inúmeras desculpas serão utilizadas para adiar falar sobre o assunto, e mesmo quando tivermos a possibilidade de discutir o tema, muitas vezes seremos induzidos a negar e adiar, como se fosse um assunto proibido. Não podemos deixar de lembrar que o ser humano se diferencia dos outros animais por ser o único a ter consciência sobre a finitude, tendo a real representação do que é de fato a morte.

De fato, é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso a escola psicanalítica pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade<sup>78</sup>.

Observando-se o tratamento que é dado ao tema com relação às crianças, podemos notar que nossa sociedade atual prega a negação da presença da morte desde o início da vida, mentindo para as crianças, como se pode constatar quando um ente querido morre e muitas pessoas escondem esse ocorrido das crianças. Se oculta da criança a morte e os mortos, mas sabemos que em algum momento esta criança vai sentir a falta do parente e vai perguntar pelo mesmo, e alguém vai lhe dizer que: 'Ah, o fulano foi viajar'. Esta é uma forma de negar a finitude, não pensando que vai se causar um prejuízo enorme no futuro para aquela criança, que vai pensar que cada vez que alguém for viajar, não voltará mais, iniciando-se assim muitas outras interrogações e distorções. Através deste breve e simples exemplo é possível notar que o tabu que se segue em torno da morte e do morrer ainda vai persistir por muito tempo. Segundo Rubem Alves, "Diante da morte tudo se torna repentinamente puro. Não há lugar para mentiras. E a gente se defronta então com a Verdade, aquilo que realmente importa"<sup>79</sup>.

Essa negação da finitude em geral nos acompanha e se manifesta através de inúmeras maneiras, sendo com frequência caracterizada pela crença internalizada e às vezes inconsciente de que a morte é um fenômeno comum, mas que afeta somente

---

<sup>78</sup> FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIV, p. 299.

<sup>79</sup> ALVES, R. A morte como conselheira. In.: CASSORLA, R. M. S. (Org.). **Da morte estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991, p. 14.

os outros. Por medo de aceitar o desconhecido, negamos e não ousamos acatar a possibilidade de passar por esta situação, principalmente quando ainda não sentimos. Isso nos faz pensar que a sociedade não se sensibiliza com as mortes de pessoas em decorrência de situações de violências urbanas, da fome mundial e até mesmo de guerras.

Um pensamento que demonstra uma forma de enxergar a morte de maneira distante, um acontecimento longínquo, que jamais chegará até aqui. Mas infelizmente temos a consciência de que esse pensamento é falso, pois em algum momento de nossas vidas vamos nos deparar com o fenômeno da morte. E a única certeza que essa maneira de pensar nos proporcionará é a de que vamos enfrentar um maior sofrimento futuro. Quando a morte de alguém próximo acontece, tentamos explicar, achar um porquê do ocorrido, nos deparamos com uma necessidade de encontrar alguma explicação, como uma forma de aceitar os fatos, como se o homem tivesse poderes para evitar o fenômeno. Evidenciamos mais uma vez a negação da morte, manifestada pelo falso pensamento de um suposto poder ou razão capaz de assegurar a imortalidade. O indivíduo, mesmo adulto, persiste em refutar o que teme e opta por aceitar apenas a morte do outro, negando a possibilidade da morte de si. Vida e morte andam juntas, mas são verdadeiros extremos do ciclo vital, pois vivemos com a certeza de que enquanto a primeira representa o início, a outra determina um final, mesmo que bem distante. Isso demonstra que estamos muito acostumados com ambas, embora sem a necessária naturalidade para discutir sobre este assunto, o que causa uma ansiedade generalizada quando nos deparamos com a realidade. Maranhão observa uma negação da morte e de tudo que está associado ao nada.

não satisfeita em privar o indivíduo de sua agonia, de seu luto e da nítida consciência da morte, de impor à morte um tabu, de marginalizar socialmente o moribundo, de esvaziar todo o conteúdo semântico dos ritos fanáticos, a sociedade mercantil vai além, ao transformar a morte num resíduo irreconhecível. Ela já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não-consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem<sup>80</sup>.

Sendo a morte um tema que instiga e causa certa inquietação. Por ser a morte um tema instigante, estando ela de alguma maneira sempre presente em nosso cotidiano, é de se vislumbrar a inquietação causada ao nos depararmos com a

---

<sup>80</sup> MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998, p. 10.

realidade trazida por notícias de televisão e rádio, pela constatação de um acidente na estrada ou mesmo ao recebermos uma mensagem de alguém nos informando sobre um falecimento. Diante disso podemos pensar se a morte é algo natural e incontrolável?

O ser humano chegou em um estágio no qual tenta a todo custo dominar o seu entorno, acreditando que tudo pode ser controlado, mas quando se depara com seu eu e se lembra que é finito, lembra que a morte é o limite e esse limite não tem data e nem hora para acontecer. Isso traz angústia e medo, que no cotidiano diário se transforma em negação. Viorst nos traz que para aqueles que vêem a morte como algo inevitável, qualquer maneira de justificar a finitude é inaceitável.

Estes vêem a morte através de uma visão fatalista, outros através de uma visão deturpada, rejeitando a opinião dos cientistas, afirmam que a morte não é natural, mas uma doença que finalmente terá cura. Talvez por isso, procuram artifícios para evitar a morte física para não confrontar seu terror pela morte<sup>81</sup>.

Estamos vivendo numa época na qual o homem demonstra um desejo imenso de dominar a espécie humana, a mídia lucra muito ao propagar livros, vídeos e até documentários que tratam de assuntos associados à invencibilidade. Há um investimento alto para fazer o ser acreditar que tudo é possível, que você tem a capacidade de realizar qualquer coisa, como se vivêssemos numa verdadeira sociedade do possível. Este pensamento, que é a base do mecanismo do qual fazemos parte, força as pessoas do cotidiano atual a acreditarem que se por acaso alguém não alcançou seu objetivo é porque não quis, pois “tudo na vida é possível”. Nascemos na era da geração de vencedores onde não há lugar para os derrotados. Uma verdadeira corrida contra o tempo, onde uma “guerra” é travada em busca da perfeição. Porém esse perfeito é um sinônimo de ter um corpo perfeito, ter um bom emprego, ir a lugares luxuosos, ter um carro do ano, andar bem-vestido, postar fotos em lugares paradisíacos, receber muitas curtidas em sua rede social e mostrar uma felicidade mesmo quando não se está feliz. Uma perfeição aparente que esconde uma vida que parece real. As possibilidades de buscas pelo bem-estar, ultrapassam a normalidade e acabamos por esquecer que neste caminho vamos nos deparar com várias dificuldades sociais, nos comprovando que mesmo com todo avanço científico, ainda vamos precisar aceitar e aprender a conviver com vários desafios à vida,

---

<sup>81</sup> VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. 26ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986, p. 315.

inclusive doenças que persistem em se fazer presentes em nosso cotidiano, tais como: depressão, câncer, HIV, Parkinson, Alzheimer, entre outras que nos lembram da fragilidade do homem.

A realidade objetiva é apenas parte da realidade; mas a ciência só é capaz de lidar com essa parte. A felicidade, não importa como seja concebida, é uma preocupação universal da humanidade. Será que nós devemos então abandonar a pretensão de entendê-la e discuti-la racionalmente só porque ela, na medida em que pertence ao universo da subjetividade e ao mundo interior de cada pessoa, não se presta a um tratamento rigorosamente científico?<sup>82</sup>.

De certa forma, esta felicidade mesmo que de forma artificial, é vista como um formato novo de sentido da vida. As questões relacionadas ao apego material foram recebendo uma atenção maior, o mesmo não acontece com a natureza filosófica do indivíduo. O sentido da vida foi tomando um rumo onde o abstrato não recebe um valor real, apenas as coisas materiais fazem sentido. Um verdadeiro desespero que passa despercebido, onde o indivíduo segue radicalmente normas e ideias de uma sociedade totalmente material, buscando apenas êxito sem ter o mínimo de conhecimento pessoal. Neste sentido, no que tange diferenciar significado e sentido, González Rey nos apresenta que:

Os significados, mesmo que com grande frequência representem vias de expressão dos sentidos, não expressam de forma direta nem linear o sentido associado ao conteúdo significado. Por essa razão, o significado desdobra-se de diferentes formas na linguagem e aparece no pensamento sempre associado a determinados sentidos. Nos meus trabalhos, tenho enfatizado essa relação, assumindo o pensamento não como uma função cognitiva, mas como uma função de sentido do sujeito. Daí, a importância das reflexões dos sujeitos para os estudos dos sentidos subjetivos<sup>83</sup>.

Os aspectos de nossa cultura foram mudando através dos tempos, e com isso a forma de encarar a morte foi se modificando. A morte que já foi próxima e familiar, recebida no lar do enfermo, passou a um formato que atualmente é completamente o avesso e ao se distanciar tornou-se objeto de medo e temor. A palavra morte, assim como até mesmo o nome de algumas doenças, se tornou proibida, substituída por outras mais amenas, pois no imaginário social se tem a ideia de que tudo que é

---

<sup>82</sup> GIANNETTI, E. **Felicidade**: Diálogos sobre o Bem-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 33.

<sup>83</sup> GONZALEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicol. educ.** [online]. 2007, n.24, pp. 155-179. Disponível em: ISSN 2175-3520. Acesso em: 01 jun. 2022, p. 163.

lembrado acontece e se for esquecido não acontece ou, em outra versão, “atraímos tudo aquilo que proferimos”. Essa negação cultural se instaurou nos tempos modernos e se incorporou em nossos costumes, uma condição difícil para todos nós é incompreensível também.

Em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome<sup>84</sup>.

A morte deveria ser o momento de acolher e nos tornarmos mais humanizados diante do fenômeno único pelo qual passa cada indivíduo. Contemplando o momento final da vida, o moribundo se torna o centro de toda atenção, não para se buscar uma cura da doença, mas visando o resgate do processo de morrer.

Nesse sentido, o presente capítulo abordará a tradição do povo mexicano quanto ao tema, evidenciando-se que naquele país se cultua o sentido na morte através da valorização da existência, da vida daqueles que se foram, de maneira simples e com respeito. Não queremos com este exemplo criticar a forma de encarar a finitude de outras culturas e povos, mas trazer este exemplo de naturalização da morte como uma forma de facilitação da presença do conceito e da experimentação da finitude durante o ciclo de nossas vidas.

Além disso, são abordados aspectos relacionados aos trabalhadores da saúde, envolvidos diariamente no contexto de morte. Os profissionais que lutam pela manutenção da vida encaram a morte todos os dias, seja pela sua presença abstrata ou através da sua ocorrência propriamente dita. Mais do que para a maioria das pessoas em geral, junto a estes a morte tende a ser encarada como derrota, devido às peculiaridades do ofício. Diante disso, algumas discussões relacionadas a forma de lidar com as dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores perpassam pela aceitação de que a enfermidade e o sofrimento são partes integrantes no contexto do morrer.

A estrutura deste seguimento ficou disposto da seguinte forma: “A finitude cultuada com muita vida e memória – O Dia de Los muertos”, “A morte e o profissional da saúde”; e os subcapítulos: “Morrendo em cuidados paliativos”, Comunicação de

---

<sup>84</sup> ARIÈS, 2003, p. 36-37.

notícias difíceis”, “A morte pelo suicídio” e “A única certeza da vida é a morte”. A partir dessas discussões, podemos chegar à constatação de que a busca por uma solução ou mesmo negação não são suficientes, e que o ser humano sempre chegará ao entendimento de que a morte é parte real e inevitável da vida, e que se existe um sol lindo e ensolarado em seu dia, ele involuntariamente vai se pôr ao final deste. E que o adoecer é parte integrante deste ciclo entre outras adversidades que vão se fazer presentes.

#### **4.1 A Finitude Cultuada com muita vida e memória – O “Dia de Los Muertos”**

Sabemos que a morte é um momento marcante para todo ser humano, sendo tanto sua aceitação quanto o ritual dela decorrente distintos, de acordo com a realidade sócio-histórico-cultural na qual inserida. Mas para o povo mexicano este instante é vivido de maneira mais original, se tornando para eles uma celebração com rituais marcantes que denotam um respeito singular com relação à finitude humana. Na cultura mexicana, no dia de celebração dos mortos acontecem festividades que envolvem muita música, comidas tradicionais, bebidas, flores, rituais e muita alegria. Basicamente é uma comemoração à vida e memória dos que já se foram e não se fazem mais presentes, uma verdadeira homenagem àqueles que morreram, mas jamais foram esquecidos. O modo através do qual os mexicanos demonstram sua consciência com relação ao fenômeno da morte demonstra um verdadeiro sinal de respeito e exaltação pela vida e memória de seus falecidos.

A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só “por experiência”, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo<sup>85</sup>.

Os cemitérios são visitados principalmente no dia 02 de novembro, quando as pessoas vão até os túmulos dos entes queridos e além de limpar e colocar adornos, enfeitam com papéis picados coloridos, acendem velas e fazem homenagens de maneira satírica, mas sempre respeitosa.

A morte não é apenas um termo qualquer, de conceito fechado e intransponível ao tempo e lugar. A visão que se tem sobre ela é resultado de sua interpretação diante de aspectos lastreados em vários outros conceitos e crenças, dependendo de quando

---

<sup>85</sup> MORIN, 1997, p. 61.

e onde o ser esteja inserido. Devemos lembrar que a morte é um momento real e não surreal, sendo que, em certos países, ela é contemplada de maneira sagrada, sendo conduzidos rituais bem interessantes.

Tomemos como exemplo o México, um país que comemora o “Dia de los Muertos”; celebração de origem indígena que homenageia no Dia dos Mortos a vida de todos os nossos ancestrais, aqueles que já não estão mais presentes entre nós, mas cujo legado é eternizado através da data. As pessoas vão até os cemitérios para lembrar e celebrar a memória e legado dos ancestrais mortos, limpando suas lápides, levando oferendas e flores, enfim, organizando todo local para manter a memória daquele familiar que já se foi. Podemos notar que, a cultura mexicana demonstra um respeito e apreço pela morte: “como diz Voltaire, queo homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo”<sup>86</sup>.

O Dia dos Mortos no México é uma festa que representa a cultura mexicana reconhecida mundialmente. Diga-se de passagem, o olhar mexicano acerca do fenômeno da morte traduz uma mescla de respeito, medo e fascínio, pois exalta a vida ao homenagear a memória dos falecidos, sempre de maneira respeitosa ao comemorarem as lembranças boas que estes mortos produziram em vida. Esta festividade mexicana, retrata a forma através da qual os mexicanos enxergam a morte. Existe ali uma devoção, representada inclusive por oferendas carregadas de comidas deliciosas e típicas do país, além de fotos e objetos que simbolizam os gostos e habilidades que se exaltaram em vida, tudo preparado com muita dedicação, carinho e respeito. Apesar de se tratar sobre o tema morte, esta festa é celebrada de maneira alegre, devido ao enaltecimento coletivo acerca da positividade da vida, em detrimento da saudade e negatividade geralmente atribuídas à morte do ancestral. De certa maneira, podemos pontuar esta definição neste breve parágrafo:

Nesta data, as Igrejas Católicas oferecem missas especiais para os defuntos; os cemitérios recebem visitantes das pessoas que levam flores e velas; no cinema encontramos filmes próprios para esta ocasião; as rádios tocam músicas e lendas especiais pelo Dia dos Mortos; a imprensa publica as tradicionais caveiras literárias; as famílias fazem em casa seus altares dos mortos; sem esquecer que as crianças pedem aos adultos sua caveira de açúcar<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> MORIN, 1997, p. 61.

<sup>87</sup> VILLASENOR; C. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. **Revista Temática Káiros**, 2012, p. 43.

Outro ponto interessante nesta festa é a forma com que os mexicanos a conduzem, sempre regada a muita comida e bebida, sendo que algumas pessoas chegam a deixar bebidas alcoólicas no panteão, acreditando que os mortos podem sair à noite e consumir os alimentos e as bebidas que são ofertadas para eles.

Podemos dizer que é uma festa totalmente original e nada convencional, pois em um primeiro momento para quem não está acostumado é muito estranho festejar a morte de um ente querido ou ancestral através de todos esses rituais. Mas após alguma observação e análise podemos entender a comemoração como manifestação de respeito pela vida e legado do falecido, aparada na crença de que a morte não é mais que uma passagem para outro plano, e que por isso, não põe fim ao sentimento, respeito e/ou carisma por quem já se foi, dignos de uma celebração.

[...] Inserida num cosmo onde tudo era imortal, a mortalidade tornou-se o emblema da existência humana. Os homens são "os mortais", as únicas coisas mortais que existem porque, ao contrário dos animais, não existem apenas como membros de uma espécie cuja vida imortal é garantida pela procriação. A mortalidade dos homens reside no fato da vida individual, com uma história vital biológica. [...] É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz num sentido cíclico<sup>88</sup>.

O povo mexicano agrega um sentido à finitude através da elevação do sentido do viver. Sabemos que não é fácil enfrentar as perdas que a vida nos impõe e que a cada instante estamos morrendo um pouco mais, mas isso faz parte do ciclo vital. Na atualidade se vive pensando somente no presente, essa resistência de negar a morte ou mesmo enxergá-la como uma afronta a nossas vidas, apenas nos torna menos preparados ao bem viver e mais suscetíveis a um maior sofrimento diante dela.

A fantasia do indivíduo de se tornar eterno é apenas uma vontade que, pela natureza humana, será muito difícil tornar-se realidade. Ressalte-se, mesmo que provável seu acontecimento, traria muitos prejuízos para a sociedade como um todo.

---

<sup>88</sup> ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 27.

Figura 4 – celebração desfile na Cidade do México



Fonte: Pinterest<sup>89</sup>

Edgar Morin<sup>90</sup> afirma que de certa forma a morte não é vista como um sentimento traumático. Assim trazemos a maneira de pensar dos mexicanos que vão contra a forma comum da maioria das culturas, que cultuam apenas a vida enquanto vivos e sem aceitar a finitude.

Os mexicanos entendem a finitude através de um viés totalmente contrário à concepção dominante atualmente. Eles aceitam que a morte é um fenômeno presente e que envelhecer faz parte da vida humana e que, por isso, sofrer por essas razões se torna algo fora de uma verdadeira realidade. O evitamento da discussão sobre o morrer tornou-se uma tradição que se perpetua através dos tempos, tornando o homem cada vez mais resistente à reflexão que conduziria a um maior entendimento e conseqüente aceitação da finitude, bem como a um melhor viver. Morin refere sobre uma complexidade, relacionada ao medo da morte que:

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda da sua individualidade. Emoção – choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é,

<sup>89</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/510595676517039471/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<sup>90</sup> MORIN, 1997.

sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática<sup>91</sup>.

O ser humano em geral segue de todas as maneiras tentando burlar a morte, muitas vezes mentindo para si próprio, tentando fugir do inevitável, seja através do simples adiamento de uma viagem ou mesmo ao viver uma vida de forma inconsequente ou desorganizada, não validando a possibilidade de seu acontecimento, enquanto vivo. Inclusive, com muita frequência verifica-se que esta falta de consideração da hipótese de morte ao longo da vida do indivíduo acaba por trazer muitos problemas de ordem prática aos que sobrevivem após o falecimento.

Este medo todo de considerar a alternativa de morte ao longo da vida demonstra uma angústia em geral atrelada ao sentimento de não querer antecipar o que pode ou mesmo vai acontecer. O ser só enxerga a finitude como real quando tem a possibilidade de se deparar com ela e esse enfrentamento só acontece quando se chega de forma próxima e consciente diante da morte. Mario Perniola interpreta a morte da seguinte forma:

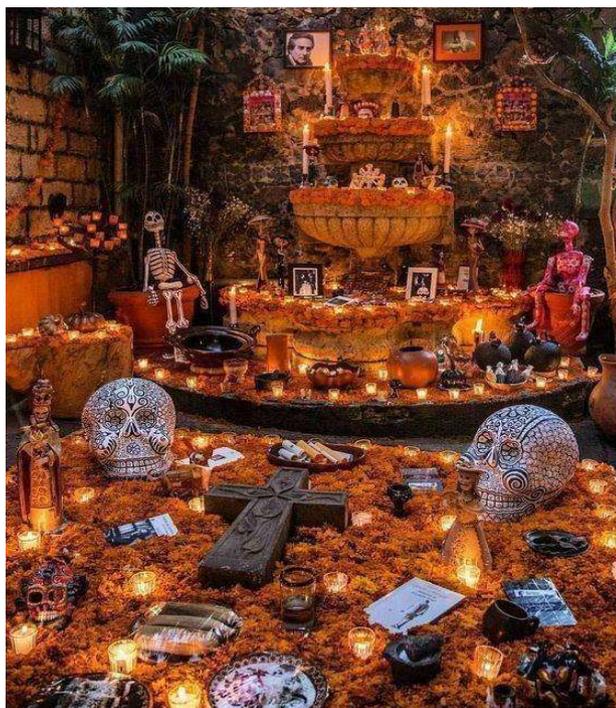
O ser-para-a-morte é antecipação (Vorlaufen) da morte: ser-aí (Dasein) significa para Heidegger “ser-para-o-fim”. A morte não é uma simples-presença que ainda não se tornou realidade, mas uma iminência sobranceira que constitui existencialmente o ser-aí. Ela é o ser-possível mais próprio do ser-aí, irrestrita, insuperável, certa, indeterminada<sup>92</sup>.

Assim, a festa do dia dos mortos pode ser vista como uma forma de cultuar o ciclo vital, um momento de preparar o ser para a finitude, dando continuidade à existência humana através do enaltecimento da existência dos ancestrais, lembrando que o ciclo tem um início, meio e fim, e que isso não pode ser alterado, apenas vivenciado. Aflorar na consciência humana pensamentos sobre a finitude é importante pois é somente este o caminho para o ser humano entender melhor a finitude, que é mortal e que isso é parte imutável da natureza humana.

---

<sup>91</sup> MORIN, 1997, p. 33.

<sup>92</sup> PERNIOLA, Mario. **Pensando o ritual**: sexualidade, morte, mundo. São Paulo: Studio Nobel, 2000, p. 168.

Figura 5 – *Día de los Muertos*

Fonte: Pinterest<sup>93</sup>.

## 4.2 A Morte e o profissional da saúde

Quando alguém escolhe trabalhar na área da saúde, tem em mente que vai sempre ajudar as pessoas, onde o seu trabalho fará a diferença e que todas as ações terão êxito e principalmente vão ter um final feliz. Mas com o passar do tempo este pensamento vai se desfazendo, e o profissional vai entendendo a difícil tarefa que vai precisar enfrentar, e que a morte se fará presente em sua vida, seja ela profissional ou pessoal.

Podemos pensar que certamente aqueles que trabalham na área da saúde tem um melhor entendimento com relação ao tema e aceitação da finitude. Mas, esta alternativa não se confirma com frequência, ao constatarmos o movimento de se combater a morte e de preservar a vida a todo custo, pensando apenas no debate ético. Pode-se estar praticando uma distanásia inconsciente, algo que vai efetivamente contra a ética médica, sendo até certo ponto cruel com quem está morrendo, contrariando o fluxo do ciclo natural da vida. Podemos citar Maranhão que diz:

---

<sup>93</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/380835712250666014/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando, porém, apesar de tudo é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. Assim, dentro do contexto hospitalar, o paciente não morre: “expira”, “se perde na mesa”, “vai a óbito”, é “SWAT negativo” (“swat – expressão utilizada para designar a equipe de reanimação cardíaca do hospital), ou, se está agonizando, é “paciente com síndrome de JEC” (Jesus está chamando) [outro eufemismo médico é a expressão “êxito letal”]. Mesmo nos comunicados de guerra não se fala em mortos, mas em desaparecidos; os soldados não morrem, “dão baixa”, “tombam no campo de batalha”. O morto na linguagem policial, é “presunto” e o assassino um “liquidar” [...] Designando o morrer como algo impessoal e os mortos como coisas, encobre-se o fenômeno.<sup>94</sup>

Apesar dos profissionais que escolhem trabalhar neste contexto se depararem a qualquer instante com o momento da finitude de uma pessoa, é difícil se familiarizar com ela, a sensação é sempre o contrário, pois os sentimentos de culpa, ambivalência, fracasso, impotência, negação, entre outros são muito comuns na trajetória de trabalho. A própria palavra morte é evitada de ser pronunciada entre os profissionais, se confirmando assim o tabu que existe mesmo entre aqueles que trabalham com a finitude. Os enfermeiros que em tese são aqueles profissionais que trabalham mais perto dos pacientes e representam uma das profissões mais importantes neste contexto por suas habilidades, demonstram resistência ao enfrentamento com a morte. Potter e Perry interpretam a postura dos enfermeiros dizendo que:

Os sentimentos, os valores e as experiências pessoais influenciam a extensão pela qual os enfermeiros podem apoiar os clientes e as famílias durante a perda ou a morte. A auto-avaliação – o descobrimento das atitudes, dos sentimentos e dos valores pessoais – é necessária antes que os enfermeiros possam responder aos outros com uma abordagem genuína, sensível e terapêutica. O desenvolvimento da arte de conviver com o luto e a morte exige uma força interior que surge a partir do conhecimento e da crença positiva de si próprio<sup>95</sup>.

Além disso, constata-se, principalmente com relação a todas as pessoas que trabalham na área da saúde, uma maior resistência com relação aceitar a finitude. Isso pode se revelar até no movimento de se combater a morte e de preservar a vida a todo o custo, entrando assim, no debate ético, por exemplo. Evidencia-se relevante, neste ponto, a aceitação da morte como parte do ciclo vital de nossas vidas a fim de

<sup>94</sup> MARANHÃO, 1998, p. 11.

<sup>95</sup> POTTER Patrícia; A; PERRY, Anne G. **Fundamentos de Enfermagem: Conceitos, Processos e Prática**. 4 ed. 1 v. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999, p. 420.

proporcionar uma melhor aceitação social, ou, antes, uma compreensão social. Mesmo com todos os avanços tecnológicos que a ciência alcançou, a morte vai acontecer de qualquer forma.

O conhecimento da ciência e do homem proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável, a morte. Mas acontece o contrário, pois já vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar<sup>96</sup>.

Morrer cientificamente é uma maneira de deixar de existir, e mesmo para profissionais da área da saúde a morte é considerada incompreensível e inevitável também. Isso demonstra o despreparo dos profissionais quando chegam ao mercado de trabalho, pois não há uma formação direcionada ao estudante para aprender a lidar com a morte.

A morte é um assunto, em geral, evitado; mesmo quando iminente ela é com frequência negada. Apesar disso, a morte não é uma ocorrência rara nas enfermarias do hospital ou entre a população enferma na comunidade. As enfermeiras e os médicos, pela real natureza do seu trabalho, encontram a presença da morte mais frequentemente do que acontece com a maioria das pessoas no curso normal de suas vidas<sup>97</sup>.

Saber lidar e a conviver com a morte é importante para o trabalho deste profissional, e estudar processos da morte e terminalidade de certa forma auxiliam esses profissionais a evitar possíveis erros e dificuldades, que podem vir a enfrentar dentro do processo de finitude em um contexto hospitalar.

O enfermeiro trabalhando com clientes moribundos é desafiado a enfrentar aspectos da mortalidade, a compreender o processo de luto e avaliar a experiência do cliente moribundo, utilizar habilidades eficazes de ouvir, reconhecer os limites pessoais e saber quando existe a necessidade de sair e cuidar de si próprio. [...] Quando o enfermeiro vivencia múltiplas perdas e falhas em processá-la adequadamente, ele pode sentir uma sobrecarga de saudade. Ele sente frustração, raiva, culpa, tristeza, desamparo, ansiedade, depressão e sensação de estar soterrado. O autocuidado é fundamental para a sobrevivência. Os enfermeiros precisam fazer por si mesmos o que eles fazem por seus clientes e famílias. Eles precisam chorar suas perdas<sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 19.

<sup>97</sup> DU GAS Beverly W. **Enfermagem Prática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, p. 530.

<sup>98</sup> POTTER P. A; PERRY, A. G. **Fundamentos de Enfermagem**: Conceitos, Processos e Prática. 4 ed. 1 v. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999, p. 426.

Nisso podemos trazer a importância que um estudo direcionado ao processo de morrer tem na vida deste profissional, temas como: fases do luto, eutanásia (ativa, passiva, voluntária, não-voluntária e involuntária) distanásia, ortotanásia, mistanásia e suicídio assistido, certamente contribuíram para mudar o entendimento frente a morte. Permitiria certamente até uma diminuição em comportamentos que persistem em se fazer presentes na vida deste profissional, diminuindo seu sofrimento frente a este fenômeno.

O processo do morrer pode ser referenciado de diferentes maneiras, de acordo com os significados compartilhados por essa experiência, pois esses significados são influenciados pelo momento histórico e pelos contextos sócios culturais. Por isso, é importante entender a morte como um processo, e não como um fim. Uma vez que o paciente é um ser social e histórico, cuidar-lo em seu momento final significa entendê-lo, ouvi-lo e respeitá-los<sup>99</sup>.

Dentro do processo acadêmico ainda existem inúmeras resistências a implantação de treinamento adequado e a própria formação do profissional. Se formos verificar um currículo de qualquer curso da área da saúde, seja ele de enfermagem, medicina, psicologia, nutrição, fonoaudiologia, fisioterapia, teologia, entre outros, vamos notar que existem no máximo uma ou duas disciplinas sobre o assunto, isso quando existe alguma cadeira que trate do tema. Mas essa resistência se deve a o quê? Já que durante a atividade profissional todos constataam a importância de se ter cadeiras que aprofundem o conhecimento do estudante. Sendo assim, este profissional que se vê desamparado diante de tal situação, acaba tendo que aprender a lidar frente ao fenômeno da morte somente com suas vivências hospitalares, e isso pode lhe trazer muitas dificuldades e sofrimentos pessoais também. E cada profissional vai encarar esta experiência de maneira diferente, vai depender muito de como este indivíduo encara a morte, e aí temos uma verdadeira incógnita, já que a maioria das pessoas é resguardada desde criança do contato com esta realidade ou mesmo com o tema, em locais e momentos em que se mencione a palavra proibida “morte”.

Diante desse contexto, considera-se de grande apoio a interação entre os profissionais, tendo clara a possibilidade de olhar o cliente como um todo, nos seus aspectos bio-psico-sócio-espirituais, pois o cuidado à saúde não se prende apenas no simples ato de assistir centrado no fazer, nas técnicas ou nos procedimentos; significa, também, reconhecer os clientes e seus

---

<sup>99</sup> LIMA, R. S.; COSTA, J. A. *The process of deathdying in nurses vision*: Processo de morte e morrer na visão do enfermeiro. Revista Ciências & Saberes. FAEMA, 2015, p. 2.

familiares como seres humanos singulares, vivenciando um difícil momento de suas vidas<sup>100</sup>.

Outra questão importante a ser ressaltada é a necessidade de se pensar em que setor o profissional vai trabalhar. Pois um hospital é constituído de vários setores, onde várias áreas irão trabalhar juntas e precisam dividir responsabilidades. E todos os profissionais vão estar expostos emocionalmente nas mais diversas situações, podendo se deparar diariamente com momentos que envolvem desde o nascimento de um bebê, um paciente com a perna quebrada, outro indivíduo com uma dor de cabeça ou a morte de alguém conhecido.

Se este profissional não estiver com sua saúde mental em boas condições, podemos ter as mais variadas reações possíveis, que envolvem desde uma simples crise de ansiedade até um surto psicótico, frente a uma situação que o indivíduo não esteja preparado.

Outro fator que tende a agravar essas alterações emocionais encontra-se no fato do trabalho ser executado de forma fragmentada, o que intensifica a lacuna existente entre as ações desenvolvidas pelos profissionais, pois neste trabalho identifica-se uma compartimentação da pessoa a ser cuidada<sup>101</sup>.

Enfrentar este cotidiano diariamente é estar de forma constante em situações-limite, onde o sofrimento em algum momento pode tornar-se desgastante e intolerável, gerando altos níveis de adoecimento de profissionais na área da saúde. Dentre os profissionais envolvidos, ressalta-se a necessária atenção a ser dispensada principalmente à área da enfermagem, que após o óbito do paciente segue proporcionando cuidados ao corpo que já está sem vida, diferente das outras profissões. A unidade de terapia intensiva (UTI) é uma das alas do hospital que vive frente a frente com a morte, pois é esta a ala a qual são destinados pacientes mais graves que necessitam de cuidados intensivos por encontrarem-se em estado de saúde mais crítico. Todavia, até nesta unidade, que deveria estar mais preparada para falar e tratar sobre morte, é possível verificar a fragilidade quando se depara com o fenômeno.

---

<sup>100</sup> COSTA, C. A.; FILHO, W. D. L.; SOARES, N. V. Assistência humanizada ao cliente oncológico: reflexões junto à equipe. **Rev Bras Enfer**, Brasília, 56(3), p.310- 314, maio/jun; 2003, p. 445.

<sup>101</sup> AMESTOY, S. C.; SCHWARTZ, E.; THOFEHRN, M. B. A Humanização do trabalho para os profissionais de enfermagem. **Acta Paul Enferm**, 2016, p. 445.

Convém destacar que, nesse cenário, a equipe de enfermagem está sujeita a vivenciar, diariamente, episódios de morte. Assim, constata-se que os trabalhadores estão pouco instrumentalizados para lidar com essa situação, visto que, em geral, durante a formação profissional, o enfoque principal é a preservação da vida. Por outro lado, emerge a necessidade de auxiliar tais profissionais no enfrentamento desse processo, mediante a humanização do ambiente hospitalar<sup>102</sup>.

Dentro deste contexto, a morte fragiliza ou mesmo enfraquece o emocional da equipe, deixando claro a importância de um serviço adequado de psicologia a fim de proporcionar apoio a todo profissional que trabalha dentro do ambiente hospitalar. Por mais que se lembre este profissional de que ele não deve se apegar aos pacientes, é inevitável ressaltar a realidade que por trás do profissional existe alguém que tem sentimentos e em algum momento esses sentimentos vão se fazer presentes.

O equilíbrio entre se mostrar empático com a dor alheia, e não deixar este sentimento atrapalhar seu trabalho pode esbarrar em uma situação de demonstração de frieza, que também prejudica o serviço. O apoio emocional proporciona equilíbrio ao profissional e assim minimiza esses riscos. O profissional parece estar vivendo um luto com a perda do paciente, muitas vezes até um luto antecipatório onde se sabe que aquela vida não tem mais condições de cura, e os cuidados do paciente são apenas paliativos. É necessário que o profissional se prepare para a separação que está por vir, um afastamento que pode acontecer a qualquer momento, e os conflitos que passam pelo emocional deste profissional acontecem de todas as formas possíveis. Segundo Franco; Antonio, podem acontecer conflitos entre:

[...] segurar o paciente ou deixa-lo ir, planejar a vida para após a morte do doente ou não planejar nada enquanto estiver vivo, admitir a realidade da perda e suas implicações ou manter alguma expectativa, experimentar a totalidade dos sentimentos envolvidos no luto antecipatório ou tentar evitar o surgimento do sofrimento, encorajar a adaptação do paciente à questão da dependência física ou encorajar o paciente a procurar ser autônomo, focar o doente como uma pessoa viva ou lembrar que ele está morrendo etc<sup>103</sup>.

Sabemos que a morte, mesmo no contexto hospitalar, pode chegar em qualquer instante, de maneira esperada ou inesperada. Quando esperada ou previsível, o paciente, em geral, têm um prognóstico ruim e já encontra-se em cuidados

---

<sup>102</sup> AMESTOY, S. C.; SCHWARTZ, E.; THOFEHRN, M. B. A Humanização do trabalho para os profissionais de enfermagem. **Acta Paul Enferm**, 2016, p. 338.

<sup>103</sup> FRANCO, M. H. P.; ANTONIO, M. O luto antecipatório ou de como a morte anunciada retrata uma existência. In: FRANCO, Maria Hlena Pereira (org.). **Nada sobre mim sem mim: estudos sobre a vida e morte**. Campinas, SP: Livro Pleno: 2005, p. 29.

paliativos, pois todas as tentativas de salvar a vida já se esgotaram e tanto a família quanto a equipe sabem qual o destino do paciente, esperando apenas a chegada de sua morte, em geral através de ortotanásia. Já quando o paciente demonstra evolução em sua melhora e a recuperação entusiasma a todos, mas de forma inesperada acontece uma intercorrência e o indivíduo vem a óbito, isto é considerado inesperado, pois surpreende a todos.

#### 4.2.1 Morrendo em Cuidados Paliativos

Cuidado paliativo teve seu início na Inglaterra, em meados de 1967, através do desenvolvimento de ações voltadas a proporcionar aos pacientes que não apresentavam mais possibilidades de cura, um cuidado mais refinado e com mais dignidade. A precursora deste tipo de cuidado foi a (assistente social, enfermeira e médica) *Cicely Mary Strobe Saunders*, que demonstrou uma sensibilidade com aqueles que estavam vivenciando a morte de perto, compreendendo o paciente como um todo e não somente como uma parte de um processo.

A palavra “paliativa” se origina do latim *pallium* que tem como tradução “manto”, que traz o significado de proteção, amparo, cobrir, justamente no momento em que a cura não mais existe. Além disso, *pallium* são vestimentas usadas pelo Papa, revelando ainda uma forte conexão desta condição com a espiritualidade e o sagrado. Podemos dizer que os cuidados paliativos trouxeram uma forma mais humanitária de cuidar o paciente, aliando conforto através da priorização do alívio para sua dor e sofrimento. Geralmente uma equipe de cuidados paliativos não é composta por indivíduos de uma mesma profissão, e sim por várias profissões, que constituem a denominada equipe multidisciplinar, na qual os componentes sabem o limite de sua atuação, contribuindo para que esse paciente terminal tenha dignidade até a chegada de sua morte.

O cuidado paliativo é a abordagem que visa a promoção da qualidade de vida de pacientes e seus familiares, através da avaliação precoce e controle de sintomas físicos, sociais, emocionais, espirituais desagradáveis, no contexto de doenças que ameaçam a continuidade da vida. A assistência é realizada por uma equipe multiprofissional durante o período do diagnóstico, adoecimento, finitude e luto<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> D'ALESSANDRO, M. P. S.; PIRES, C. T.; FORTE, D. N. MANUAL de CUIDADOS PALIATIVOS. Hospital Sírio Libanês; **Ministério da Saúde**; 2020, p. 113.

A origem do termo cuidados paliativos se confunde com a palavra “hospice”, que denominava abrigos que desenvolviam a função de cuidar dos peregrinos e viajantes da época, proporcionando os cuidados necessários a estes que careciam de ajuda. Com uma perspectiva única de proporcionar caridade, essas instituições eram mantidas por religiosos cristãos. Cuidados Paliativos definido pela OMS é:

uma abordagem que promove a qualidade de vida de pacientes e familiares, que enfrentam problemas associados a doenças que ameaçam a vida, através da prevenção e alívio de sofrimento, por meio da identificação precoce, avaliação e tratamento impecáveis da dor e outros problemas físicos, psicossociais e espirituais<sup>105</sup>.

Quando nos deparamos com o cenário de doença, não mensuramos a dimensão de limitações e impossibilidades que fazem parte deste cenário, as discussões que estão presentes neste contexto são complexas, pois envolvem emoção e razão. A ética aparece como um norte, mas nem sempre aceito pelo profissional que, via de regra, sempre tende a se empenhar ao máximo para salvar aquela vida, já que este foi programado para salvar vidas e não perdê-las.

É nesse ponto que aparece o processo de ortotanásia, que muitas vezes é entendido de maneira equivocada. Teixeira nos traz que:

nesse contexto de absoluto respeito à vida e à morte; à dignidade e à autonomia da pessoa é indispensável a adoção de cuidados paliativos. A ortotanásia não tem por fundamento o abandono do paciente, mas sim estabelecer cuidados médicos e assistenciais na medida certa das necessidades do ser humano<sup>106</sup>.

Ortotanásia tem sua origem no grego, onde (orto: certo, thanatos: morte), também podendo ser considerada como a “filosofia da boa morte”, tendo como base, a morte do homem no momento certo. A negação de se investir em ações obstinadas ou mesmo fúteis, que tem como única busca prolongar a morte do paciente, cuja doença avança para o inevitável, que é a falência gradativa de suas funções vitais, evita o sofrimento do paciente e de seus familiares. Os recursos terapêuticos com o avançar da doença em algum momento se esgotam e todas as tentativas e esforços de querer manter essa vida são inúteis. Quando esse tipo de processo acontece,

---

<sup>105</sup> D’ALESSANDRO; PIRES; FORTE, 2020, p. 123.

<sup>106</sup> TEXEIRA, A.T. Terminalidade da vida – aspectos jurídicos. In: GIMENES, A.C.; BATISTA, J.S.; FUJITA, J.S.; ROCHA, R. **Dilemas acerca da vida humana**: Interface entre a Bioética e o Biodireito. São Paulo: Editora Atheneu, 2015. p. 196.

podemos dizer que temos um distanásia instaurada, e a única resposta que se tem é dor e sofrimento para todos envolvidos.

As doenças ameaçadoras da vida, sejam agudas ou crônicas, com ou sem possibilidade de reversão ou tratamentos curativos, trazem a necessidade de um olhar para o cuidado amplo e complexo em que haja interesse pela totalidade da vida do paciente com respeito ao seu sofrimento e de seus familiares. Este tipo de cuidado foi definido em 2002 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como Cuidados Paliativos<sup>107</sup>.

Este é um fator complicador, pois o cuidador pode entrar em conflito de sentimentos, onde o não aceitar a morte ou mesmo negar que ela se fará presente, é um indício de que este profissional deve se reciclar e revisar seu entendimento dentro do processo de cuidados paliativos. São comuns casos de profissionais com sentimento de revolta, tristeza, desamparo e frustração, que se não tratados devidamente, vão refletir em sua vida social e todos esses sentimentos podem resultar em culpa, por acreditar que poderia ter feito mais e não teve a chance ajudar aquele indivíduo em situação de sofrimento. A vida profissional fica afetada por uma falta de precaução de cuidados na vida pessoal, pois fortalecendo o emocional é que vamos proporcionar o suporte para seguir trabalhando com cuidados paliativos.

Muitos se chocam com a ideia de ter que aceitar o conceito de existência do momento certo do morrer, podem surgir sentimentos de ambivalência, raiva e tristeza, que por vezes caracterizam este comportamento, pois apesar de convivemos com a morte desde o início de nossa vida, ela ainda é o tabu que persiste em nos acompanhar até nossa própria morte.

Alguns vão, por vezes, se chocar que nós discursamos sobre aceitar e se preparar para a morte, e vão pensar que ambos, paciente e médico, devem lutar pela vida até o fim. Alguns podem questionar por que nós devemos ficar satisfeitos com o que soa como algo negativo. Eu acredito que falar e aceitar a morte quando ela se aproxima é inevitável, não é mera resignação ou submissão por parte do paciente, nem derrota ou negligência por parte do médico; para cada um, aceitar a proximidade da morte é o extremo oposto a não fazer nada<sup>108</sup>.

Diante disso, constatamos a relevância do cuidador receber cuidados, principalmente emocionais, a fim de proporcionar subsídios para que ele desenvolva um bom trabalho diminuindo as possibilidades de sofrimento emocional. Algumas

---

<sup>107</sup> D'ALESSANDRO; PIRES; FORTE, 2020, p. 123.

<sup>108</sup> SAUNDERS, C. The Last Stages of Life. **The American Journal of Nursing**, v. 65, n. No. 3, p. 70–75, mar. 1965, p. 71.

questões devem ser sempre reforçadas tais como: discussões sobre luto, conhecimentos técnicos, conhecimento da própria história, entender a cultura da morte, o saber trabalhar em equipe, lembrar os objetivos do cuidar, não se deixar entrar em funcionamento mecânico, manter um olhar mais apurado ao emocional do próprio paciente e manter preparo para reagir aos comportamentos agressivos que o paciente eventualmente possa demonstrar durante o processo.

No entanto, é importante o profissional de saúde notar o que o paciente atendido, o seu processo de adoecimento e os cuidados que ele demanda despertam no próprio profissional. Perceber se sente raiva, pouca vontade de estar com ele, prazer e/ou satisfação em cuidar. Um bom cuidado necessita também de inteligência emocional, que é saber o que sente e como melhorar isso. Por tal motivo, as instituições devem incluir capacitações profissionais não só a nível técnico como também a nível emocional, estimulando o autoconhecimento e reflexões da sua própria história de vida<sup>109</sup>.

O indivíduo que trabalha com a morte fica exposto a apresentá-la a qualquer instante, e isso traz a certeza de que a morte existe, que é real e que vai acontecer mesmo se fizermos de tudo para evitá-la ou mesmo fingirmos que ela não existe. Geralmente no ambiente hospitalar o conforto frente ao fenômeno vem do lado espiritual, que ajuda a diminuir o sofrimento emocional e de certa forma aceitar que a morte é real.

Mas a dor física segue presente e os medos e incertezas aumentam, seja por descaso de não tentar entender a morte ou mesmo por não se prevenir e se reciclar frente a possíveis fragilidades. Dentro deste quadro, exaltamos a importância do profissional estar sendo acompanhado por um serviço de apoio emocional, seja ele de um psicólogo, psiquiatra, filósofo clínico ou de um aconselhamento pastoral. Este apoio objetiva prevenir que possíveis variáveis relacionadas à insegurança, medos, crenças, estágios depressivos entre outros processos, possam interferir ou mesmo inviabilizar a adequada execução das atividades hospitalares, em determinadas situações.

#### 4.2.2 Comunicação de Notícias Difíceis

De todas as tecnologias que todos os anos avançam de maneira desenfreada, a comunicação é a única que dentro do ambiente hospitalar continua sendo de forma

---

<sup>109</sup> KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP; 2003, p. 77.

básica, pois quando vai se comunicar com pacientes e familiares, é preciso ser frente a frente, ainda mais quando é necessário se transmitir uma informação que não seja positiva em termos de melhora de um paciente. Neste momento características como empatia, compreensão, paciência, controle das emoções, entre outros, fazem toda diferença no momento de se realizar uma comunicação de notícia difícil.

Geralmente a morte é a notícia mais temida, a pior possível, mesmo quando representa não presenciarmos alguém em sofrimento ou em processo paliativo e cada vez mais triste. Mas podemos dizer que muitas vezes a morte traz um alívio, pois sossega este sofrimento. Comparativamente, se estamos saudáveis e somos pegos de surpresa com a notícia de uma doença grave e incurável, isso é uma má notícia, e o impacto é mesmo de inseguranças e incertezas.

Para uma boa qualidade na assistência hospitalar, é necessário a base desta assistência que está na comunicação. Segundo Kitajima; Cosmo<sup>110</sup>, a comunicação é um ato de transmitir, receber e emitir mensagens que tem como objetivo as relações sociais, compreensão de mundo e a transformação de si mesmo. Com as dificuldades e possíveis incertezas que vão ser vivenciadas em uma internação, além da possibilidade de morrer, trazem ao paciente um alto nível de ansiedade.

É neste momento que a comunicação se transforma em um instrumento importante, para reduzir as dificuldades que são enfrentadas neste momento, o que proporciona uma desmistificação para a família poder assim se organizar<sup>111</sup>.

Kitajima; Cosmo<sup>112</sup> destacam que a comunicação abrange um comportamento complexo como o postural, tonal e verbal. Salientam que se deve estar atento não somente ao conteúdo que está sendo transmitido, mas prestar muita atenção na tríade paciente, família e equipe, fortalecendo a interação entre todos os envolvidos. Nisso, lembramos que dentro do contexto hospitalar o silêncio é uma forma de comunicação, apesar de ele ser uma comunicação não verbal podemos dizer que em certos momentos ele se torna ensurdecedor. Kitajima; Cosmo<sup>113</sup> nos trazem que a impossibilidade de não nos comunicar é possível, mas além disso, apontam que há

---

<sup>110</sup> KITAJIMA, K.; COSMO, M. Comunicação entre paciente, família e equipe no CTI. In: KNOBEL, E., ANDREOLI, P.; ERLICHMAN, M. (Orgs.), **Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves** (101-112). São Paulo: Atheneu, 2008.

<sup>111</sup> KITAJIMA; COSMO, 2008.

<sup>112</sup> KITAJIMA; COSMO, 2008.

<sup>113</sup> KITAJIMA; COSMO, 2008.

duas condições da comunicação, o sentimento e o conteúdo, definindo assim os tipos de comunicação verbal e a não-verbal.

Sabemos que cada indivíduo age e interpreta à sua maneira, e dentro da comunicação o processo requer uma técnica adequada para cada situação, o que exige do profissional um processo de constante qualificação dentro das comunicações de notícias difíceis. Mesmo não existindo uma técnica para cada momento de comunicação de má notícia, o processo vai variar de acordo com o contexto cultural de cada pessoa, social, educacional, a idade, o sexo, sua crença, seu contexto familiar e principalmente a doença que o mesmo está acometido. Por fim, para se obter um momento proveitoso na aplicabilidade o profissional deve desenvolver flexibilidade para aplicar a técnica adequada em cada abordagem.

A comunicação de má notícia é, sem dúvida, o processo mais difícil que o profissional da área de saúde enfrenta dentro do contexto hospitalar, pois este processo gera uma alta ansiedade para quem vai transmitir a notícia, e nunca se sabe como será a receptividade de resposta frente a comunicação por parte do paciente e de seus familiares. Um fato relevante é que a notícia sempre vem acompanhada de dor e sofrimento, onde alguém precisa realizar esta comunicação, e já que o paciente ou familiar terá conhecimento acerca da doença, diagnóstico ou até mesmo uma piora de quadro, o emissor precisa ter uma postura adequada usando seus conhecimentos, experiência na área clínica e uma forte capacidade de empatia, para saber transmitir a notícia de forma a diminuir o inevitável sofrimento de quem a recebe.

Diante desse contexto, considera-se de grande apoio a interação entre os profissionais, tendo clara a possibilidade de olhar o cliente como um todo, nos seus aspectos bio-psico-sócioespirituais, pois o cuidado à saúde não se prende apenas no simples ato de assistir centrado no fazer, nas técnicas ou nos procedimentos; significa, também, reconhecer os clientes e seus familiares como seres humanos singulares, vivenciando um difícil momento de suas vidas<sup>114</sup>.

Uma boa relação entre a equipe de saúde e os usuários/familiares é importante para se estabelecer uma boa comunicação, desde a chegada do paciente no hospital é necessário que se realize um bom vínculo para se diminuir as possibilidades de desconfortos que possam ser gerados pelo difícil contexto hospitalar. Lembramos que o paciente não está internado porque quer, ele está no hospital contra sua vontade,

---

<sup>114</sup> COSTA, C.A.; FILHO, W.D.L.; SOARES, N.V. Assistência humanizada ao cliente oncológico: reflexões junto à equipe. **Rev Bras Enfer, Brasília**, 56(3), p.310- 314, maio/jun; 2003, p. 310.

apenas por necessidade desta interação. Portanto, é através da comunicação que vai ocorrer uma partilha de ideias, necessidades diárias e sentimentos dos mais variados possíveis, sem contar a diversidade de crenças, histórias de vida, culturas, valores de cada indivíduo.

[...] a troca de informações em relação aos sentimentos e sensações, visto que a solidão (em relação à determinada situação) pode provocar, por exemplo, sensações de vulnerabilidade e impotência. Quando as experiências são vividas isoladamente e sem a possibilidade de uma elaboração compartilhada, aquilo que o profissional sente (insegurança, medo, desamparo) o leva a imaginar que essa avalanche afetiva só ocorre com ele. Por isso, é importante aprender a lidar com a situação objetivando uma atuação positiva e evitar a possibilidade de se tornar candidato ao adoecimento. Para o profissional que recebe o suporte acolhedor de seus pares, fica mais fácil compreender os sentimentos os quais envolvem dada situação sem que isso represente uma mera racionalização dos fatos. É por meio do compartilhamento que se aprende a conviver com essas situações<sup>115</sup>.

Um dos objetivos básicos da comunicação é de que o paciente compreenda o que está sendo transmitido, mas algumas vezes ele pode ter dificuldades de entendimento, seja por uma questão de cognição, nível de instrução ou até mesmo pela idade avançada, fatores que podem dificultar o entendimento entre os envolvidos. Importante lembrar que somente o chefe da equipe pode realizar a comunicação de má notícia, o que não quer dizer que toda equipe não necessite ter conhecimento acerca deste processo, visto que quase sempre o médico/chefe de equipe vai acompanhado de outros integrantes para realizar a comunicação, e estes precisam estar preparados e ter o entendimento do todo para proporcionar apoio técnico ao médico, caso ele necessite.

Uma adequada comunicação de má notícia depende do atendimento de alguns requisitos: estabelecer uma relação adequada entre médico, equipe e paciente, enxergar o paciente como pessoa, ter um setting adequado para a comunicação, não se preocupar com o tempo do processo, ter uma expressão neutra comunicando a notícia de forma clara e direta, reconhecer o quanto e o que este paciente quer saber do seu quadro clínico, encorajar e deixar o paciente ter suas reações ao seu tempo, uma atenção adequada com a família, conversar sobre o planejamento e o futuro deste paciente, pois muitos podem vir a experimentar sentimentos de incerteza e isolamento e não menos importante, trabalhar os próprios sentimentos, pois estamos

---

<sup>115</sup> BRASIL. Ministério da saúde. INCA. Comunicação de notícias difíceis: compartilhando desafios na atenção à saúde. Rio de Janeiro, 2010, p. 93.

expostos ao processo e, podemos ter reações de sofrimento também. Todos os envolvidos estão sujeitos ao risco de passar pelo sofrimento e isolamento social, o paciente pela própria situação acerca da qual toma ciência e os profissionais pela incapacidade de lidar com o contexto. Cicely Saunders nos diz que:

A morte é temida, todos os pensamentos sobre ela são evitados e os próprios moribundos são deixados em solidão. Tanto em suas casas como nos hospitais eles são emocionalmente isolados mesmo quando cercados por suas famílias, ou envolvidos em intensas atividades terapêuticas<sup>116</sup>.

De maneira a realizar um melhor cuidado, destacamos a importância do diálogo em si, pois a comunicação aproxima as pessoas, mesmo em um momento tão difícil. Salientamos o desenvolvimento da habilidade de saber se comunicar, pois o profissional de saúde desenvolve um papel de extrema importância dentro deste processo. A manutenção da capacidade de comunicação se mostra como um instrumento terapêutico primordial, que proporciona ao paciente uma autonomia no momento mais importante de sua vida.

#### 4.2.3 A Morte pelo Suicídio

A morte pelo suicídio demonstra ser um assunto desconfortável dentro de outro assunto desconcertante. É o velho tabu se fazendo presente, coisas do tipo, se mencionar acontece e os mais antigos já procuram um objeto de madeira para bater três vezes e assim tentar evitar que aconteça. Sabemos que isso é um mero gesto de superstição, e que não temos esse poder de evitar um acontecimento apenas batendo em um objeto de madeira.

É difícil para o homem olhar de frente a sua finitude, porque ao fazê-lo, além de enfrentar a certeza da morte, toma consciência de que ninguém jamais poderá viver por ele, desvelando-se, assim, o seu poder-ser; portanto, é preciso se apropriar da vida e das suas escolhas. A possibilidade da morte revela a vida que se vive<sup>117</sup>.

O suicídio basicamente é um ato cometido por qualquer pessoa de maneira intencional visando matar a si mesmo. Podemos lembrar que geralmente esse ato

---

<sup>116</sup> SAUNDERS, C. The Last Stages of Life. *The American Journal of Nursing*, v. 65, n. No. 3, p. 70–75, mar. 1965, p. 70.

<sup>117</sup> DUTRA, E. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: Algumas considerações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v.17, n.2, 2011, p. 154.

vem acompanhado de algum sofrimento, que a pessoa que está enfrentando não encontra uma solução ou mesmo uma resposta simples para um porquê. A etimologia da palavra suicídio vem do latim (sui, “próprio”, e caedere, “matar”) condição onde a existência pessoal não faz mais sentido, em que os sentimentos de vazio e tristeza profundos direcionam a pensar que a única saída é acabar com a própria vida.

Não existe causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que vão se acumulando na biografia do indivíduo, em que entram jogo desde fatores constitucionais até fatores ambientais, culturais, biológicos, psicológicos etc. O que se chama “causa” é, geralmente, o elo final dessa cadeia<sup>118</sup>.

Podemos refletir que este fenômeno silencioso acontece de forma quase sempre inesperada e é silenciado por nossa sociedade. Ao longo dos anos constatamos que a mídia e órgãos responsáveis pela saúde abafam este grave problema social. Um problema que é lembrado apenas em uma data por ano, não pode ser denominado como objeto de campanha preventiva. Discutir, abordar e estudar são as ferramentas que temos para desmistificar este fenômeno, a única forma real de prevenção, e não o silêncio ensurdecido que se faz presente principalmente a cada vez que sabemos de um suicídio. Para Fairbairn,

O suicídio é um ato, tanto de cometimento como de omissão realizado pela própria pessoa ou por terceiros, por meio do qual um indivíduo autonomamente pretende e deseja concretizar a própria morte, porque quer ser morto ou quer morrer uma morte que ele mesmo concretiza<sup>119</sup>.

Além disso, não podemos deixar de mencionar o suicídio entre os transtornos mentais, que provocam o ato em busca de um alívio da dor emocional, tais como: Depressão maior, Bipolaridade, Transtorno de personalidade Borderline, Esquizofrenia, além de outras condições sociais como abuso de álcool e drogas.

Nesta perspectiva, podemos abrir uma discussão sobre as possibilidades de um suicídio, as histórias de sofrimento, quadros de insanidade, os quadros depressivos e o surgimento do desejo de morrer. Se empenhando em diminuir os riscos, e promovendo artifícios técnicos para os profissionais da área de saúde que trabalham direto com essas questões. E não somente aos profissionais, mas se

---

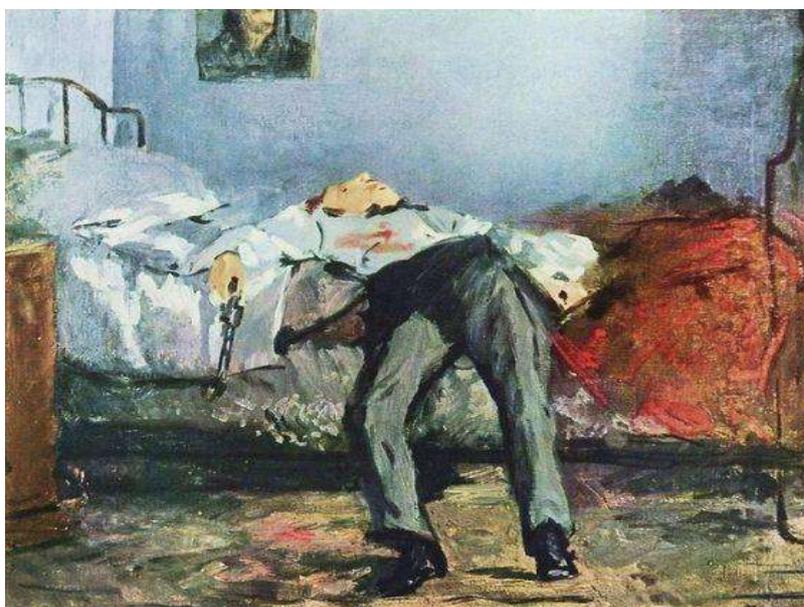
<sup>118</sup> CASSORLA, R. M. S. Considerações sobre o suicídio. In: CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio:** estudos brasileiros. São Paulo: Papyrus, 1991, p. 45.

<sup>119</sup> FAIRBAIRN, Gavin J. **Reflexes em torno do Suicídio:** a linguagem e a ética do dano pessoal. São Paulo: Paulus, 1999, p. 117.

estendendo a população em geral. O Ministério da Saúde criou a Política de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), com propósito de:

Promover ações de saúde que contribuam significativamente para a compreensão da realidade singular masculina nos seus diversos contextos socioculturais e político-econômicos e que, respeitando os diferentes níveis de desenvolvimento e organização dos sistemas locais de saúde e tipos de gestão, possibilitem o aumento da expectativa de vida e a redução dos índices de morbimortalidade por causas previsíveis e evitáveis nessa população<sup>120</sup>.

Figura 6 – O Suicida “1880”



Fonte: Pinterest<sup>121</sup>.

A sociedade ainda apresenta forte resistência em realizar discussões sobre o assunto, e as produções ao redor do tema são poucas, e se tornam insuficientes para diminuir as tentativas de suicídio. Com isso, os profissionais de saúde ficam limitados a poucos saberes, pois não existem maiores pesquisas e discussões sobre o tema, dessa forma uma melhora na abordagem e detecção de possíveis riscos torna-se limitada.

O suicídio figura entre as três principais causas de morte de pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade. Segundo os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), ele é responsável anualmente por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortes). Essas cifras não incluem as

<sup>120</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Brasília/DF, 2009, p. 3.

<sup>121</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/604256475020815223/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

tentativas de suicídio, de 10 a 20 vezes mais frequentes que o suicídio em si (World Health Organization [WHO], 2014)<sup>122</sup>.

Na história em quadrinhos *Morte de Neil Gaiman*<sup>123</sup>, o personagem Sexton Furnival, um adolescente de dezesseis anos, está vivenciando uma situação de conflitos pessoais e esboça sua vontade de não mais desejar viver, externalizando várias razões para cometer suicídio. Vivendo em uma família que traz em seu contexto inúmeros conflitos familiares, pais separados e um ambiente pouco afetivo, ele decide que vai atentar contra a própria vida.

“Você pode achar que esse papo não está com nada, que não é razão para acabar com tudo ou coisa parecida, mas é aí que você se engana. Não que o papo seja interessante, mas o erro é pensar que não é razão para pedir a conta da vida. Quer dizer, nada faz o menor sentido. E, se faz sentido, é melhor morrer. E quer saber? Ninguém vai dar a mínima<sup>124</sup>.”

As condições externas se fazem presentes em pensamentos suicidas, crises existenciais, questões financeiras, luto, separação, traumas e perdas, são elementos que podem desencadear tentativas de suicídio no indivíduo que se encontra fragilizado emocionalmente e com dificuldades de elaboração e organização de pensamentos conflituosos. Outros aspectos que acrescentam risco de suicídio podem ser citados: psicológicos conscientes e inconscientes, biológicos, sociológicos e culturais. Isso nos deixa claro que, quanto mais conhecimento acerca do tema sobre os riscos de suicídio, maiores as chances de sucesso na sua prevenção.

### 4.3 A Única Certeza da Vida é a Morte

A morte se torna inaceitável no mundo capitalista, onde o concreto, o corpo e os bens materiais são supervalorizados. A finitude não é bem-vinda neste cenário, e a morte se torna uma afronta aos que vivem nele. Que sentido pode ter de possuir carros, barcos, telefones, joias, bolsas e relógios caríssimos, se um dia vamos morrer e com a morte deixamos de existir? O desejo de se ter um pouco mais de vida fica evidenciado no egoísmo do ser humano, que apesar de negar, vive apegado às coisas

---

<sup>122</sup> BOTEGA, N. J. Comportamento Suicida. *Epidemiologia*, v. 25, n. 3, 2014. p. 231. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023, p. 231.

<sup>123</sup> GAIMAN, 2014.

<sup>124</sup> GAIMAN, 2014, p. 256.

materiais, acreditando que nunca vai se afastar de todos estes objetos, como se fosse um imortal.

Apesar dos avanços tecnológicos, a medicina até o momento não encontrou uma forma de tornar o ser humano imortal ou mesmo viver para sempre. Portanto, quando morremos nada existe mais, e todos esses bens materiais são usados somente no intervalo de nossa existência.

O cotidiano atual é vivenciado de maneira frenética, o indivíduo está ocupado a todo instante com alguma coisa, não se preocupa com o momento que está vivendo, sua mente está sempre direcionada ao instante seguinte. O padrão de aceitação atualmente imposto pela sociedade demanda tudo em excesso, diante de um predomínio massivo e crescente do capitalismo, as pessoas trabalham demais, se alimentam excessivamente, consomem bens exageradamente, resultando em um desgaste tanto físico como emocional. Cansaço, frustração, depressão são cada vez mais comuns e além de prejudicarem o presente, irão ter reflexos no futuro das pessoas. Mesmo quando o ser humano opta por tentar uma rotina de vida saudável, ele costuma, com frequência, cometer exageros ao buscar resultados que lhe façam parecer sadio de forma muito rápida e sem paciência. Esse cotidiano apressado acaba por desconsiderar que não somos máquinas e que além do corpo e das necessidades mais concretas temos que reservar tempo para cuidar da mente, pensar em coisas mais abstratas e verdadeiras, que são necessárias para um bem viver. Sem esta consideração acabamos por acelerar o caminho para a morte. As redes sociais neste ponto são muito incentivadoras deste comportamento, traduzindo-se em um templo destinado ao momento e à imagem. Acentua-se o culto ao corpo com aparência sempre jovem, e a partir daí se estabelecem valores e necessidades supérfluas e que renegam o real e natural ciclo da vida. Como se a aparência de uma pessoa pudesse ter mais valor que o conteúdo da sua própria experiência existencial até então vivida. Esquece-se que a sabedoria se adquire com o tempo, que idosos têm muito mais motivos para celebrar aniversários e serem exaltados a cada ano que passa. Aliás, o modo como uma sociedade trata seus idosos revela muito acerca dos valores considerados pela maioria. Blessmann nos aponta que:

a tecnologia investe profundamente nas questões do corpo, identificada com o progresso e a serviço do mercado, que busca se expandir ilimitadamente. Os meios de comunicação de massa atuam no sentido de demonstrar reiteradamente, aos indivíduos, a sua carência de saúde e de beleza,

induzindo-os ao consumo de mercadorias e serviços relacionados com as necessidades criadas<sup>125</sup>.

As negligências de uma vida apressada cobram no futuro um preço alto por esse comportamento inconsequente, demonstram que o indivíduo deveria criar um hábito de conversar sobre a morte, e assim fortalecer seus sentimentos pessoais, pois quanto mais nos preparamos, mais condições teremos aceitar futuramente o advento, evitando sofrimento exacerbado próprio e alheio. Devemos aproveitar a integridade do corpo e da mente e reservar um tempo de vida para dedicação ao tema da finitude humana, a fim de diminuir o impacto diante de situações futuras pelas quais muito provavelmente iremos passar<sup>126</sup>. Uma pessoa saudável e com condições perfeitas de saúde (física e mental) tende a aceitar melhor o tema, ficar menos assustada e mais concentrada ao ler ou mesmo debater sobre o assunto, o que auxilia no melhor entendimento acerca das questões envolvidas. Após, estando sua base de entendimento firmada internamente, tende a ficar menos perplexa ao se deparar diante de situações que envolvam a morte, mesmo que este momento esteja distante<sup>127</sup>. Se a imortalidade realmente fosse uma possibilidade, a vida teria o mesmo sentido? As angústias e emoções seriam diferentes, pois a existência teria outro significado. Se vivêssemos em uma sociedade na qual a morte deixasse de acontecer, a existência do ser não teria a mesma importância. Martins coloca que,

só ficar nesse estado de uso das coisas não proporciona uma existência autêntica, não revela o significado autêntico da presença humana no mundo. (...) Para isso ocorrer, é preciso (...) perceber: o Homem é um ser de possibilidades realizadas dentro da temporalidade existencial, marcada pelo intervalo entre finito e infinito. (...) O ser acaba, morre. A possibilidade por excelência é a morte. (...) Para o Homem encontrar seu verdadeiro ser autêntico é necessário reconhecer a possibilidade da morte e assumi-la. Conceber a morte como parte fundamental do seu ser, compreender a possibilidade inegável da impossibilidade da existência enquanto tal. Porém, tomar consciência da possibilidade da morte não deixa o Homem inerte, imóvel e sem a menor perspectiva de realização. É justamente o contrário. Abre-o à sua temporalidade e mostra a importância de uma existência autêntica e realizada<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> BLESSMANN, E. J. (2004). Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, 6, 21-39, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>. Acesso em: 10 jun. 2023, p. 25.

<sup>126</sup> KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios pacientes (9a ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes, 1969/2008.

<sup>127</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008.

<sup>128</sup> MARTINS, 2007. p. 175.

A sociedade moderna vive de forma acelerada, podemos dizer que pressentimos em quase toda a informação que recebemos uma mensagem interna, um ordenamento secreto que determina que “seja tudo para ontem”, mas nem tudo em nossas vidas acontece de maneira rápida ou na “velocidade da luz”. Quando perdemos um ente querido, é necessário tempo para “digerir” este momento singular, todos os movimentos à volta deste processo são dolorosos e não se pode “acelerar” as etapas.

É possível verificar a pressa que as pessoas demonstram quando acontece um morrer, as desculpas são inúmeras para não ir em um velório, e quando se fazem presentes a maioria das vezes é muito rapidamente, pois logo se precisa retornar ao trabalho. Não podemos esquecer que vivemos em uma atualidade que valoriza o trabalho ao extremo, e o progresso deve ser contínuo, sendo quase que inaceitável nos dias atuais perder tempo chorando de tristeza por perder um ente querido. Interrompe o lucro, estanca o progresso. De maneira inconsciente se torna pouco provável que destaquemos tempo (de vida) para reflexões perturbadoras e complexas como sobre a finitude humana, mesmo nos deparando todos os dias com notícias sobre a morte de alguém, seja em redes sociais, televisão, jornais, nas ruas e até mesmo em nossa casa. Negamos a possibilidade concreta de morrer, a fim de não perturbar nossa própria e curta existência.

Aqueles que tiveram a força e o amor para ficar ao lado de um paciente moribundo com o silêncio que vai além das palavras, saberão que tal momento não é assustador nem doloroso demais, mas um cessar em paz do funcionamento do corpo. Observar a morte em paz de um ser humano faz-nos lembrar uma estrela cadente<sup>129</sup>.

A possibilidade de não se enxergar mais inserido neste ritmo assusta o indivíduo, a possibilidade de se chegar à fase senil é acompanhada da hipótese de perdermos todo essa suposta qualidade de vida, mesmo nas instituições de ensino se nega esta condição.

Ignora-se que muito desta qualidade alardeada é incentivada pela imagem que precisa ser exposta, imposta como ideal, mas de conteúdo pouco realístico e que atende muito mais a interesses econômicos (ao criar novas necessidades diariamente) do que ao desenvolvimento dos valores que conduzem a um real bem viver. Nas escolas de ensino superior se aprende somente acerca de técnicas para

---

<sup>129</sup> KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fonte, 1981, p. 278.

combater o morrer, se aniquila a morte, o conhecimento vai de encontro a finitude, as tecnologias produzem apenas profissionais para salvar vidas e não para permitir que, de forma mais tranquila e menos dolorosa, elas deixem de viver.

Gawande nos evidencia que:

Aprendi sobre muitas coisas na faculdade de medicina, mas a mortalidade não foi uma delas. Em meu primeiro período, embora tenham me dado um cadáver seco e endurecido para dissecar, aquela era apenas uma maneira de aprender sobre a anatomia humana. Nossos livros didáticos não tinham nada a respeito do envelhecimento, da fragilidade ou da morte. O desenrolar do processo, a experiência das pessoas no fim de suas vidas e a maneira como os outros a sua volta são afetados pareciam ser questões irrelevantes. Na nossa visão e na de nossos professores, a finalidade da faculdade de medicina era ensinar a salvar vidas, não a lidar com o seu fim<sup>130</sup>.

A única certeza de nossas vidas é a morte, sem saber já nascemos com esta condição, e nada pode alterar isto. Somos desde cedo condicionados a ocultar esta verdade, um autêntico culto do não-envelhecimento, que relaciona involuntariamente o conceito de envelhecer como sinônimo de falha fatal, morte. Neste contexto, ao longo da vida a sociedade apregoa que os próprios sinais de envelhecimento devem ser evitados porque na visão que nos é inculcada são traduzidos como defeitos, tidos como feios e por isso não vistos com bons olhos. Os inúmeros esforços que a sociedade faz para nos ocultar esta certeza da morte, consegue nos entreter e esconder dela até o instante em que a finitude se torna uma possível realidade. Uma lógica que nos proporciona apenas um adiamento desse enfrentamento, que é visto sempre como algo ruim, mas que se encarado fosse de forma a preparar o indivíduo, a este agregaria menos angústia em seus dias finais, pois a pessoa consciente da existência da morte tende a não depender tanto de seu precioso tempo de vida servindo às necessidades e fugacidades impostas, e sim usá-lo de forma a buscar experimentar um real bem viver.

---

<sup>130</sup> GAWANDE A. **Mortais**. Rio de Janeiro: Objetiva; 2015, p. 11.

## 5 A PRESENÇA INEVITÁVEL DA FINITUDE

Quando nascemos não percebemos que a morte se faz presente desde o primeiro momento de vida. Há um abstrair da possibilidade do morrer. Esta separação de vida e morte é uma forma de negação do indivíduo, um engano, pois a vida e a morte chegam juntas e andam juntas. A morte é um momento natural, que faz parte do contexto de vida, e que nos acompanha desde que temos a vida, não há como separar esses dois fenômenos vida e morte.

As formas de se definir a finitude são muito amplas, dependem muito de cada indivíduo e suas vivências, costumes e regiões. Se formos procurar o significado de morte em um dicionário, vamos encontrar a seguinte definição: “uma cessação completa da vida, da existência de; óbito, falecimento”<sup>131</sup>. Entender esse fundamento não é fácil, pois, a princípio, quando se vê o nascimento de uma vida, se espera sempre que esse novo ser tenha uma longa vida. Segundo o senso comum presente nas sociedades, o ser humano deveria passar pelas seguintes fases: nascer, crescer, se reproduzir, envelhecer e a seguir morrer, simples. Entretanto, as dinâmicas da vida social fazem com que o ser humano se depare com situações nada “lógicas”, como a morte de jovens, crianças, situações difíceis de entender e aceitar.

[...] o nascimento e a morte são assumidos como dois [...] motivos e são comparáveis por meio de uma representação espacial em que a vida é uma linha compreendida entre tais extremidades, isto é, diz-se que a vida humana tem início com o nascimento e tem termo com a morte, mas também se diz que entre esses dois eventos não existe nada em comum, e que eles são dados juntos apenas em uma [...] experiência [...] paradoxal. O que sobretudo diferencia os dois eventos é o fato de que no nascimento o inconsciente, enquanto aquilo do qual não existe saber [...], vem antes e, portanto, o futuro se apresenta como longa promessa de existência, enquanto no caso da morte aquilo que vem antes é um passado mais ou menos longo, e o inconsciente vem depois. Ou seja, a morte é limite da vida tanto no sentido de que é a sua presença latente que lhe confere significado<sup>132</sup>.

As diversas representações da morte trazem várias indagações, oriundas dos diferentes contextos. Na perspectiva da pessoa profissional em psicologia ou aconselhamento, essas inquietações precisam ser respeitadas por quem observa externamente, num primeiro momento, visando à compreensão das angústias, dos dilemas, dos argumentos, da visão de mundo, do imaginário religioso adjacente, visto

---

<sup>131</sup> PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 329.

<sup>132</sup> PIERI, 2002, p. 339.

que, nem sempre a pessoa profissional partilha dos mesmos fundamentos sociais desta interpretação. Fato é que independentemente do aspecto sócio-histórico-cultural envolvido, a representação da morte é ampla e frequente, havendo inclusive aspectos em comum observados ao longo dos tempos.

A morte de certa forma tem uma imagem desconhecida, pois não sabemos exatamente o que envolve este fenômeno, apenas temos a certeza que vamos vivenciar esse momento apenas uma vez, e que, para quem fica a vida continua. Por outro lado, quem vivência em seu corpo a morte, se inicia em outro contexto, outro momento, outra forma de viver ou não viver. Na verdade é uma situação que, excetuando-se a questão religiosa ou da fé de cada um, permanece até hoje totalmente sem resposta para nós, vivos. Isso é o que torna este fenômeno fascinante, pois enquanto fenômeno, tais quais todos os demais diversos fenômenos da natureza, não temos domínio sobre ele - acontece quando tem que acontecer, escolhe o momento de se fazer presente.

O melancólico sabe o mundo perecível e o aborda segundo esta dimensão. Não há nisto nada além do banal, aparentemente. Mas saber o mundo perecível e habitá-lo como tal não é algo frequente nem simples. Nós sabemos o mundo perecível, mas não aqui e agora. Nós sabemos que ele passará, mas depois, num depois improvável no fim das contas, assim como é nossa própria morte. Nós não abordamos uma rosa bela em sua eclosão da mesma maneira que uma rosa que perecerá, cujas pétalas murchas, lívidas, tocarão um dia o solo. Saber a rosa perecível, não depois, mas agora e diante dela, é um outro saber, pungente. É a isto que a melancolia nos convida, se formos ao seu fundo<sup>133</sup>.

Diante disso, o objetivo deste capítulo é retratar um pouco do cotidiano em que vivemos, no qual o fenômeno da morte se faz presente em todas as instâncias nas quais estivermos inseridos. Visando a compreensão da morte como o fim do ciclo natural de nossas vidas, iniciamos com a percepção do medo natural expresso no comportamento do indivíduo, que representa o morrer através da arte, da música e na simbologia universalmente utilizada nas mais distintas formas e manifestações sociais. Além disso, não podemos deixar de discutir as fases compreendidas no processo emocional frente à morte (luto), no qual o medo e a resistência desencadeiam pensamentos e reações que podem se fazerem presentes a qualquer momento da vida humana.

---

<sup>133</sup> MUNIER, R.; MÉLANCOLIE, P.; POLETTI, C. **Art et pouvoirs à l'âge baroque** – *Crise mystique et crise esthétique aux XVIe et XVIIe siècles*. Paris, L'Harmattan, 1990, p. 60.

Para tanto, o capítulo está organizado nos seguintes tópicos: “*Ciclo natural de nossas vidas*”, “*Resistência social e morrer*”, “*As fases frente a possibilidade do morrer*”, “*Medo da morte*”, “*Simbologia da morte*”, “*A finitude retratada na arte – Vanitas e Narciso*” e “*O som da morte (A finitude eternizada na música)*”.

Ao final do capítulo, buscaremos compreender as dificuldades que o indivíduo enfrenta ao se deparar com este contexto. Via de regra, a maior parte dos desafios pertinentes ao luto decorre da falta de aceitação da finitude como algo natural. Evidencia-se das mais diversas formas e técnicas ao longo da vida a expressão da negação da possibilidade do morrer, que se torna impeditivo para a aceitação prática do conceito de ciclo vital e uma maior abordagem do tema visando entender a morte como fato natural e próprio da característica existencial do ser vivo.

### **5.1 Ciclo Natural de Nossas Vidas**

A morte no ocidente sempre foi vista como um processo natural na vida do ser humano, nascer e morrer são dois momentos que fazem parte do processo natural do ponto de vista biológico. Nossa sociedade, entretanto, caracteriza-se por aspectos simbólicos, onde os valores e significados da morte vão variar de cultura para cultura. Com o passar dos tempos, esses mesmos valores e significados foram se modificando. A morte no ocidente passou a ter um significado de derrota, fracasso, impotência e até fraqueza, chegando ao ponto de a sociedade atual tentar esconder ou mascarar esse processo de morrer, bem como processos que envolvem a trajetória para a morte, como o envelhecer, em que as pessoas velhas são consideradas pessoas “na melhor idade”. Entretanto, nem sempre houve uma tentativa de ocultamento do processo de morrer e da morte em si. A morte seguia um ritual que se estendia aos parentes e amigos da pessoa que ia morrer.

No transcorrer dos séculos, este fenômeno foi entendido de forma natural, fazendo parte do cotidiano social. Na Europa, durante a Idade Média, o fenômeno estava integrado na vida de homens e mulheres. Falar sobre o fato era algo comum, característica diferente dos dias atuais, em que a presença de uma morte incomoda as pessoas. A cerimônia do fenômeno era projetada de maneira completamente

diferente dos dias atuais, podemos afirmar que havia mais dignidade com quem morria. Ariès<sup>134</sup> aponta que se iniciou uma recusa ao fim do corpo físico.

Os cemitérios não eram apenas um local tipo depósito de corpos, mas um espaço de asilo, um lugar para se confraternizar, sendo utilizado, além disso, como um espaço de comércio, danças e festas.

No final do século XVII, entretanto,

[...] começa-se a perceber sinais de intolerância, é preciso admitir que durante mais de um milênio estava-se perfeitamente acomodado a esta promiscuidade entre os vivos e os mortos. Os espetáculos dos mortos, cujos ossos afloravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com a sua própria morte<sup>135</sup>.

Um ponto interessante nesta condição foi o avanço da ciência, que foi fragmentando o corpo humano, enquanto a medicina se preocupava anteriormente com toda interação corpo e alma, e enxergava as pessoas como um todo, mostrando, assim, a importância dos contextos sociais e espirituais. Uma divisão foi se fazendo presente, em que corpo e mente foram sendo separados, e o corpo foi recebendo uma atenção maior. Assim os cuidados com aspectos sociais, psicológicos e culturais do indivíduo foram sendo deixados de lado. Aparece então a comparação do corpo do homem com uma simples máquina, em que o método clínico-biologicista vai se fazendo de forma cada vez mais presente. Capra descreve o modelo biológico como um método de teorias científicas:

O corpo humano é considerado uma máquina que pode ser analisada em termos de suas peças; a doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, que são estudados do ponto de vista da biologia celular e molecular; o papel dos médicos é intervir, física ou quimicamente, para consertar o defeito no funcionamento de um específico mecanismo enguiçado [...] Ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde frequentemente de vista o paciente como ser humano<sup>136</sup>.

De certa forma não podemos esquecer que, falar de morte é sim falar sobre a vida. A consciência humana rechaça a morte, e esse formato de pensar não é uma forma de saber lidar com o morrer, apenas dificultamos a maneira de enfrentar este

---

<sup>134</sup> ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

<sup>135</sup> ARIÈS, 2003, p. 49.

<sup>136</sup> CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cutrix, 1982, p. 116.

inevitável acontecimento natural. Sabemos que a morte vai acontecer mais cedo ou mais tarde, mas evitamos pensar e negamos sua presença.

Principalmente o indivíduo atual está programado para viver sem pensar na morte, vive o cotidiano como se fosse eterno e cada vez que se depara com a lembrança que a finitude nos ronda, ele a despreza como se jamais esse fenômeno fosse ocorrer com ele, apenas no outro. O processo de negação é comum, pois é uma forma de tentar se desvencilhar do sofrimento, da dor, da angústia que pensar no assunto traz, contudo, ignorar o inevitável não facilita em nada o processo, pelo contrário, aumenta mais o sofrimento quando nos deparamos com a possibilidade do fenômeno acontecer seja no eu ou no outro.

Vigotski nos traz um conceito importante de vida, afirmando que a ciência não conseguiu ainda explicar a morte:

A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não ser; é um certo algo e não o completo nada<sup>137</sup>.

O país da terra do sol nascente, Japão, possui a tradição de celebrar o dia dos mortos durante três dias, que incluem danças típicas e comidas especiais. A tradição japonesa impõe que é preciso limpar as lápides dos falecidos, pois os espíritos retornam nessa época para visitar os vivos. Já aqui em nosso país, Brasil, comemoramos o Dia de Finados como data destinada para a ida aos cemitérios, na qual os brasileiros renovam as flores deixadas nos túmulos de parentes e amigos já falecidos e oferecem orações aos que já se foram. Alguns dedicam uma missa em igrejas para que se possa honrar a memória daqueles que já morreram. “[...] atualmente é a festa em que a morte invade a vida e a vida invade a morte, como dois movimentos do mesmo evento”<sup>138</sup>. Na maioria dos países, a população vê a morte física como uma derrota, pois a sociedade contemporânea nos traz a ideia que devemos sempre ganhar, em todas as instâncias somos obrigados a sermos vencedores.

Ter dinheiro, status e principalmente poder, traz reconhecimento para quem vive nesta sociedade, uma verdadeira cultura do narcisismo, marcada principalmente pela realidade fantasiosa trazida pelas redes sociais. Esta necessidade de fantasia

---

<sup>137</sup> VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 265.

<sup>138</sup> VILLASEÑOR, ; CONCONE, p. 4.

que visa muito mais o reconhecimento da vitória do que da virtude que a ela conduz acaba por proliferar a idealização do homem super, do invencível, do superior. Neste sentido, as redes, ao permitirem a influência exponencial de ideais narcisistas como “poder” e “eternização da jovialidade”, acabam por exaltarem apenas a aparente beleza do presente e contribuem para a desconstrução de todo e qualquer conceito mais amplo de vida que divirja deste objetivo narcísico, como a morte. A morte é sempre um fenômeno soberano, que não permite negociação independentemente da condição etária ou poder (e até mesmo das virtudes) do ser, motivo óbvio para tão escassa aceitação de sua natural discussão na sociedade atual. No passado o indivíduo convivia com a presença da morte, havia uma consciência social de aceitação do fenômeno, sem estar preocupado quando isso aconteceria.

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e se a vida tiver um fim, este será atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance<sup>139</sup>.

Atualmente a morte é vista como um perder, uma derrota aos olhos narcisistas de tempos atuais, discutir sobre ela impõe lembrar a última negação de nossas vidas e isso traz um temor enorme no contexto social. É difícil falar sobre morrer em tempos que negamos e tentamos desesperadamente aniquilar a finitude, falar da morte para muitos é algo mórbido, depressivo, triste, causa sofrimento e o luto com muita frequência acaba por se tornar um período para o qual não nos preparamos nem permitimos ajuda. Inclusive, acerca da consciência da própria morte, esta não impõe que pensemos em nosso desaparecer social, mas sim que nos conduza a aproveitar o viver de maneira sábia, intensa e realmente livre, buscando com entrega real o que realmente queremos e nos traz felicidade.

Heidegger nos diz que:

A morte se desvela como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam. Ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal, “sofrida” por quem morre. Em sentido genuíno, não

---

<sup>139</sup> KÜBLER-ROSS, 1989, p. 14.

fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas “junto”<sup>140</sup>.

A morte é principalmente a cessação da respiração humana, o respirar é o processo vital e fundamental de nossas vidas, uma vez que "Deus criou o homem do barro da terra e soprou-lhe pelas narinas o Sopro da Vida, e o homem tornou-se um ser vivente".

Na obra “O homem perante a morte” Philippe Ariès” observa uma modificação importante que acontece na sociedade do século XX, Ariès verifica que todas as atitudes frente à morte não alteram a relação morte/sociedade. A finitude sempre será um acontecimento público e social<sup>141</sup>. A partir do século XX surgiu um jeito novo de encarar o morrer, no qual a sociedade expulsa a morte. O antigo carro preto mortuário foi substituído por uma caminhonete simples, que pode transitar livre pelo trânsito sem chamar a atenção. Observa-se a cessação da prática de manter o moribundo em casa, passando a ser transferido para o hospital a responsabilidade de cuidar do doente nos momentos finais. Até o século XIX se ressalta a importância de cuidar do moribundo em casa, mantendo a tradição das despedidas, os últimos pedidos, as últimas recomendações e o último diálogo.

Isso possibilita uma maior aproximação de quem está “partindo” e de quem “fica”, fazendo com que o sofrimento e o sentimento de solidão por parte de quem estava morrendo diminuísse. “Hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano”<sup>142</sup>.

o conhecimento da ciência e do homem proporcionou melhores meios do indivíduo e de sua família se prepararem para o acontecimento inevitável, a morte. Mas acontece o contrário, pois já se vai longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar<sup>143</sup>.

O fenômeno da morte deveria ser o momento de acolher e nos tornarmos mais humanizados diante do fenômeno único pelo qual passa cada indivíduo. Contemplando o momento final da vida, o moribundo se torna o centro de toda atenção, não para se buscar uma cura da doença, mas visar o resgate do processo de morrer. Justamente neste momento a tranquilidade deveria se fazer presente, onde

---

<sup>140</sup> HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012, p. 313.

<sup>141</sup> ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

<sup>142</sup> KÜBLER-ROSS, 1981, p. 16.

<sup>143</sup> KÜBLER-ROSS, 1981, p. 19.

o doente pode se despedir das pessoas próximas, familiares e amigos, e estabelecendo quem receberia com seus bens materiais. (ARIÈS, 1975/2003) E após o falecimento do moribundo, os familiares se encarregaram de dar continuidade a todos os costumes da cerimônia final:

[...] fechavam as janelas, acendiam as velas, aspergiam água benta pela casa, cobriam os espelhos, paralisavam os relógios. Os sinos dobravam. [...] Com os dedos das mãos entrelaçados e envoltos por um rosário, o defunto ficava exposto sobre uma mesa e, durante dois ou três dias, seus parentes e amigos, com vestimentas de luto, desfilavam diante dele para o último adeus<sup>144</sup>.

## 5.2 Resistência Social e o Morrer

A finitude desperta muitas reações na sociedade, todavia, os sentimentos que ela vai despertar dependem muito da região na qual o indivíduo está inserido. Certo é que a finitude humana vai causar no ser um sentimento, indiferentemente de ser ele bom ou ruim, mas alguma reação vai ser acionada com certeza. Sempre presente em nossas vidas, ela nos faz ter inúmeras reações e representações, porém, em geral, o enfrentamento com relação à morte não costuma se caracterizar como uma etapa tranquila da vida. Ao se viver sem pensar no amanhã, ao mesmo tempo em que não se conta com o futuro existencial também não se permite a condução das escolhas lastreadas por valores sólidos, ou seja, não nos preparamos para o fim da vida. Na tentativa de se viver ao extremo e de forma acelerada, se deixa de atentar às razões de nossas escolhas, muitas vezes fúteis ao tempo. Sem a possibilidade de tempo para esta reflexão, mais difícil se torna encontrar o que se busca durante o tempo existencial finito que temos para usufruir, bem como também mais complicada a aceitação da morte como encerramento do tempo de existência.

A representação que os indivíduos constroem sobre a morte revela muito sobre o que pensamos acerca de nós mesmos, nossos valores, sentido da vida, apegos, como vivemos e no que acreditamos.

Becker afirma que

A ideia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa. É uma das molas mestras da atividade humana –

---

<sup>144</sup> MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 8.

atividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação de que ela seja o destino final do homem<sup>145</sup>.

Muitos não conseguem ver a morte como um ciclo natural da vida, algumas sociedades não conseguem discutir e enxergar as implicações que a discussão sobre esse fenômeno acarreta sobre nós. Apesar de que cada vez que alguém morre é feito um ritual de encomendação do corpo ou mesmo um velório, muitas das vezes a negação permanece presente, sendo inclusive todo esse processo evitado atualmente por muitos. Fica claro que, para a maior parte das pessoas, falar, lembrar ou mesmo discutir sobre finitude constitui um tabu social, sendo o assunto frequentemente evitado ou até mesmo visto como uma maldição, capaz até mesmo de atrair o fenômeno.

Antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta e constante adoração; ele nos toca fundo em nossos corações, porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes<sup>146</sup>.

Já que viemos a esse mundo vamos embora dele, assim como não nos perguntaram se queríamos vir, não nos perguntam se queremos ir embora. A vida é complexa, ela nos faz pensar, questionar, fantasiar, negar entre outras tantos questionamentos que vão variar de pessoa para pessoa, mas em geral concordamos que a incerteza do momento de nossa morte nos assusta. Em algum momento vamos morrer, sempre soubemos, mas dados os mistérios que envolvem o tema, fica nítida nossa dificuldade em aceitar a morte, tornando esse o maior tabu da história da humanidade.

Todos os nossos significados são inculcados pelo lado de fora, pelas nossas relações com os outros. É isso que nos dá um 'eu' e um superego. Todo o nosso mundo de certo e errado, bom e mau, nosso nome, exatamente quem somos, tudo isso é enxergado em nós. Nunca sentimos que temos autoridade para oferecer coisas por nossa conta<sup>147</sup>.

As incertezas e mitos que fazem parte no pós morte, as dúvidas que pairam sobre nossas cabeças bem como as crenças presentes acabam por tornarem essa aceitação mais difícil. O homem conhece a morte aos poucos, diferente do animal que

---

<sup>145</sup> BECKER, E. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.11.

<sup>146</sup> BECKER, 2007, p.27.

<sup>147</sup> BECKER, 2007, p.72.

conhece a morte somente na própria morte. Isso mostra a diferença entre ambos, onde um se preocupa a vida toda em evitar o morrer e o outro, que vai “pensar” sobre isso quando isso acontecer. Kübler- Ross enfatiza que:

Os avanços da medicina haviam convencido as pessoas de que a vida deveria ser indolor. Como a morte estava associada à dor, o assunto era evitado. Médicos brilhantes que sabiam como prolongar a vida não compreendiam que a morte era parte dessa mesma vida<sup>148</sup>.

Nesse sentido a morte vai permanecer um mistério, pois vamos realmente desvendá-la somente quando morrermos. Aí sim saberemos do que se trata o morrer, do que é feita a finitude, o que se segue após ela e todas as perguntas sem respostas serão respondidas. Só ao final toda essa mística acerca da finitude humana vai se desfazer, mas para isso precisamos morrer. Até este momento acontecer vamos viver nossas vidas e aproveitar esse fenômeno tão singular que é viver, para que quando chegue a nossa hora possamos aceitar melhor o seguimento do ciclo vital do ser humano, contemplando o final, nosso último ato - o morrer.

A existência do ser humano vai descobrir que sua essência será descoberta a partir de construções em sua vida, e que essa essência será percebida somente no dia de sua morte. Acerca da existência, Angerami-Camon nos alega que

[...] a existência do Homem precisa ser compreendida de forma ampla e total. Não podemos confinar a compreensão do homem aos seus limites corpóreos. Ele existe numa dimensão irreal, fazendo da sua vida algo que transcende tudo que possa cercear essa possibilidade de realização. [...] Ele determina seu próprio projeto de vida, idealizando alternativas existenciais que não podem ser comparadas a nenhuma outra forma de existência que não a humana<sup>149</sup>.

Realizar um enfrentamento diante da possibilidade de morte nunca foi uma situação tranquila no cotidiano social, pois a sociedade vive de forma a se recusar pensar no assunto, tendo em vista que as pessoas creem que falando sobre e aceitando a possibilidade implicaria aceitar a morte como cotidiana. As discussões sobre a morte até acontecem, mas em âmbitos acadêmicos, espaços culturais e instâncias religiosas. Mas não podemos negar que o processo do morrer está presente em todos os lados de nosso cotidiano, basta ligar a televisão que em poucos minutos vamos receber a notícia de uma morte, mas não percebemos que ao nos

---

<sup>148</sup> KLÜBER-ROSS, 1998, p. 154.

<sup>149</sup> ANGERAMI-CAMON, V. A. **Existencialismo e Psicoterapia**. São Paulo: Traço, 1984, p. 20.

depararmos com a morte (mesmo que seja de um desconhecido) vamos acabar falando sobre ela. A diferença é que a notícia da morte de um estranho informado através da televisão decreta uma distância desta morte. Ela de certa forma não nos atinge de forma consciente, mas inconscientemente sim, pois percebemos e acabamos por muitas vezes nos impactando com a notícia do fenômeno. Freud nos diz que:

Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal. O que chamamos de nosso inconsciente – as camadas mais profundas de nossas mentes, compostas de impulsos pulsionais – desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de pulsional em nós que reaja a uma crença da morte<sup>150</sup>.

A representação da morte em nossas mídias de certa maneira é fundamental, pois revela muito sobre todos nós. Ao nos depararmos com o fenômeno da morte em filmes, teatros, histórias em quadrinhos, novelas, programas de auditório e até em reportagens, pensamos muito sobre nós mesmos. A morte sempre estará em todos os lugares nos rondando, podendo invadir nossas vidas a qualquer momento, seja como evento assistido na mídia, ou em nossas vidas pessoais.

Esse fenômeno tão presente acaba por nos fazer questionar sobre nosso lugar no mundo, sobre como vivemos, no que acreditamos e na forma como estruturamos nossos sentidos, nossos valores. Isso nos remete a pensar nas mais variadas práticas rituais presentes em certas datas comemorativas (finados, velórios, orações de memória, dia dos mortos, ritual de encomendação do morto, uso de roupas pretas durante sete dias, etc.). Apesar desses rituais consistem em uma realidade, transferimos as representações culturais, isto é, acabamos por terceirizar a experiência da morte, o que vem a configurar a morte em um possível eterno tabu. Por isso falar sobre morte se torna extremamente necessário em nosso convívio social.

[...] começa-se a perceber sinais de intolerância, é preciso admitir que durante mais de um milênio estava-se perfeitamente acomodado a esta promiscuidade entre os vivos e os mortos. Os espetáculos dos mortos, cujos ossos a floravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não

---

<sup>150</sup> FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIV, p. 297.

impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com a sua própria morte<sup>151</sup>.

Assim, a importância de se pesquisar e discutir sobre a morte torna-se extremamente relevante, pois tratar a morte como uma realidade social vai trazer uma melhor aceitação social, é antes, uma compreensão social.

### **5.3 As fases frente a possibilidade do morrer**

Quando nos deparamos com a realidade de que um dia não vamos mais existir, passamos por cinco fases que fazem parte desse momento único de cada um. Para falar sobre fases do luto, é necessário trazer à baila as conclusões de Elisabeth Kübler-Ross<sup>152</sup>, uma psiquiatra suíça, que realizou mais de duzentas entrevistas efetuadas com doentes terminais. Kübler-Ross identificou algumas reações psicológicas que o doente apresenta frente ao prognóstico e à medida que a morte vai se aproximando. Ela concluiu que os doentes terminais passariam por estágios de maneira sequencial, fases em ordem cronológica nas quais o indivíduo passa por vários sentimentos.

O processo de luto não se detém apenas a um desenvolver de falecimento de uma pessoa, ele pode se estender a vários outros tipos de processos decorrentes, a depender da forma como o indivíduo reagirá ao sofrimento trazido pela ideia de afastamento definitivo de determinadas situações de grande valor emocional. As fases vão aparecer nesta ordem, a princípio: negação, raiva, barganha ou negociação, depressão e aceitação.

#### **5.3.1 Negação**

O primeiro estágio é o de negação, no qual o indivíduo tenta de certa forma rechaçar sua realidade, esta foi a primeira fase que Kübler-Ross<sup>153</sup> constatou em suas entrevistas e observações em pacientes terminais. Um mecanismo de defesa temporário do ego contra uma dor psíquica diante da possibilidade da morte, negar a perda de alguém ou mesmo algo pode ser considerado uma defesa da psique humana, permitindo adiar o sofrimento que a informação traz. Foi notado de início que,

---

<sup>151</sup> ARIÈS, 2012, p. 49.

<sup>152</sup> KÜBLER-ROSS, 1989.

<sup>153</sup> KÜBLER-ROSS, 1989.

quando o paciente recebia a notícia de que tinha uma doença crônica grave, negava esta verdade sendo tomado por um estado de choque inicial, recusando o contato com o fato para assim não sofrer e passar por uma turbulência emocional. Desta forma, a negação tenta impedir uma desestruturação mental e o mundo interno ganha tempo para passar para a próxima fase. Lembrando que a intensidade e a possível duração desses mecanismos de defesa dependem muito de como cada pessoa enfrenta a realidade da possibilidade de morrer. Em termos gerais, a fase da negação e o isolamento não persistem tanto tempo. Neste primeiro momento é comum as pessoas preferirem o isolamento e a negativa a falar sobre o assunto, como uma maneira de afastar a difícil realidade.

Ao tomar conhecimento da fase terminal de sua doença, a maioria dos mais de duzentos pacientes moribundos que entrevistamos reagiu com esta frase: “Não, eu não, não pode ser verdade.” Esta negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo de suas doenças quanto naqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham a saber mais tarde por conta própria. Uma de nossas pacientes descreveu um longo e dispendioso ritual, como dizia ela, para assumir sua negação<sup>154</sup>.

### 5.3.2 Raiva

Após o indivíduo não conseguir mais negar o que está acontecendo consigo, o Ego não consegue mais manter a negação e nem se isolar, e se inicia a fase de expressar a raiva, ódio, agressividade e até oposição frente a aceitar condutas médicas. Ele de certa forma expressa toda sua raiva por aquilo que está acontecendo, toda esta fúria é projetada no ambiente externo, onde tudo se torna um problema. Com esse sentimento surgem inúmeros sentimentos tais como: revolta, inveja e até ressentimentos.

Esta fase é uma das mais difíceis, pois a família e até os profissionais que trabalham neste contexto, enfrentam muitas dificuldades para ajudar o enlutado, toda revolta por estar vivenciando os problemas se iniciam como os pensamentos: “Por que eu?”, “Porque logo agora?”, “Deus não gosta de mim?”, “Eu não mereço isso”, entre tantos outros questionamentos que vão ocorrer nesta fase.

Os médicos simplesmente não prestam, eles não sabem quais exames exigir e que dieta prescrever [...]. Os enfermeiros são ainda mais frequentemente alvo de sua raiva. Tudo o que eles tocam não está certo. O momento eles

---

<sup>154</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008, p. 32.

saíram da sala a campainha toca [...]. A família visitante é recebido com pouca alegria e expectativa, o que torna o encontrar um evento doloroso.<sup>155</sup>

Torna-se necessário que a família e os profissionais tenham muita paciência e empatia para com o enfermo, para assim poder ajudá-lo no seu processo de luto e ante uma futura morte inevitável, a fim de diminuir esta etapa repleta de sentimentos de dor, angústia e revolta causadas pela situação irreversível e nova na qual se encontra.

### 5.3.3 Negociação ou Barganha

É a fase na qual o sujeito abandona a raiva e tenta prolongar sua vida de qualquer maneira, desafiando a irreversibilidade de sua situação, buscando barganhar com entidades superiores através de promessas de mudanças de comportamento para conseguir possibilidades de cura. Ele tenta efetuar barganhas de forma a possibilitar uma visão que não é real dos fatos, mesmo sabendo o quão inevitável se tornará uma aceitação da “terrível” realidade na sua forma de ver a morte.

A maioria das barganhas são feitas com Deus e geralmente são mantidas em segredo ou mencionado nas entrelinhas ou no escritório particular de um capelão. [...] nós ficamos impressionados com o número de pacientes que prometem “uma vida dedicado a Deus” ou “uma vida a serviço da igreja” em troca por algum tempo adicional.<sup>156</sup>

Apesar de os doentes estabelecerem inúmeras promessas - principalmente com Deus - para tentar adiar a morte ou mesmo alcançarem a cura da sua enfermidade, alguns mecanismos podem aparecer nesta fase, tais como a culpa, que é uma reação que de certa forma esconde a natureza do ser humano. Um verdadeiro tentar esconder os erros, apagá-los, traduzindo-se em uma tentativa de se auto enganar, que de nada vai adiantar. Mas esta fase só é possível nas pessoas que já alcançam certo contato com a verdadeira realidade da situação. Aquelas que diante de várias tentativas de negociação, perceberam sua fragilidade, aceitando que não tem forças perante a morte e que de nada pode adiantar inúmeras barganhas. Neste ponto o enfermo passa para a próxima etapa do processo de luto.

---

<sup>155</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008, p. 69.

<sup>156</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008, p. 95.

### 5.3.4 Depressão

Nesta fase já não é mais possível negar a doença, o indivíduo já está bastante cansado, o desgaste emocional e o cansaço que o corpo começa a demonstrar acabam por desencadear uma depressão. Neste estágio a pessoa elabora lutos e começa ficar retraída, o sentimento de tristeza é evidente e o sofrimento é intenso. Ela evita o contato com as pessoas, principalmente as que não respeitam seu momento de vivenciar sua tristeza. Mas é fato que precisam de uma companhia que respeite este sentimento e se faça presente para oferecer um apoio, muito necessário a todos que passam por este processo.

Todas essas razões para as depressões são bem conhecidas de todos que trata de pacientes. [...] Se eu fosse diferenciar esses dois tipos de depressões, eu consideraria a primeira uma depressão reativa, a segunda uma depressão preparatória<sup>157</sup>.

Em muitas ocasiões, o enfermo pode encontrar na fase da depressão circunstâncias que permitam a ele se preparar para o possível e inadiável momento de morrer. Começa a consciência acerca da necessidade de se desapegar de coisas materiais e até mesmo de entes queridos e que mais ama nesta vida. Chegam a este estágio aqueles que superaram a negação, a raiva e a barganha. Fica mais facilitado a todos aqueles que tiveram uma ajuda profissional nesta trajetória, por isso a presença de familiares e pessoas amigas é fundamental para que tudo aconteça de forma menos cansativa e sofrida, pois imaginar que este mundo não terá mais a sua presença a qualquer momento é perturbador.

### 5.3.5 Aceitação

Após passar por tantos sentimentos intensos, a princípio não terá que lidar mais com a depressão ou mesmo a raiva, ou até a barganha e muito menos negar o inevitável, pois já expressou tudo que podia sentir até então, e uma paz se instaura sobre a pessoa doente, que terá a possibilidade de entender a vida de outra forma, lembrando-se dos bons momentos que teve ao lado de quem ama, esperando o momento de sua morte. Ela já não nega sua realidade e nem se mostra desesperada, as emoções já estão mais controladas e demonstra que pode enfrentar as

---

<sup>157</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008, p. 98.

possibilidades negativas de forma consciente, aceitando até mesmo suas limitações. O indivíduo pode dormir muito, como se estivesse repousando de um processo árduo que passou.

[...] cansado e, na maioria dos casos, bastante fraco. Ele também terá a necessidade de cochilar ou dormir com frequência e em breves intervalos [...]. Isso não é um sono de evasão ou um período de descanso para obter alívio da dor, desconforto ou coceira. É uma necessidade cada vez maior de prolongar as horas de sono muito semelhante à do recém-nascido, mas em ordem inversa<sup>158</sup>.

E assim se faz presente o quinto e último estágio do luto frente à possibilidade do morrer, a aceitação, que não pode ser confundida com um estágio feliz, pois ele é quase destituído de sentimentos. Acerca da dignidade que representa a preservação máxima possível da autonomia do indivíduo, Roxana Borges esclarece que:

A concepção de dignidade humana que nós temos liga-se à possibilidade de a pessoa conduzir sua vida e realizar sua personalidade conforme sua própria consciência, desde que não sejam afetados direitos de terceiros. Esse poder de autonomia também alcança os momentos finais da vida da pessoa<sup>159</sup>.

Nesta fase do luto podemos ressaltar que, apesar da pessoa seguir enxergando a realidade de forma dura e penosa, mesmo assim aceitará este momento.

#### **5.4 A finitude retratada na arte – vanitas e narciso**

Um bom exemplo de expressão artística do conceito de finitude são os quadros “*Vanitas*”, um tipo de pintura que foi muito difundida no final do século XVI, seguindo presente durante o século XVII e no início do século XVIII na Europa. Os quadros Vanitas são conhecidos basicamente por trazer em sua concepção naturezas mortas barrocas, presentes nas pinturas. Nestas, com frequência observam-se crânios, que de certa forma sempre trouxeram uma lembrança da morte e do quanto a natureza humana é finita. Durante o século XV e XVI vários crânios humanos foram pintados em meio a outros objetos em muitas telas. Estes objetos traziam em geral a representação dos bens e da luxuosidade que serviam de ilustração para as próprias vaidades do homem, que o deixavam cego e não permitiam lembrar acerca da

<sup>158</sup> KÜBLER-ROSS, 1969/2008, p. 124.

<sup>159</sup> BORGES, R. C. B. Direitos de Personalidade e Autonomia Privada. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 135.

brevidade da vida e da importância de um real e verdadeiramente significativo viver. Vanitas expressa através da tristeza da natureza-morta uma crítica ao homem que busca incessantemente no concreto e no exterior a satisfação para os seus anseios momentâneos e questionamentos internos.

Os que vivem no desregramento dizem aos que vivem na ordem que são estes que se afastam da natureza, e julgam segui-la: como os que estão num barco julgam que os que estão na margem fogem. A linguagem é semelhante em toda parte. É preciso ter um ponto fixo para julgar. O porto julga os que estão no barco, mas onde conseguir um porto na moral?<sup>160</sup>.

Ao nos depararmos com a imagem de uma caveira, vamos associá-la à morte ou mesmo a uma situação de perigo. A caveira é, em geral, vista como algo obscuro, escuro, abismo, caminho para o sofrimento... Mas podemos nos perguntar, de onde vem esse tipo de pensamento? Em “Vanitas”, estas caveiras nos lembram que um dia vamos morrer. Mas é a partir daí que nascemos para outra situação desconhecida a todos nós, vivos, mas até mesmo por isso não necessariamente ruim. Afinal a morte faz parte da vida e deveríamos além de saber, lembrar, e diariamente, que não somos eternos neste modo de vida que conhecemos, como, aliás, tudo nele também não é. E é por isso que falar sobre a finitude se torna tão importante, fazer lembrar que mesmo a morte não tendo uma imagem específica, está sempre presente, nos ronda a todo instante e não nos pergunta se pode entrar em nossas vidas. Apenas nos encontramos e então se faz presente em um momento único.

Figura 7 – Philippe Champaigne



Fonte: XVII. Museude Tessé, Le Mans – França

<sup>160</sup> BLESSMANN, 2004, p. 576.

A sociedade sempre conviveu com a vaidade, nunca deixou de se importar com o corpo, o mesmo corpo que um dia inteiramente vai virar pó, numa metamorfose natural e clara que exalta a insignificância real e final de toda a valorização excessiva da matéria, que ao não mais existir perde o sentido. O pó ao final faz lembrar que o mais importante de se vivenciar na sociedade não é a parte concreta, mas sim o abstrato e basta olharmos ao nosso redor para verificar que as coisas materiais são extremamente valorizadas. Mesmo sendo claro e do conhecimento de todos em nossa sociedade que nada material poderá ser de fato levado quando a morte chegar, nunca se buscou tanto por bens materiais como atualmente, como se apenas estes objetos de desejo representassem real sentido e felicidade na vida humana. Transfere-se indevidamente ao concreto e instantâneo o poder de representarem a plenitude ao nosso redor, como uma forma de assegurar proximidade com a felicidade eterna.

A simbologia dos quadros Vanitas faz pensar sobre a brevidade de nossas vidas que seguem rumo à morte desde que nascemos. Os Vanitas denunciam a vaidade enquanto inimiga do real viver e finitude ao passo que desvelam certa busca do homem pela eternidade. Sutilmente retratam que mesmo que tenhamos momentaneamente abundância de beleza, fortuna ou prazeres, ao fim a morte nos espera.

Outro exemplo artístico clássico que nos revela a valorização excessiva do externo e a indevida representação que por vezes atribuímos ao que vemos pode ser apontada na figura de Narciso. Quando Narciso se depara com a própria imagem refletida no lago, ele se apaixona por ele mesmo, fica admirado com o que vê, e acaba morrendo, deixando claro o extremo valor que tinha por si mesmo tal qual como se via. Valor este que o fez ignorar a possibilidade de real vivência e conseqüente aprendizado que a vida nos proporciona.

O significado da morte na sociedade vai depender da época e cultura nas quais se estiver inserido, pois o significado vai ultrapassar a escolha do indivíduo. As tendências externas tendem a ditar de que forma ele vai compreender a morte. Porém, com o passar dos anos, à medida e da forma individual com que o homem internaliza os conceitos pertinentes à temática da morte no seu cotidiano, ele poderá desenvolver uma visão própria para entender a finitude. A subjetividade com que a morte é vista por cada um exige que o sentido pessoal que o homem dá para essa realidade se estabeleça de maneira singular, através de uma relação pessoal na qual o significado

será estabelecido de forma única, estruturado em culturas, vivências e significados correlacionados já anteriormente fundamentados. Desta forma, o que se visualiza como significado externo vai passar por um filtro pessoal e assim terá um sentido interno único. Neste contexto, podemos trazer as palavras de Maranhão (1996) onde ele comenta sobre “a coisificação do homem” na medida em que for negando “a experiência da morte e do morrer”<sup>161</sup>.

### 5.5 O Som da Morte (A Finitude Eternizada Na Música)

A música costuma trazer uma sensação de bons sentimentos, através de melodias que escolhemos ouvir para alegrar um dia, recordar um momento, época ou mesmo pessoa. Mas também podemos inferir que, escolhendo ou não, acabamos por ouvir canções, independentemente do estilo, nas quais somos lembrados que a morte vive à espreita, misteriosa, sempre presente, sem dormir ou mesmo sem precisar descansar.

Para esta análise vamos trazer a canção de Raul Seixas, “Canto para minha morte” do álbum “Há 10 mil anos atrás” (1976), que traz uma forma simples de entender a morte, mas de maneira verdadeira sem negar sua presença, nos provando que ela está presente em tudo que fazemos em nosso cotidiano.

Canto para minha morte<sup>162</sup>

**Raul Seixas**

Eu sei que determinada rua que eu já passei não tornará ouvir o som dos meus passos  
 Tem uma revista que eu guardo há muitos anos e que nunca mais eu vou abrir  
 Cada vez que eu me despeço de uma pessoa pode ser que essa pessoa esteja me vendo pela última vez  
 A morte, surda, caminha ao meu lado e eu não sei em que esquina ela vai me beijar.  
 Com que rosto ela virá?  
 Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer? Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque. Na música que eu deixei para compor amanhã?  
 Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro no cinzeiro? Virá antes de eu encontrar a mulher, a mulher que me foi destinada,  
 E que está em algum lugar me esperando  
 Embora eu ainda não a conheça  
 Vou te encontrar vestida de cetim, pois em qualquer lugar esperas só por mim

<sup>161</sup> MARANHÃO, 1998, p. 77.

<sup>162</sup> RAUL SEIXAS. **Canto para a minha morte**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48303/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

E no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar  
 Vem, mas demore a chegar.  
 Eu te detesto e amo morte, morte, morte  
 Que talvez seja o segredo desta vida Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida

Qual será a forma da minha morte? Uma das tantas coisas que eu não escolhi na vida?  
 Existem tantas... um acidente de carro. O coração que se recusa abater no próximo minuto  
 A anestesia mal aplicada. A vida mal vivida, a ferida malcurada, a dor já envelhecida  
 O câncer já espalhado e ainda escondido, ou até, quem sabe  
 Um escorregão idiota, num dia de sol, a cabeça no meio-fio...  
 Oh morte, tu que és tão forte, que matas o gato, o rato e o homem  
 Vista-se com a tua mais bela roupa quando vieres me buscar  
 Que meu corpo seja cremado e que minhas cinzas alimentem a erva  
 E que a erva alimente outro homem como eu porque eu continuarei neste homem  
 Nos meus filhos, na palavra rude que eu disse para alguém que não gostava  
 E até no uísque que eu não terminei de beber aquela noite...  
 Vou te encontrar vestida de cetim, pois em qualquer lugar esperas só por mim  
 E no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar  
 Vem, mas demore a chegar. Eu te detesto e amo morte, morte, morte  
 Que talvez seja o segredo desta vida  
 Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida

Nesta música podemos verificar a simplicidade de enxergar a finitude, que há qualquer instante pode entrar em nossas vidas, seja em um copo de uísque que não terminamos de tomar, em um escorregão idiota ou até mesmo em uma anestesia mal aplicada, a morte está presente em todos os eventos de nossas vidas, basta ela escolher. Nossas rotinas são atribuladas, não temos tempo de pensar em nossas vidas, apenas seguimos em frente sem olhar para trás, a sociedade está autômata, traduz a morte em apenas um incômodo não dando o devido respeito a esse fenômeno. Logo a morte, que é o maior segredo de nossas vidas e porque não dizer, o maior momento de nossas vidas, um mistério que carregamos desde o início dos tempos, um eterno tabu que não desvendamos e pelo jeito não fazemos esforço para desvendá-lo.

O mundo musical expressou a morte de inúmeras formas, passando por capa de discos, letras de músicas e até mensagens rodando o disco ao contrário, você era capaz de escutar uma mensagem falando sobre o assunto. Uma das mensagens mais famosas está na capa do disco "Abbey Road" dos Beatles de 1969, em que segundo aqueles fãs mais fanáticos decifraram que supostamente o baixista Paul McCartney estaria morto. A famosa capa que os Beatles trazem como décimo primeiro álbum na

carreira, aparece uma foto dos quatro rapazes de Liverpool caminhando em fila, onde foi interpretada como simbolizando uma procissão de um enterro. Na ordem da esquerda para direita está John Lennon, de branco, caracterizando um padre; em seguida vem Ringo Starr, de preto, que seria o agente funerário; em terceiro o suposto morto Paul McCartney, de pés descalços; e por último George Harrison, um coveiro.

Aqui podemos pensar que os fãs trazem muita imaginação em suas mentes, mas as mensagens não param por aí, a imagem ainda coloca a questão de posição dos automóveis, onde podemos notar que um dos carros está na mesma linha de Paul, bem acima da cabeça do músico, passando a mensagem subliminar que este causou a morte do baixista dos Beatles, e não podemos esquecer que os ingleses dirigem no lado esquerdo da pista. Se isso tudo não bastasse, tem uma viatura da polícia que está estacionada entre John e Ringo para atender a suposta ocorrência de trânsito. Seguindo as coincidências, Spitz<sup>163</sup> aponta mais elementos que a imagem evidencia, onde o fusca branco do lado esquerdo com a placa "LMW 28IF" e esta placa simboliza a abreviação de "Linda McCartney Widow" o que traduzindo se diz, "Linda McCartney viúva". O fusca ainda traz em sua placa o número 28, que simboliza nada mais nada menos que a idade do cantor, caso estivesse vivo. Paul se casou com Linda no dia 12 de março de 1969, ano em que o álbum Abbey Road foi lançado.

Tudo isso para dizer que, o baixista Paul McCartney havia morrido em 1966 em um acidente de automóvel, e para não prejudicar a popularidade da banda a gravadora dos Beatles "Capitol", havia conseguido um sócia para assumir o posto de baixista dos Beatles, o também inglês "Willian Campbell" que seria muito parecido com o suposto morto "Paul McCartney". No livro "The Beatles: a biografia" de Bob Spitz (2007) o autor ainda cita outro fato muito intrigante, diz que dois anos antes ao lançamento do álbum Abbey Road, foi realizado um concurso de sócias do baixista Paul McCartney, onde o inglês "Willian Campbell" foi escolhido como o mais parecido com o contrabaixista. Esse fato nos mostra que a morte movimentou a sociedade, pois este álbum vende muito até hoje, e as pessoas ainda buscam saber desse boato fúnebre. Segundo Burrows,

A capa de Abbey Road, mais uma vez fugindo do design chamativo comum na época, foi a simplicidade personificada – uma foto dos quatro Beatles atravessando uma faixa de pedestres na frente dos estúdios de Abbey Road. No verso da capa aparece um close da placa da rua. Estranhamente, o fato de Paul aparecer descalço foi usado como uma evidência de seu falecimento

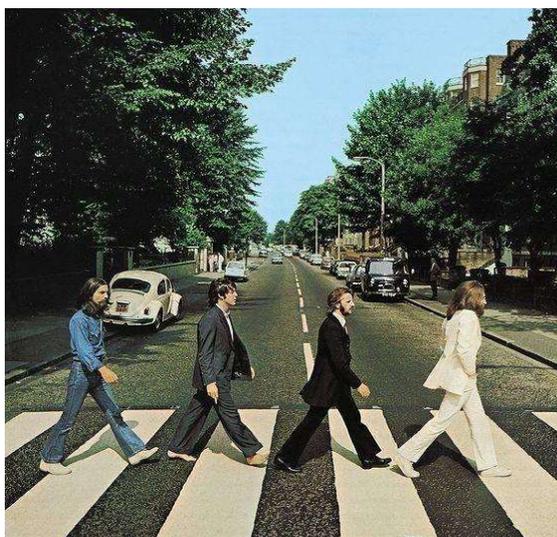
---

<sup>163</sup> SPITZ, Bob. **The Beatles**: a biografia. São Paulo: Editora Lafonte, 2007, p. 835.

na época do bem-documentado rumor “Paul morreu”, que havia começado nos EUA<sup>164</sup>.

A rua que a banda fez essa foto se tornou mundialmente famosa, e até os dias atuais, fãs e curiosos vão até o local para imitar a pose da banda atravessando a calçada. O que fortalece ainda mais a mensagem subliminar da morte de Paul em 1966, mais uma vez o lado obscuro em torno da morte e seus mistérios.

Figura 8 – Clássica capa do disco “Abbey Roud” dos Beatles 1969



Fonte: Pinterest<sup>165</sup>.

A angústia que a possibilidade da morte causa no ser faz com que ele negue este fenômeno disfarçando e olhando para o lado, como se não estivesse enxergando a possibilidade de há qualquer momento não mais existir. Esse abismo que quando nos deparamos com ele, acaba se tornando em um vazio, e nos remete a uma angústia diria Heidegger, e o mesmo reflete:

“Estamos suspensos” na angústia. Melhor dito: a angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios – os homens que somos – refugiarmo-nos no seio dos entes. É por isso que, em última análise, não sou “eu” ou não és “tu” que te sentes estranho, mas a gente se sente assim. Somente continua presente o puro ser-aí no estremecimento deste estar suspenso onde nada há em que apoiar-se<sup>166</sup>.

<sup>164</sup> BURROWS, Terry. **Tesouro dos Beatles**: reviva os agitados anos 1960 dos FAB 4. São Paulo: Lafonte, 2012, p. 53.

<sup>165</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/632333603948791917/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

<sup>166</sup> HEIDEGGER, Martin. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 39.

A música reflete uma importância singular na sociedade, ela está presente em todas as instâncias sociais, bares, paradas de ônibus, cafeterias, residências, postos de gasolina e até em velórios. Neste aspecto a música é, portanto, como a morte, está em todos os lugares. Porém a música distingue-se por ser levada até esses locais pelo homem enquanto que a morte não, fica à espreita aguardando por uma força maior, algo que não conseguimos explicar. No instante em que a melodia começa e as palavras a ela se incorporam concedendo-lhe inequívoco sentido, a música toma um significado e converte-se em simbologia no contexto social. As manifestações sonoras são uma necessidade do ser, a música traz inúmeros significados, seja esta música tocada em cerimônias religiosas ou em show de rock.

Assim, certas músicas podem trazer um sentido, pensamento ou mesmo sentimento acerca da morte, tendo o condão de nos acalantar, alertar ou simplesmente nos fazer lembrar de que a finitude está sempre presente.

O simples ato de ouvir uma sequência de notas ou repetir uma estrofe ou refrão sobre o tema conduz intrinsecamente a uma reflexão que vai instantaneamente se repetir a cada vez que a música se repetir ou lembrarmos dela.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desgaste causado pela negação associada à finitude humana pode ser visto como uma mentira a si mesmo, uma ilusão que impomos a nós mesmos, um sofrimento que causa inúmeras reações negativas na sociedade em que vivemos. Esta busca pelo infinito gera uma sociedade que condecora aqueles que melhor contrariam o ciclo natural da vida e até mesmo o real sentido da existência, muitas vezes. Ao eleger aparência jovial e dinheiro como critérios para os estereótipos de beleza e sucesso na vida, as mídias acabam por fomentar o distanciamento entre os indivíduos e um real sentido da existência. É gerado um conflito interno nos indivíduos inseridos neste contexto e conseqüentemente um sofrimento social, que resulta em uma sociedade adoecida e fragilizada.

Assim, constata-se que o indivíduo é condicionado a temer este fenômeno desde cedo, o que causa uma angústia e ansiedade generalizada, perpetuando a cultura que enxerga não só a finitude, mas até mesmo o envelhecer, como uma afronta ao viver. Assim como não se prepara o indivíduo para aceitar a morte também não se prepara a sociedade para ver com naturalidade e exaltar o envelhecer. Percebe-se o maciço enaltecimento de uma vã tentativa de ignorar a fluência do ciclo vital, uma ilusão criada em cima de uma simbologia que atrela sempre ao momento seguinte a possibilidade de descoberta de um novo real viver, e que acaba muitas vezes apenas quando o indivíduo se reconheça vivenciando seus últimos momentos.

Observa-se que atualmente ainda poucos povos conseguem aceitar com naturalidade a morte e o debate acerca do tema, que poderia inclusive, expandir a prática da contemplação do momento de morte como enaltecimento à vida e ao legado existencial do indivíduo.

Percebe-se que apesar de toda relevância deste tema e repercussões em nosso dia a dia, a sociedade demonstra que precisa de muito esclarecimento acerca do que é a morte, contudo verifica-se o esforço de alguns poucos estudiosos.

Visando manter a esperança de que um dia a morte possa ser respeitada de forma digna e sem preconceitos, a importância da fomentação do tema nos bancos de processos acadêmicos torna-se evidente.

A morte sempre será uma realidade social, vivenciada em qualquer momento e em todas as instâncias cotidianas. É um fenômeno além de nossas forças e o medo de sua ocorrência pode estar associado a uma desnaturalização da morte (e da vida,

por consequência), que é reiterada por suas caracterizações ou mesmo com a privatização do morrer. O ser humano sempre negou a possibilidade de algum dia não existir mais, pois esta possível finitude amedronta, evidencia a importância de efetivamente vivermos com sabedoria e traz um temor pelo “além morte”, que nos é desconhecido.

A finitude desperta muitas reações na sociedade, todavia, os sentimentos que ela vai despertar dependem muito da região na qual o indivíduo está inserido. Certo é que a finitude humana vai causar no ser um sentimento, indiferentemente de ser ele bom ou ruim, mas alguma reação vai ser acionada com certeza. Sempre presente em nossas vidas, ela nos faz ter inúmeras reações e representações, porém, em geral, o enfrentamento com relação à morte não costuma se caracterizar como uma etapa tranquila da vida. Ao se viver sem pensar no amanhã, ao mesmo tempo em que não se conta com o futuro existencial também não se permite a condução das escolhas lastreadas por valores sólidos, ou seja, não nos preparamos para o fim da vida. Na tentativa de se viver ao extremo e de forma acelerada, se deixa de atentar às razões de nossas escolhas, muitas vezes fúteis ao tempo. Sem a possibilidade de tempo para esta reflexão, mais difícil se torna encontrar o que se busca é a aceitação da morte como encerramento do tempo de existência. A representação que os indivíduos constroem sobre a morte revela muito sobre o que pensamos acerca de nós mesmos, nossos valores, sentido da vida, apegos, como vivemos e no que acreditamos.

Diferentemente do povo mexicano que vê a morte como um ciclo natural da vida, muitos povos não conseguem discutir e enxergar as implicações que a discussão sobre esse fenômeno acarreta sobre nós. Apesar de que cada vez que alguém morre é feito um ritual de encomendação do corpo ou mesmo um velório, a negação permanece presente, sendo inclusive todo esse processo evitado atualmente por muitos. Fica claro que, para a maior parte das pessoas, falar, lembrar ou mesmo discutir sobre finitude constitui um tabu social, sendo o assunto frequentemente evitado ou até mesmo visto como uma maldição, capaz até mesmo de atrair o fenômeno.

O resgate que um apoio emocional proporciona frente a tais dificuldades diminui toda essa problemática. Ademais, o aconselhamento pastoral pode proporcionar ajuda não somente a pacientes envolvidos em situações que envolvam morte, mas em crises emocionais originadas por causas diversas, nas quais a fala e a escuta se tornam ferramentas indispensáveis para o êxito na resolução. Um

acolhimento emocional pode diminuir consequências psicológicas e espirituais, que de certa forma podem complicar a recuperação em certos tipos de doenças, onde a chamada somatização (que são sintomas sem motivo aparente), pode atrapalhar na recuperação deste indivíduo, algo muito comum em hospitais.

Todo aconselhador pastoral necessita conhecer questões relacionadas a problemas físicos e psicológicos, e como estas dificuldades atrapalham a vida de um indivíduo. Os sentimentos devem ser respeitados, pois sabemos que as pessoas são diferentes uma das outras, cada paciente reagirá de uma forma diferente, levando em conta suas próprias limitações e angústias. Mensurar a dor de alguém é o mesmo que querer adivinhar a olho nu a distância entre o céu e a terra, algumas pessoas suportam mais a dor física do que outras e vice-versa. Há de se considerar sempre, neste aspecto, que a dor física é diferente da dor emocional.

Já que viemos a esse mundo involuntariamente, vamos embora dele da mesma forma, assim como não nos perguntaram se queríamos vir, não nos perguntarão se vamos querer ir embora. A vida é complexa, ela nos faz pensar, questionar, fantasiar, negar entre outros tantos questionamentos que se farão presentes de forma única, variável de pessoa para pessoa. Mas, em geral, concordamos que a incerteza do momento de nossa morte nos assusta. Em algum momento vamos morrer, sempre soubemos, mas dados os mistérios, dúvidas e simbologia que envolvem o tema, fica nítida nossa dificuldade em aceitar a morte, tornando esse o maior tabu da história da humanidade.

Além disso, constata-se, especificamente com relação à maioria das pessoas que trabalham na área da saúde, uma maior resistência com relação a aceitar a finitude. Isso pode se revelar até no movimento de se combater a morte e de preservar a vida a todo o custo, entrando assim, no debate ético, por exemplo. Evidencia-se relevante, neste ponto, a aceitação da morte como parte do ciclo vital de nossas vidas a fim de proporcionar uma melhor aceitação social, ou, antes, uma compreensão social.

As incertezas e mitos relacionados aos pós morte acrescidos das dúvidas que pairam sobre nossas cabeças e à força das crenças presentes acabam por tornarem essa aceitação mais difícil. O homem conhece a morte aos poucos, diferente do animal que conhece a morte somente na própria morte. Isso mostra a diferença entre ambos, onde um se preocupa a vida toda em evitar o morrer e o outro, que vai “pensar” sobre isso quando isso acontecer. Klüber- Ross enfatiza que:

Os avanços da medicina haviam convencido as pessoas de que a vida deveria ser indolor. Como a morte estava associada à dor, o assunto era evitado. Médicos brilhantes que sabiam como prolongar a vida não compreendiam que a morte era parte dessa mesma vida<sup>167</sup>.

Nesse sentido a morte vai permanecer um mistério, pois vamos realmente desvendá-la somente quando morrermos. Aí sim saberemos do que se trata o morrer, do que é feita a finitude, o que se segue após ela e todas as perguntas sem respostas serão respondidas.

Só ao final toda essa mística acerca da finitude humana vai se desfazer, mas para isso precisamos morrer. Até este momento acontecer vamos viver nossas vidas e aproveitar esse fenômeno tão singular que é viver, para que quando chegue a nossa hora possamos aceitar melhor o seguimento do ciclo vital do ser humano, contemplando o final, nosso último ato - o morrer.

Na obra "Morte", Neil Gaiman nos provoca a um novo pensar sobre modos de viver e a percebermos esse fenômeno como apenas um ciclo natural da vida. Abre inúmeras possibilidades de um olhar a partir da teologia e psicologia, proporcionando um apoio aos que se sentem despreparados para enfrentar este suposto "duelo". Pensando nisso, abordagens direcionadas a uma busca de alívio da dor que sentem os que ficam pela perda dos que se vão, é uma maneira de buscar uma maior dignidade aos próprios que enfrentam a morte em si.

Podemos considerar que os quadrinhos podem se mostrar uma ferramenta importante na compreensão desse fenômeno que persiste em perdurar como tabu na imensa maioria das culturas da sociedade atual.

Assim, a fim de evitar a propagação e perpetuação deste fenômeno comportamental se faz necessário também organizar e preparar todos os profissionais que trabalham em escolas, hospitais, cemitérios, igrejas, e todas as instâncias nas quais possa se fazer presente o fenômeno, além de fomentar a discussão em torno do assunto para minimizar consequências de possíveis futuros episódios de negação e resistência a morte.

Sendo assim, debater, esclarecer, desmistificar, compreender, entender ou mesmo desfazer o tabu, se faz fundamental para resgatar um novo aprender a lidar com a morte, sem pensar em um conflito e sim em uma passagem onde se completa o ciclo do viver.

---

<sup>167</sup> KLÜBER-ROSS, 1998, p. 154.

## REFERÊNCIAS

- AITKEN, E. V. De P. **No leito da enfermidade**. 7 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- ALVES, R. A morte como conselheira. In.: CASSORLA, R. M. S. (Org.). **Da morte estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.
- AMESTOY, S. C.; SCHWARTZ, E.; THOFEHRN, M. B. A Humanização do trabalho para os profissionais de enfermagem, **Acta Paul Enferm**, 2016.
- ANGERAMI-CAMON, V. A. **Existencialismo e Psicoterapia**. São Paulo: Traço, 1984.
- ARAÚJO, M. A.; DUARTE, F. R. Os Desafios e Dificuldades na Gestão da Comunicação Organizacional Interna: Um estudo bibliográfico. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 11, n. 37, p. 408-420, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/idonline.v11i37.841> Acesso em: 17 set. 2022.
- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ARIÈS, P.. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BAYLY, J. **Enfrentando a morte**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- BECKER, E. **La lucha contra el mal**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.
- BECKER, M. C. Aconselhamento pastoral na depressão: uma análise psicoteológica do aconselhamento pastoral diante da depressão. 247 f. Dissertação (Mestre Ciências Médicas). Faculdade de Ciências Médicas. UNICAMP. Campinas, 2003.
- BECKER, E. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, 6, 21-39, 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- BORGES, R. C. B. Direito de morrer dignamente: eutanásia, ortotanásia, consentimento informado, testamento vital, análise constitucional e penal e direito

comparado. In: SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite dos (org.). **Biodireito: ciência da vida, os novos desafios**. São Paulo: RT, 2001.

BORGES, R. C. B. **Direitos de Personalidade e Autonomia Privada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BOTEGA, N. J. Comportamento Suicida. **Epidemiologia**, v. 25, n. 3, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 20 de fev. de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Brasília/DF, 2009.

BURROWS, T. **Tesouro dos Beatles**: reviva os agitados anos 1960 dos FAB 4. São Paulo: Lafonte, 2012.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cutrix, 1982.

CASSORLA, R. M. S. Considerações sobre o suicídio. In: CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio**: estudos brasileiros. São Paulo: Papyrus, 1991.

CAVALCANTI, E. V. de P.. **Aconselhamento a pacientes terminais**. São Paulo: Presbiteriana, 1983.

CELAM. **Guia da Saúde Pastoral para a América Latina e o Caribe**. São Paulo: Loyola, 2000.

COLLINS, G. R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. São Paulo, Vida Nova, 2004.

COLLINS, G. R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

CLINEBELL, H. J. **Aconselhamento Pastoral**: Modelo centrado em libertação e crescimento. 2. ed. São Paulo: Paulus; São 104 Leopoldo: Sinodal, 1987.

CLINEBELL, H J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

COSTA, C.A; FILHO, W. D. L.; SOARES, N. V. Assistência humanizada ao cliente oncológico: reflexões junto à equipe. **Rev Bras Enfer**, Brasília, 56(3), p.310- 314, maio/jun; 2003.

D'ALESSANDRO, M. P. S.; PIRES, C. T.; FORTE, D. N. F. **MANUAL de**

CUIDADOS PALIATIVOS. São Paulo: Hospital SírioLibanês; Ministério da Saúde; 2020.

DANON, M. **Counseling**, uma nova profissão de ajuda. Curitiba: lates, 2003.

DU GAS, B. W. **Enfermagem Prática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988, p. 530-539.

DUTRA, E. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: Algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.17, n.2, pp. 152-157, 2011.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Seqüencial**. 4 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2010.

FAIRBAIRN, G. J. **Reflexes em torno do Suicídio**: a linguagem e a ética do dano pessoal. Tradução de Attílio Brunetta. São Paulo: Paulus, 1999.

FELDMANN, C. MIRANDA, M. L. **Construindo a Relação de Ajuda**. 13. Ed. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

FLIESS, R. Silêncio e verbalização: um suplemento à teoria da “regra analítica”. In: NASIO, J. D. **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FORGHIERI, Y. **Aconselhamento terapêutico**: origem, fundamentos e prática. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FRANCO, M. H. P.; ANTONIO, M. O luto antecipatório ou de como a morte anunciada retrata uma existência. In: FRANCO, Maria Hlena Pereira (org.). **Nada sobre mim sem mim**: estudos sobre a vida e morte. Campinas, SP: Livro Pleno: 2005, cap. 1, p. 19-35.

FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIV, p. 285-317.

GAIMAN, N. **Morte**: O grande momento da vida. São Paulo: DC Vertigo+Abril Jovem, 1997.

GAIMAN, N. **Edição Definitiva**. São Paulo: Panini Books, 2010.

GAIMAN, N. **Morte**. São Paulo: Panini Books, 2014.

GAWANDE, A. **Mortais**. Rio de Janeiro: Objetiva: 2015.

GIANNETTI, E. **Felicidade**: Diálogos sobre o Bem-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONZALEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicol. educ.** [online]. 2007, n. 24, pp. 155-179 . Disponível em: . ISSN 2175-3520. Acessado em 01/06/2022.

HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012.

HENRIQUES, R. M. O silêncio em análise. Monografia – Faculdade de Ciências da Saúde e Educação, Centro Universitário de Brasília, Distrito Federal, 2012.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

KITAJIMA, K.; COSMO, M. Comunicação entre paciente, família e equipe no CTI. In: Knobel, E., Andreoli, P.; Erlichman, M. (Orgs.). **Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves (101-112)**. São Paulo: Atheneu, 2008.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP; 2003.

KOVACS, M. J. Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados. **O mundo da saúde**. São Paulo: abr/jun 31(2):246-255, 2007

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fonte, 1981.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar aos médicos, enfermeiras, religiosos e aos parentes. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

KLÜBER-ROSS, E. **A roda da vida**. 5. Ed. v São Paulo; Ed. v Sextante, 1998.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios pacientes. (9a ed.).

São Paulo: WMF Martins Fontes, 1969/2008.

LIBÂNIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. **Escatologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIMA, R. S.; COSTA, J. A. The process of deathdying in nurses vision: Processo de morte e morrer na visão do enfermeiro. **Revista Ciências & Saberes**. FAEMA, 2015.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARTINS, A. A. **Consciência de finitude, sofrimento e espiritualidade**. O mundo da saúde. São Paulo: 2007.

MOLTMANN, J. **No fim, o início**: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MONTAIGNE, M. **Ensaio I – De como filosofar é aprender a morrer**. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

MONTAIGNE, M. **Que filosofar é aprender a morrer**. In idem, Os Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro (RJ): Imago, 1997.

MUNIER, R.; MÉLANCOLIE, P. L. N. **Art et pouvoirs à l'âge baroque – Crise mystique et crise esthétiqua aux XVIe et XVIIe siècles**. Paris, L'Harmattan, 1990.

PADRÃO, C. B. Considerações sobre o silêncio na clínica. **Círculo psicanalítico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 91–103, 2009. Disponível em: [http://cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes\\_sobre\\_o\\_silencio\\_na\\_clinica\\_psicanalitica.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/08.Consideracoes_sobre_o_silencio_na_clinica_psicanalitica.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022.

PERNIOLA, M. **Pensando o ritual**: sexualidade, morte, mundo. Tradução de Maria do Rosário Toschi. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

PESSINI, L. **Bioética**: Um grito por dignidade de viver. 4ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2009.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Palus, 2004.

POTTER, P. A.; PERRY, A. G. **Fundamentos de Enfermagem: Conceitos, Processos e Prática**. 4 ed. 1 v. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

PUNTEL, J. T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

PUPPO, L. R. Aconselhamento em DST/aids: uma análise crítica de sua origem histórica e conceitual e de sua fundamentação teórica. São Paulo. 247p. Dissertação Mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP, 2017.

RAUL SEIXAS. **Canto para a minha morte**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48303/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ROGERS, C. R. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo, M. Fontes, 1975.

ROGERS, C. R. Um jeito de ser. (M. Kupfer, H. Lebrão, Y. Patto , Trad.) São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 15 ed., tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SAUNDERS, C. The Last Stages of Life. *The American Journal of Nursing*, v. 65, n. No. 3, p. 70–75, mar. 1965.

SIKKEMA, K.J.; BISSET, R.T. Concepts, Goals and Techniques of Counseling: Review and Implications for HIV Counseling and Testing. *AIDS Educations and Prevention*. 9 (Sup B): 14-26, 1997.

SOUZA, A. O sentido da vida na própria vida. **Revista de Cultura Teológica**, v. 18, n. 69, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15424>. Acesso em: 12 out. 2022.

SPITZ, Bob. **The Beatles**: a biografia. São Paulo: Editora Lafonte, 2007.

STEFANELLI, M. C. **Comunicação com o paciente**: teoria e ensino. 2 ed. São Paulo: Robe Editorial; 1993.

TEXEIRA, A. T. Terminalidade da vida – aspectos jurídicos. In: GIMENES, A.C.; BATISTA, J.S.; FUJITA, J.S.; ROCHA, R. **Dilemas acerca da vida humana**: Interface entre a Bioética e o Biodireito. São Paulo: Editora Atheneu, 2015.

TOMASI, F. L. M. **Ouro testado no fogo**. São Paulo: Paulinas. 2007.

TUY, A. E. Existencialismo e a morte. **Artigos.etc.br**. 24 set. 2009. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em : 20 de jul. 2022.

VIANA, C. A. **Apostila para o Curso de Pesquisa Filosófica I**. Marília, SP: Faculdade João Paulo II, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VILLASEÑOR, R. L.; CONCONE, M. H. V. B. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 15, n. Especial12, p. 37–47, 2013. DOI: 10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial12p37-47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036>. Acesso em: 6 jul. 2023.

VIORST, J. **Perdas Necessárias**. 26ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2014). Country reports and charts available, 2014. Recuperado de [www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/country\\_reports/en/index.html](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/country_reports/en/index.html)

YALOM, I. **Os desafios da terapia: reflexões para pacientes e terapeutas**. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.